

**JEREMIAS,**  
**sacerdote e profeta**

**F. B. Meyer**

**Edições Cristãs**

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

# **JEREMIAS, sacerdote e profeta**

**F. B. Meyer**

**1ª edição brasileira:** junho de 2016

**Tradução:** R. J. A.

**Capa:** Daniel de Almeida Jané

**ISBN:** 978-85-7558-007-3

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.jee

**EDIÇÕES CRISTÃS - EDITORA LTDA.**

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - BRASIL

**Endereço eletrônico:** [edicoescristas@uol.com.br](mailto:edicoescristas@uol.com.br)

**Site:** [www.edicoescristas.com.br](http://www.edicoescristas.com.br)

# ÍNDICE

Biografia

Prefácio

1- “Me veio a Palavra do Senhor”

2 – “Eu te conheci”

3 – Cavando cisternas

4 – O segundo discurso

5 – Nas portas do Templo

6 – O “amém” da alma

7 – A bravura do Jordão

8 – A seca

9 – A roda do oleiro

10 – O fogo do impulso santo

11 – Aflições, desastres, tumultos

12 – A Palavra indestrutível

13 – Os recabitas

14 – Escondido, mas radiante

15 – O ministério da destruição

16 – A poesia mais sublime de Jeremias

17 – Embora como uma cana, permaneceu como  
uma coluna

18 – Cai na terra e morre

19 – A queda de Jerusalém

20 – Um pôr de sol nebuloso

.oOo.

## **F. B. Meyer - BIOGRAFIA**

Frederic Brotherton Meyer foi um dos pregadores mais amados do seu tempo e, por mais de 20 anos, expositor da Conferência de Keswick.

Spurgeon dizia dele: “Meyer prega como um homem que viu Deus face a face”.

F. B. Meyer nasceu em Londres em abril de 1847, no seio de uma família cristã de origem alemã abastada e devota. Estudou no Brighton College e graduou-se na Universidade de Londres em 1869. Estudou teologia no Regent’s College, em Oxford.

Sendo pastor na Capela Batista de Priory Street, foi ouvir D. L. Moody, o evangelista norte-americano. Outros membros de sua igreja também foram ouvi-lo e todos confirmaram o efeito da pregação de Moody. A partir deste momento, Moody e Meyer selaram uma amizade que durou por toda a vida.

Meyer estava dedicado ao ministério pastoral, mas deu forte ênfase no evangelismo, provavelmente por influência de Moody.

Em 1884, C. T. Studd e Stanley Smith visitaram a igreja de Meyer e foi grande o impacto produzido, pois os dois faziam parte de um grupo de sete esportistas bem conhecidos na Inglaterra e que tinham dedicado suas vidas para serem missionários na China.

A partir de 1887, Meyer começou a tomar parte na Convenção de Keswick e dela tornou-se parte integrante até 1928. Insistiu na necessidade de uma santificação prática na vida dos crentes, tanto na vida familiar quanto nos negócios; falava também quanto ao trabalho cristão feito no poder da carne, insistindo na necessidade de agirmos pelo poder divino.

A partir de 1905 estendeu seu ministério além mar, indo dos Estados Unidos até a China, passando pelo Médio-Oriente.

Com a idade de 80 anos, ele empreendeu a sua décima segunda campanha de pregação nos Estados Unidos, viajando mais de 25.000 quilômetros e dirigindo mais de 300 reuniões.

Em toda a sua vida de 82 anos pregou mais de 16.000 sermões. Foi autor de mais de 40 livros, incluindo devocionais, sermões, biografias bíblicas e seu comentário bíblico.

Biógrafos seus disseram: “A redação de seus sermões era simples e direta; polia seus escritos como um artista pule uma pedra perfeita. Havia sempre uma imaginação perfeita em suas palavras. O seu

discurso era pastoral, encantador. Nos seus dias, grandes guerras foram travadas, mas os que foram ouvi-lo esqueceram-se das batalhas”.

F. B. Meyer passou para a presença do Senhor em 28 de março de 1929.

.oOo.

## PREFÁCIO

**Jeremias encanta sempre os corações cristãos** por causa da semelhança que existe entre a sua vida e a de Jesus Cristo.

Cada um foi **“homem de dores e que sabe o que é padecer”** (Isaiás 53.3); cada um veio aos seus e os seus não o receberam; cada um teve suas horas de rejeitado, de desolado e de abandonado.

Em Jeremias podemos ver, escritas em seus detalhes, experiências que, em nosso Senhor, são relatadas só ligeiramente pelos evangelistas. Não é tarefa fácil descobrir a sequência certa das profecias de Jeremias. A chave desta ordem parece ter-se perdido; provavelmente os capítulos foram agrupados mais em função do assunto do que em função da ordem cronológica, sendo agrupados juntos aqueles que tratam do mesmo assunto. Neste livro, tenho procurado, até onde me foi possível, seguir a ordem cronológica.

Se me tivesse proposto escrever uma história dos últimos dias da monarquia de Judá, estas páginas teriam sido muito extensas, mas evitei isto e passei a considerar da história geral apenas o que precisava para compreender o papel que coube a Jeremias desempenhar. Terei cumprido perfeitamente meu propósito se conseguir fazer com que o povo cristão esteja mais familiarizado com a personalidade deste grande homem.

Por algum motivo, há muita ignorância da vida e dos dias de Jeremias, contrastando notavelmente com que brilham no hemisfério da Escritura do Antigo Testamento, nenhum brilha mais do que ele.

Há uma mensagem especial no ministério de Jeremias para os que têm sido compelidos a ficar sós, que caem ao chão para morrer, que preenchem o que falta dos padecimentos de Cristo e que pela morte se levantam para produzir fruto ao grande mundo dos homens a quem amam apaixonadamente.

**F. B. Meyer**

.oOo.

# 1

## **“ME VEIO A PALAVRA DO SENHOR” Jeremias 1.4, 11, 13**

**Se os dias de Davi e de Salomão** podem comparar-se com a primavera e o verão na história do reino de Israel, foi no fim de outono que a nossa história começa.

A influência do avivamento espiritual nos dias de Ezequias e de Isaías, que por um breve espaço de tempo tinha suspenso o processo de declínio, estava esgotado; nem mesmo as reformas do bom rei Josias, que afetaram apenas a superficialidade do coração do povo, poderiam servir para desviar um juízo inevitável.

As tribos do norte estavam cativas nas planícies da Mesopotâmia, onde, nos primórdios da história, sua raça tinha-se originado. E Judá, não aprendendo a lição da sorte Israel, sua irmã, seguia rapidamente pelo mesmo caminho, para passar logo por uma catástrofe semelhante.

O rei e a corte, os príncipes e o povo, os profetas e os sacerdotes, todos foram contaminados pelos vícios abomináveis por causa dos quais os cananeus tinham sido expulsos séculos antes da Terra Prometida.

Todo planalto tinha seu bosque de frondosas árvores, em cuja sombra se praticavam livremente os ritos idolátricos e o culto abominável da natureza. A superfície do país foi coberta de templos construídos para o culto a Baal e a Astarote, a todas as hostes do céu e a ídolos lascivos. Nas cidades, os quemarins, vestidos de negro, os sacerdotes destas práticas iníquas, andavam de lá para cá contrastando com os sacerdotes de vestes brancas do Senhor.

O povo foi ensinado a considerar o vício como parte de sua religião e a visitar continuamente casas dedicadas à impureza. Todo tipo de mal floresceu desenfreadamente. Os pobres foram roubados; os inocentes,

acusados falsamente; homens maus corriam a pegar outros homens; o roubo e o assassinato, o adultério e a idolatria, como sementes de corrupção, enchiam o ar fétido e floresciam no solo contaminado (2.20, 27, 34; 5.7, 8, 26; 9.2).

Mas foi em Jerusalém onde estes males chegaram ao clímax. Nas ruas da Cidade Santa as crianças estavam catando lenha, enquanto os pais acendiam o fogo e as mulheres amassavam a farinha para preparar tortas para Astarote, a **“rainha do céu”**, e ofereciam sacrifícios a outros deuses.

O Templo, com tantas associações sagradas, era o ponto principal do culto a Baal; seus átrios foram profanados com imagens e símbolos monstruosos e seu recinto foi usado como moradia por homens e mulheres infames. Parecia que o rei de Sodoma tinha tomado o lugar de Melquisedeque de seu antigo lar. Debaixo dos muros do Templo, bem abaixo do vale de Hinom, viam-se continuamente cenas que lembravam as mais negras crueldades do paganismo. Ali estava o alto de Tofete, que recebeu este nome do clamor dos tambores que encobriam os gritos das crianças que eram lançadas às chamas.

Era uma terrível combinação. **“O Templo do Senhor! O Templo do Senhor!”**, era o grito do formalista cruel, enquanto sob o santuário sagrado tais cenas demoníacas eram observadas. Teria sido bom se fosse a última vez na história do mundo que a profissão da verdadeira religião tivesse sido acompanhada pelo vício e pelo serviço do diabo!

Em tal Sodoma, era necessário que a voz de Deus fosse ouvida. O Juiz de toda a terra devia avisar os ímpios de uma certa retribuição, que poderia ser evitada apenas por um arrependimento genuíno. O Bom Pastor deve procurar a ovelha desgarrada. Melhor teria sido que Deus não existisse do que pensar que Ele pudesse permanecer mudo em presença de pecados que frustravam a eleição e a educação de Israel e que ameaçavam acabar com a sua existência como povo.

Mas, se Deus fala, deve ser através dos lábios do homem, porque, se Sua voz ferisse diretamente o homem pecador, o paralisaria de temor ou pareceria a este apenas como um trovão. É por isto que, através dos tempos, o Espírito Divino tem percorrido o mundo buscando os lábios preparados de almas escolhidas por meio dos quais possa falar. Procura-os também hoje.

Os homens ainda são o meio de comunicação de Deus com os homens. A nós, como a Ezequiel, o Espírito Divino diz: **“Filho do homem,... da Minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da Minha parte”** (Ezequiel 3.17).

No chamado de Jeremias, descobrimos que tipo de homem Deus escolhe para Se comunicar. E nossa descoberta nos deixará assombrados. Encontraremos o tesouro celestial em uma simples

vasilha de barro, não na metrópole, mas na pobre vila de Anatote, a cinco quilômetros ao norte; não em um ancião, mas em um jovem; não entre os abastados e nobres, mas na família de um simples sacerdote; não em um homem poderoso como Elias, eloquente como Isaías, ou místico como Ezequiel, mas em um que era tímido e modesto, consciente de sua própria impotência, desejando uma simpatia e um amor que nunca teria de conhecer. Tal foi o elemento escolhido pelo qual a palavra do Senhor chegou àquele século corrompido e degenerado.

Não devemos esperar que um olhar superficial possa descobrir as qualidades que determinaram a eleição divina de Jeremias. Mas isto não é estranho. Os instrumentos do propósito divino em todos os séculos têm sido aqueles que o homem não teria escolhido.

Deus sempre **“escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus”** (1ª Coríntios 1.27-29).

Sua família pode ser pobre em Manassés e você pode ser o menor na casa de seu pai, no entanto, se Deus pega você pela Sua mão, fará uma maravilhosa libertação.

Havia vários motivos pelos quais ninguém ligaria para Jeremias:

## **ERA JOVEM**

Não sabemos que idade ele tinha, mas era bastante jovem ao ponto de se desculpar diante do chamado de Deus, dizendo: **“Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança”** (1.6). Sem dúvida, como criança, tinha gozado de determinadas vantagens. Era de uma família sacerdotal; seu pai, Hilquias, pode ter sido o sumo sacerdote que, no desempenho de seu serviço sagrado no Templo, descobriu o rolo do manuscrito que resultou ser uma cópia do Livro da Lei e que levou à reforma nos dias de Josias.

Seu tio, Salum, era o marido de Hulda, a profetiza, nos quais ardia a chama do fogo da antiga fé hebraica, mesmo naqueles dias de degeneração quase universal. Safã, Baruque e Hananeel eram provavelmente seus companheiros de mocidade e depois formaram um grupo que manteve as tradições mais nobres da vida nacional. No entanto, Jeremias era apenas uma criança.

Frequentemente, Deus tem escolhido jovens para serviços eminentes: Samuel e Timóteo, José e Davi, Daniel e Jeremias; Calvino, que escreveu as “Institutas” antes mesmo de ter vinte e quatro anos; e



Wesley que tinha apenas vinte e cinco anos quando inaugurou o grande sistema do Metodismo.

Em cada século da Igreja olhos bem jovens têm lido ansiosamente este versículo e têm ousado acariciar a esperança de que, já que a mocidade não incapacitou Jeremias, assim também não os incapacitaria para um serviço especial para Deus.

A certeza que você deve ter é que Deus tenha chamado realmente você e esta convicção pode ter-se só depois de uma consideração muito cuidadosa.

Em primeiro lugar, deve-se ter a consciência de um forte impulso interior que está mais presente nas horas mais santas, mas que nunca se afasta e que frequentemente se sente puro e forte na alma. Em segundo lugar, há um certo apoio da Providência Divina, pelo qual portas parecem estar fechadas e aberta aquela que conduz à meta desejada. Além disto, há uma adaptação natural, um consenso de opinião entre amigos e conselheiros e uma constante voz do Espírito por meio da Palavra.

## **ERA NATURALMENTE TÍMIDO E SENSÍVEL**

Por natureza, parece ter sido formado num molde muito delicado para poder combater os perigos e dificuldades de seu tempo.

Lembra-nos de um habitante do mar, acostumado a viver dentro de sua concha, mas repentinamente privado de sua caixa protetora e lançado sem proteção contra rochas com cantos vivos.

A queixa amarga de sua vida posterior era que a mãe o tinha trazido a um mundo de lutas e de contendas. E foi em relação à timidez natural de sua disposição que o Senhor prometeu colocá-lo **“por cidade fortificada, por coluna de ferro e por muros de bronze, contra todo o país”** (1.18).

Muitos são moldados deste jeito. Têm a sensibilidade de uma menina e o organismo nervoso de uma gazela; gostam mais das posições inferiores com seu tapete de areia prateada do que das ondas fortes que provam a força de um homem.

Preferem correr com homens a pé; não têm desejo de enfrentar cavalos. Amam a terra de paz em que estão seguros e receiam a bravura do Jordão.

Apesar disto, as pessoas como Jeremias podem desempenhar um papel heroico no teatro do mundo se permitirem que Deus ponha o ferro de Sua fortaleza sobre as linhas de sua fraqueza natural. Sua força só

se aperfeiçoa na fraqueza. É para os que não têm poder que Ele aumenta a força.

Bem-aventurada a alma que pode olhar para o alto esquecendo-se de sua completa impotência e dizer como Jeremias: **“Meu refúgio és Tu, no dia do mal”** (17.17), ou como Miquéias, em anos anteriores: **“Eu, porém, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, cheio de juízo e de força, para declarar a Jacó a sua transgressão e a Israel, o seu pecado”** (Miqueias 3.8).

## **RECEOU ESPECIALMENTE A CARGA QUE FOI CHAMADO A CARREGAR**

Nos primeiros capítulos, seu tema predileto tinha sido a misericórdia de Deus, o ilimitado de Sua compaixão, a ternura de Sua piedade, enquanto rogava ao povo que se voltasse para Deus; ali encontramos uma ternura em seu Deus e um algo patético em seu discurso que provam que seu coração estava inteiramente na obra.

Algumas de suas mais lindas alusões referem-se a cenas naturais que têm por objeto manifestar o amor de Deus a almas apóstatas, mas arrependidas. A misericórdia de Deus é como **“uma fonte de águas vivas”** (17.13), ou como as ondas do oceano que lambem o banco de areia que não podem atravessar; ou como o grande amor de um marido que não pode esquecer o dia de seu casamento no meio da infidelidade que arruinou a paz de seu lar.

Mas ser encarregado de uma mensagem de juízo, anunciar o dia de aflição, opor-se a toda sugestão de resistência heroica, atacar as ordens proféticas e sacerdotais (a cada uma das quais ele pertencia e em cuja ira incorreu), os crimes pelos quais foi denegrido; esta foi a comissão que menos teria escolhido. **“Eu não me recusei a ser pastor, seguindo-Te; nem tampouco desejei o dia da aflição, Tu o sabes”** (17.16).

## **ERA CONSCIENTE DE SUA FALTA DE ELOQUÊNCIA**

Como Moisés, poderia dizer: **“Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a Teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua”** (Êxodo 4.10). Como Isaías, poderia clamar: **“Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos!”** (Isaías 6.5). Como o apóstolo Paulo poderia afirmar: **“A minha palavra e a minha**

**pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria”**  
(1ª Coríntios 2.4).

**“Então Lhe disse eu: “Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança”** (1.6).

Os que melhor falam por Deus são, geralmente, os menos dotados de eloquência humana porque, se têm naturalmente este dom (o grande poder de comover aos homens), há um perigo iminente de depender dele e atribuir os resultados a seu encanto magnético.

Deus não pode dar Sua glória a outrem. Não pode compartilhar Seus louvores com os homens. Ele não ousa expor Seus servos à tentação de sacrificar a sua própria rede ou confiar em suas próprias habilidades. E é por isto que, frequentemente, escolhe lábios não eloquentes, os toca com Seu dedo e deixa Suas palavras balbuceando ali, tornando-os meios idôneos para expor Seus pensamentos no altar da alma. DEle, por meio dEle e para Ele devem ser todas as coisas, para que a glória seja dEle para sempre.

Não se desespere você, pois, por causa destas aparentes impotências. Nenhuma delas pode negar a você ouvir a voz de Deus. No entanto, a voz do Senhor virá a você; não por sua causa, mas por causa daqueles a quem você será enviado.

O único que Deus demanda de você é a absoluta consagração ao Seu propósito e o desejo de desempenhar qualquer comissão que Ele lhe reservar. Se você concordar com isto, tudo o mais lhe será dado. Acalmará você: **“Não temas”** (1.8). Segurará você em Sua presença: **“Eu sou contigo para te livrar”** (1.8). Equipará você: **“Estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras”** (1.9).

Como veio a palavra do Senhor a Jeremias não sabemos; se foi em voz alta, como a Samuel, ou se foi nas profundezas da alma. Mas, quando veio, ele a reconheceu. E nós também a reconheceremos. Deus permita que tenhamos o ouvido pronto e o coração obediente!

.oOo.

## 2

**“EU TE CONHECI”**

**Jeremias 1.5**

**Deus tem um plano para cada um de Seus filhos.** Desde o pé da cruz, onde está o berço de nosso segundo nascimento, até a margem do rio, onde abandonamos nossa armadura, há um caminho que Ele preparou para que andemos por ele. Suas asperezas e subidas, sua erva suave e suas sombras amenas, sua escalada à montanha e descida ao vale da sombra da morte, tudo tem sido idealizado e delineado por Sua sabedoria sem igual e Seu amor infalível. O caminho tem sido preparado; só temos que andar por ele.

De outro lado, Deus nos preparou para o caminho que Ele mesmo escolheu. Somos feitura Sua, criados para as boas obras que Ele já tinha preparado. Não há emergências no caminho pelas quais não tenha sido feita provisão antecipada; não há aptidão em nós que, mais cedo ou mais tarde, não tenha sua aplicação e uso.

Desde o início de seu ser, Deus tinha um plano para a carreira de Jeremias, para a qual o preparou. Antes mesmo que ele tivesse consciência disso, na mesma origem de seu ser, as mãos do Supremo Obreiro estenderam-se desde o céu para moldar o barro plástico para o propósito que Se propunha.

Observem-se estas expressões: **“Te conheci”, “te consagrei” e “te constituí profeta às nações”** (1.5). Deus sempre forma aqueles que tem nomeado e santificado para qualquer grande obra.

Indague qual é seu trabalho no mundo. Com que finalidade você nasceu, para a qual você foi consagrado e pela qual você foi concebido no pensamento criador de Deus.

Que existe um propósito divino em sua vida é certeza absoluta. Procure que lhe seja permitido realizar este propósito. Deus formou você para ele e entesourou em sua mente tudo o que Ele sabia que era necessário para a obra de sua vida.

Cabe a você elaborar e melhorar ao máximo os dois talentos que você tem. Não inveje aquele que tem cinco talentos. Os outros três não são necessários para o alvo com que você foi criado e que foi designado para você cumprir.

Para você realizar o propósito divino em sua criação são suficientes a redenção e o chamado divino, seja para o que for. Não seja ciumento ou cobiçoso; é suficiente você ser o que Deus queria que você fosse e seja sempre o melhor que lhe seja possível.

## **I. O PROPÓSITO DIVINO**

**“Eu te conheci,... te consagrei,... e te constituí profeta às nações”** (1.5). Naquela época degenerada, o grande Amante das almas precisava de alguém que falasse por Ele e o decreto divino determinou

as condições de nascimento, o caráter e a vida de Jeremias. Não podemos saber como isso se coaduna com o exercício da vontade e a eleição pessoal por parte do jovem profeta. Só podemos ver as duas bases do grande arco, mas não o arco inteiro, pois que a neblina dos anos o encobre e temos vista imperfeita.

Alguns procuram explicá-lo introduzindo o pensamento da presciência e citam as palavras: **“Aos que de antemão conheceu também os predestinou”** (Romanos 8.29), mas isto só aumenta um pouco mais o mistério.

É sábio descobrir, se possível, quando começa a vida, a direção do propósito divino. Há quatro considerações que nos ajudarão. A primeira é a indicação de nossas aptidões naturais porque estas, quando usadas pelo Espírito Divino, chegam a ser dons ou talentos. Em segundo lugar, o impulso ou a energia do Espírito Divino opera em nós tanto o querer quanto o efetuar o que é da Sua vontade. Em terceiro lugar, temos o ensino da Palavra de Deus. E em quarto lugar, as evidências das circunstâncias e as necessidades da vida.

Quando estas ocorrem e convergem em um ponto, não deve haver dúvidas quanto ao propósito e ao plano divinos. Foi assim como Deus revelou a Samuel, a Jeremias e a Saulo de Tarso o futuro a que eles estavam destinados. E é extremamente gostoso quando, desde o início da juventude até a flor e o fruto da idade madura, a visão celestial tem moldado o teor e o desenvolvimento completos da vida.

Mas, em certos casos, onde o propósito divino não é claramente descoberto, onde os fragmentos de mármore destinados ao piso estão amontoados e sem um plano aparente, devemos atrever-nos a crer que Deus tem um propósito para cada um de nós e que, se formos fiéis a nossos ideais mais nobres, não deixaremos de completar a vontade divina e nos será permitido algum dia descobrir sua simetria e beleza.

Talvez o propósito mais nobre para qualquer um de nós seja realizar aquela palavra que Deus dirigiu a Jeremias: **“A todos a quem Eu te enviar, irás; e tudo quanto Eu te mandar falarás”** (1.7).

Fazer a vontade de Deus! Ser como anjos poderosos, que executam Seus mandatos, escutando-Lhe Sua palavra! Ser como meninos mensageiros em algumas de nossas grandes cidades que esperam, prontos para desempenhar qualquer missão que lhes seja confiada! Saber que Sua mensagem lhe é dada como a carta que está colocada sob as asas do pombo correio! Seguir ocupando o lugar em que temos sido colocados sob a providência de Deus e ocupá-lo para Deus até que Ele nos mande fazer outra coisa! Tais são os segredos áureos para sermos uma bênção e de utilidade.

## II. INFLUÊNCIAS FORMATIVAS

É muito interessante estudar as influências que se fizeram sentir na formação do caráter de Jeremias. Encontramos o caráter e a disposição de sua mãe e o serviço sacerdotal de seu pai; a beleza pitoresca da vila de Anatote, seu lugar de nascimento, no caminho real, a cinco quilômetros ao norte de Jerusalém, rodeada das famosas colinas de Benjamim e olhando em direção às águas azuis do Mar Morto, brilhando ao pé das montanhas purpúreas de Moabe. Ali estava nas proximidades da Cidade Santa, tornando-lhe possível estar presente em todas as festas religiosas para receber instrução semelhante à que poderiam prover os melhores seminários.

Tinha também o companheirismo e a vizinhança de famílias piedosas que ainda conservavam a religião de seus antepassados e entesouravam como relíquias sagradas a literatura, os salmos, a história de tempos mais puros e melhores. Ali estavam também os profetas Naúm e Sofonias, que iluminavam como brilhantes constelações naquele céu escuro e com quem logo deveria unir-se.

Sua mente era evidentemente muito sensível a todas as influências bem na sua tenra idade. Seu discurso está saturado de referências a figuras naturais e costumes nacionais, da vida dos homens, e da literatura mais antiga da Bíblia.

Consideremos, por exemplo, seu primeiro sermão, no qual se refere à história do Êxodo e aos rogos do Deuterônomo, ao rugido dos leõezinhos e aos hábitos do jumento montês, às dromedárias em suas caminhadas e ao árabe do deserto; ao murmúrio do arroio e ao cavar da cisterna. Sua alma viva e sensível prazerosamente incorpora as influências da vida variada a seu redor e as reproduz.

Muitos fios foram tecidos no tear de sua mente. Muitas flores misturaram seu perfume no jardim de seu coração. Muitas cordas produziram a música de seu discurso.

E é assim como Deus está trabalhando constantemente, formando-nos e modelando-nos. Sempre que você é chamado a passar por uma experiência inusitada, dura e difícil, console-se com o pensamento de que você está sendo preparado para algum propósito que ainda não lhe foi revelado, mas que será necessária para um dia poder realizar aquele propósito.

Um dia, ao olhar para trás em sua vida, você verá que tudo foi ordenado para capacitá-lo a cumprir o ministério em benefício de outros e que não teria sido tão dignamente realizado se você tivesse evitado lágrimas, os trabalhos e a privação de um único dia.

O plano de Deus compreende toda a vida. O propósito de Deus dá significado a muitas experiências estranhas pelas quais passamos. Seja

valente e confie! Se Deus usar você, certamente lhe recompensará. Ele não é injusto, esquecendo-Se do que você fizer.

Há uma ilustração notável disto numa das cenas finais da vida de José. Falando a seus irmãos a respeito da cisterna onde foi colocado e de suas aflições, ele disse: **“Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem”** (Gênesis 50.20).

Com a experiência da vida, José pôde ler a mente de Deus naquela triste e misteriosa providência e, se lhe pedissem que manifestasse sua opinião quanto à razão que teria levado Deus a fazer-lhe passar por aquelas provas e trabalhos dos primeiros dias, que se desvaneciam rapidamente com a neblina dos anos, provavelmente teria respondido: “Deus me preparava para o meu futuro, adaptando-me para as tarefas que tinha preparado para mim, disciplinando-me e equipando-me para o cargo que me esperava, e nenhum incidente pelos quais passei em todos estes anos poderia ter sido omitido a não ser com uma grande desvantagem para o meu presente”.

### **III. HOUVE TAMBÉM UMA PREPARAÇÃO ESPECIAL E SEGURANÇA PARA A OBRA DE SUA VIDA**

**“Depois, estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca e o Senhor me disse: Eis que ponho na tua boca as Minhas palavras”** (1.9).

Assim também, anos antes, o querubim tinha tocado os lábios de Isaías. Nos é recordado que o Senhor Jesus prometeu que o Espírito do Pai poria palavras apropriadas nos lábios de Seus discípulos quando fossem chamados perante os tribunais de seus inimigos (Mateus 10.19).

As palavras são o dom especial de Deus. Com elas foi dotada a Igreja no dia de Pentecostes. Quando o homem começa a falar segundo o Espírito lhe faculta, é sempre uma evidência de que a pessoa está cheia do Espírito.

Deus nunca nos comissiona sem antes nos dizer o que devemos dizer (1.7); se estamos vivendo em comunhão com Ele, imprimirá Sua mensagem em nossa mente e enriquecerá nossa vida com as palavras apropriadas com que aquelas mensagens devem ser comunicadas aos nossos semelhantes.

Será que estas palavras são lidas por alguns que, como Moisés, carecem deste nobre dom, cujas palavras caem mortas, sem causar nenhuma impressão? Pois, então, ofereçam seus lábios para falar não com palavras de sabedoria humana, nem com a graça da humana eloquência, mas com o poder e a demonstração do Espírito Santo e

então seu pedido não lhes será negado. Se a glória de Deus é nosso único objetivo, a mão de Deus se estenderá para tocar a nossa boca e deixará ali Suas palavras.

Outras duas certezas também lhe foram dadas. A primeira: **“A todos a quem Eu te enviar irás”** (1.9). Isto fez com que o discurso do profeta fosse definitivo e direto. Em segundo lugar: **“Não temas diante deles, porque Eu sou contigo para te livrar, diz o Senhor”** (12.8). Esta é uma declaração que foi notavelmente cumprida, como veremos no decorrer de nosso estudo.

Estas são palavras admiráveis, dirigidas a todos nós, quando Deus nos manda desempenhar uma missão neste mundo. Pode ser mais ou menos abrangente, como reger um império ou cuidar de um único menino; ser um apóstolo ou cuidar de algumas ovelhas no deserto. Mas somos enviados precisamente como o foi Jesus desde o seio do Pai – enviados a aprender, enviados a sofrer, enviados a executar, enviados a uma missão, assim como foi José enviado desde a tenda patriarcal.

É precisamente enquanto estamos no caminho preparado, executando a missão assinalada, que Ele está conosco. Podemos desafiar a morte, pois levamos uma vida na Sua vontade. Somos mais do que vencedores. A música de Sua voz soa em nosso coração, mesmo que a difamação e o terror estejam ao nosso redor (20.10). Os homens pelejam contra nós, mas não poderão prevalecer porque o Senhor dos Exércitos está conosco e o Deus de Jacó é o nosso refúgio (1.19).

#### **IV. FINALMENTE, DEUS CONCEDEU A SEU FILHO UMA VISÃO DUPLA**

De um lado, uma vara de amendoeira que floresce assegurou-lhe que Deus cuidaria dele e velaria para o imediato cumprimento de suas predições; de outro, a panela fervente no fogo, cuja boca estava inclinada para o Norte, indicava o desenvolvimento do mal. Assim, o pêndulo da vida oscila de cá para lá, ora para a luz, ora para a escuridão. Mas bem-aventurado é o homem cujo coração está fixo no Senhor. Ele está escondido no segredo do pavilhão de Deus da contenda das línguas e habita no lugar secreto do tabernáculo do Altíssimo. Os homens podem pelejar contra ele, mas não podem prevalecer contra ele, porque está rodeado do cuidado do Senhor.

Da mesma maneira como o Senhor falou a Jeremias, também se dirige a nós: **“Pelejarão contra ti, mas não prevalecerão; porque Eu sou contigo, diz o Senhor, para te livrar”** (1.19).

É como alguém já disse: “O homem é imortal até terminar a sua obra”.



Houve um período na vida de Jeremias em que parecia ter-se afastado do caminho da completa obediência (15.19). Parecia ter retrocedido de seguir o plano recebido do Senhor. Rodeado de contendas e lutas, malvisto como se fosse um usurário, recriminado e ameaçado de morte, desanimou e desmaiou em seu caminho.

Imediatamente teve medo de que a proteção divina lhe fosse retirada. Estamos seguros somente quando estamos dentro do plano de Deus. Quando voltou à vontade de Deus, preciosas promessas lhe foram renovadas e de novo soaram a seus ouvidos: **“Eu te porei contra este povo como forte muro de bronze; eles pelejarão contra ti, mas não prevalecerão contra ti; porque Eu sou contigo para te salvar, para te livrar deles, diz o Senhor. Arrebatá-lo-ei das mãos dos iníquos, livrá-lo-ei das garras dos violentos”** (15.20-21).

.oOo.

### 3

## CAVANDO CISTERNAS

**Provavelmente foi curto o intervalo** entre o chamado de Jeremias e o início de sua sagrada missão. Quando o Espírito de Deus estabelece um sistema de comunicação entre Ele mesmo e a alma que tem escolhido para falar por Ele, é provável que a use constantemente. É difícil montar uma linha de fios de transmissão nas profundidades do oceano, mas, uma vez montada a linha de transmissão, as mensagens correm de lá para cá continuamente. Assim, pois, nos é dito que esta alma jovem e ardorosa recebeu **“a palavra do Senhor”** (2.1). Recebendo-a, estremeceu.

Ele fala pouco do conflito inevitável prognosticado pela voz divina. Não parou para estimar a opressão da oposição que, segundo o aviso celestial, viria como uma tempestade. Foi-lhe dito que reis e príncipes, sacerdotes e povos pelejariam contra ele, mas naquela alegria de sua juventude, pensou mais na presença do Senhor que tinha prometido fazer dele uma cidade inexpugnável, uma coluna de ferro e um muro de bronze contra toda a terra.

É mui ternamente que Deus nos encobre o futuro e nos dirige passo a passo! Mas há uma diferença entre as esperanças elásticas da juventude e a experiência da idade madura. Os primeiros capítulos de Jeremias são diferentes das suas Lamentações da mesma maneira como é diferente o primeiro verdor da folhagem na primavera da folhagem desbotada do outono.

Ao estudarmos as palavras e os feitos deste profeta, o mais humano de entre eles, deixemos que os seus tristes clamores e orações nos lembrem o Homem Divino cujo manso espírito foi tão refletido neste Seu servo. Ele sempre está agindo a favor de Seus servos, lutando contra todo tipo de pecado e procurando estabelecer Seu reino de justiça, paz e gozo.

Nas palavras de Jeremias temos seus veementes rogos; nas orações de Jeremias temos os ecos das intercessões indizíveis do Espírito Santo; nos conflitos de Jeremias temos o antagonismo divino contra a carne e o sangue, contra os governantes das trevas deste mundo; nas Lamentações de Jeremias temos o pesar divino pela obstinação humana.

Este sacerdote e profeta da Jerusalém de Davi e Salomão tinha que seguir um curso extraordinário ao apresentar no espelho opaco de sua vida a cruz e a dor do verdadeiro Sacerdote e Profeta da Jerusalém restaurada.

## I. A DUPLA CARGA DO PROFETA

Quando Jeremias começou seu ministério, indo de Anatote a Jerusalém com este propósito (2.2), Josias, ainda que tivesse apenas vinte e um anos de idade, já fazia treze anos que estava no trono. Estava começando aquelas medidas de reforma que serviram para retardar, ainda que não para evitar, a condenação da cidade e da nação. Suas atitudes foram tão drásticas como as de Cromwell e seus soldados em seus esforços para tirar todo o vestígio do papado das igrejas e edifícios públicos. **“Na presença dele, derribaram os altares dos baalins; ele despedaçou os altares do incenso que estavam acima deles; os postes-ídolos e as imagens de escultura e de fundição, quebrou-os, reduziu-os a pó e o espargiu sobre as sepulturas dos que lhes tinham sacrificado. Os ossos dos sacerdotes queimou sobre os seus altares e purificou a Judá e a Jerusalém”** (2º Crônicas 34.4-5).

Certamente, as aves graznaram ao serem cortadas as árvores nas quais durante tantos anos tinham feito seus ninhos. As formas mais grosseiras de idolatria tinham prevalecido quase sem oposição durante

setenta anos. As orgias ímpias e os ritos degradantes que permitiam o vício como uma parte da religião estavam em harmonia com os gostos depravados do povo.

O que sentiram os eclesiásticos e o povo para com Henrique VIII, quando seus oficiais executaram sua obra de destruição, demolindo mosteiros, deve ter sido sentido naqueles primeiros anos do reinado de Josias.

E o resultado foi, em primeiro lugar, que a obra de reforma foi em grande parte superficial. Não penetrou no coração, nem mudou a tendência da eleição nacional. E, em segundo lugar, esta política fortaleceu um partido político que resolveu fazer uma aliança mais forte com o Egito que, sob Psamético, tinha declarado sua independência do rei da Assíria. Foi nestas duas direções que o jovem profeta foi chamado para exercer sua influência.

**a) Em primeiro lugar, protestou contra o pecado que prevalecia a seu redor.**

O único pensamento do povo era conservar o conhecimento exterior do Senhor, mantendo o serviço e os ritos do templo. Se estes eram observados rigorosamente, parecia-lhes que não havia porque serem acusados de pecado de apostasia. Insistiram em que não estavam contaminados (2.23) e insistiram monotonamente **“templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este”** (7.4).

Era a missão de Jeremias mostrar que a observância simplesmente exterior era mais que inútil e era compatível com um abandono de Deus. Da mesma maneira como as flores à beira do precipício ocultam o abismo fatal, assim também uma profissão nominal é compatível com o completo ateísmo e com a pior forma de ateísmo, porque é como um ataque ao coração por uma crença aparente.

Isto explica as denúncias claras de pecado que saíram dos lábios ardorosos do jovem profeta. Inclui os sacerdotes e os que se ocupavam com a lei, os pastores e os profetas em suas amargas recriminações (2.8). Cita o vale de Hinom, com seus ritos obscenos e cruéis como evidência contra eles (2.23); o sangue das crianças atiradas ao fogo é descoberto nas suas vestes (2.34); as árvores dos bosques murmuram o que têm visto à sua sombra e as rochas relatam histórias que não ousam esconder (2.20; 3.6). Adotam-se metáforas que a arte humana pode sugerir para fazer com que o povo reconheça a sua infidelidade a Deus, seu grande Amante e Redentor (3.20).

**b) Também protestou contra a ideia de fazer uma aliança com o Egito.**

A pequena terra de Canaã estava entre os vastos impérios rivais com sede no Nilo e no Eufrates, parecendo a Suíça entre a França e a Áustria. Foi exposta, pois, à passagem de imensos exércitos que, como lagostas, tudo destruíam ou a incursões de um a outro dos belicosos vizinhos. Sempre tinha sido política de um partido considerável na corte de Jerusalém fazer aliança ou com o Egito ou com a Assíria.

No tempo de Ezequias e de Manassés, a tendência tinha sido para a Assíria; agora era para o Egito que, de uma maneira notável, tinha-se livrado do jugo de que o rei Esaradom, em três terríveis batalhas, tinha procurado se livrar.

O profeta opôs-se fortemente a estas propostas. Por que seu povo havia de unir-se a qualquer nação pagã? Deus não era o seu Rei? Em caso de calamidades abrumadoras, Deus não os socorreria?

A política de Jeremias era permanecerem sós, não comprometidos com alianças com estrangeiros, mas descansando apenas no grande poder do Senhor, servindo Seus propósitos, fiéis à Sua lei, dedicados à Sua vontade. **“Que lucro terás indo ao Egito para beberes as águas do Nilo; ou indo à Assíria para beberes as águas do Eufrates?... Que andar leviano é esse dos teus caminhos? Também do Egito serás envergonhada, como foste envergonhada da Assíria. Também daquele sairás de mãos na cabeça; porque o Senhor rejeitou aqueles em quem confiaste, e não terás sorte por meio deles”** (2.18, 36-37).

Esta, pois, era a missão de Jeremias – estar quase só; protestar contra os pecados do povo, que foram cobertos por sua vaidosa reverência para com o Senhor, a Quem adoravam como a divindade tutelar da terra, além de muitos outros deuses falsos; e opor-se à política da corte, que procurava cultivar relações amistosas com a única potência que parecia ter poder para ajudar a sua pátria na terrível luta contra o reino do Norte que parecia iminente (1.15).

E este ministério foi exercido em meio à oposição mais virulenta. Aqui estava um sacerdote que denunciava as práticas dos sacerdotes; um profeta que denunciava as mentiras dos profetas. Não era coisa fácil descobrir as falsidades dos sacerdotes e dos profetas e acusá-los de curar a chaga de seu povo levianamente, dizendo **“Paz! Paz!”** quando não havia paz.

Não devemos estranhar, pois, que os partidos mais poderosos do estado conspiraram contra ele, como em dias posteriores Pilatos e Herodes uniram suas mãos contra Cristo.

## **II. AS FIGURAS QUE USOU**

Trata-se de uma cena nas montanhas. Naquele pequeno vale verde, uma nascente surge das profundidades e lança sua corrente

prateada vale abaixo. Pode-se ouvir um murmúrio musical e traçar seu curso pela vegetação em suas beiradas. Flui sempre abundantemente para jovens e anciãos, para os moradores das aldeias e, quando se torna mais cheio e mais largo, para os moradores nas cidades maiores, por onde passa em seu curso. Mas suas beiras não são visitadas, nada desce às suas profundidades cristalinas; no que diz respeito a propósitos práticos até poderia deixar de correr.

Longe daquele vale verde, ouve-se o barulho da picareta e logo se descobre gente de todas as idades e tipos ocupada em fazer cisternas para seus lares. As gotas de suor molham seus rostos enquanto desde o amanhecer até altas horas da noite dedicam-se à árdua tarefa de cortar o duro granito. Não querem usar os materiais de tempos anteriores, nem usar as cisternas meio concluídas que foram abandonadas por seus antepassados.

Cada homem tem o seu próprio plano, suas ideias a respeito. Trabalha nele quando a primavera lança seu manto verde sobre os pastos que chegam até a beira da pedreira e quando o calor faz com que a pedreira seja como um forno. Quando os outros estão recolhendo a colheita de uvas purpúreas ou o grão dourado, ele permanece em seu trabalho e continua até mesmo durante o rígido frio do inverno.

Chama seus vizinhos para verem seu desejo realizado e espera a chuva. Algum dia ela virá e enche-se de orgulho e de prazer ao pensar na quantidade de água que poderá armazenar. Mas... eis que ela não permanece. Da mesma maneira com entra, ela sai. Há uma rachadura ou a pedra é porosa demais. Ele descobre que, apesar de todo o cuidado, as cisternas abertas na rocha não conservam a água e isto é o que todo vizinho seu, mais cedo ou mais tarde, experimentará.

Que imenso erro passar da fonte que flui gratuitamente para aplacar a sede e preparar cisternas rotas que são apenas decepção e desespero! No entanto, disse o profeta, este é o caso de Israel. Israel fez o que nenhuma outra nação fez, desde o mar de Chipre, no ocidente, até Quedar, no oriente. Pelo menos, os pagãos eram constantes com os seus deuses.

As religiões falsas eram próprias das terras onde tinham suas origens: adoravam seus mesmos ídolos, executavam os mesmos ritos, gerações sucessivas enchiam os mesmos templos.

Mas o povo do Senhor O tinha abandonado como uma jovem pode deixar seus enfeites ou uma noiva suas vestes e, correndo para religiões falsas e alianças pagãs, estavam fazendo cisternas rotas que não os serviriam na hora da necessidade.

Pateticamente, o profeta lhes recorda o passado. A ternura de sua juventude, o amor do seu casamento, sua santidade para o Senhor e o canto com que celebraram sua libertação à beira do Mar Vermelho,

sugerindo um triste contraste com os males que agora maldiziam em sua terra. Através dele ouve-se a voz de Deus que lhes pergunta porque apostataram.

O capítulo está cheio de perguntas, como se Deus quisesse descobrir o motivo por O terem abandonado. **“Que injustiça acharam vossos pais em Mim, para de Mim se afastarem, indo após a nulidade dos ídolos e se tornando nulos eles mesmos?... Porventura, tenho Eu sido para Israel um deserto? Ou uma terra da mais espessa escuridão? Por que, pois, diz o Meu povo: Somos livres! Jamais tornaremos a Ti?”** (2.5, 31).

Não há coisa mais triste do que o minguar do amor, quando estamos obrigados a sentar à beira do mar e ver as águas diminuírem, afastando-se de onde as ondas brincalhonas tinham chegado. Isto ofusca a vista e tira a firmeza dos pés. A vida não voltará a ser o que era antes. A maré pode voltar, mas nunca apagará a lembrança da minguia e o temor de que volte.

Esta experiência humana é algo semelhante com o sentimento do Eterno quando viu a Israel, por quem tanto tinha feito, voltando dEle para estranhos. Era doloroso para Deus ouvi-los dizendo a um pau: **“Tu és meu pai”** (2.27) e a uma pedra **“Tu me geraste”** (2.27). Esta apostasia foi para Deus como se uma mulher abandonasse seu marido que a amava ternamente e fosse atrás de outro homem (3.1).

### III. SUA APLICAÇÃO PARA NÓS

Muitos que estão fazendo cisternas podem estar lendo estas palavras sentindo a sede de sua alma, ansiosos por satisfazer-se. Todos perto de Deus, cuja natureza é para a alma como água de uma rocha para aqueles que têm sede. Mas todos estão tratando de fazer, com homens e coisas, uma tarefa impossível de satisfazer a sede do Infinito e do Divino.

Lá estão a cisterna do **PRAZER**, recheada de frutos, flores e figuras, lavrada à custa da saúde e do descanso; a cisterna das **RIQUEZAS**, dourada e engastada de pérolas, como as montarias dos cavalos dos reis orientais; a cisterna da **FAMA**, lavrada pelo jovem que abandonou o amor do lar e o abraço do afeto humano para procurar as solidões não frequentadas do cume da montanha, bem acima da rivalidade e do companheirismo; a cisterna do **AMOR HUMANO** que, por mais formoso que seja, como uma revelação do Amor Divino, nunca pode satisfazer a alma que descansa somente nele. Todas estas cisternas, feitas a um custo infinito de tempo e de trabalho, decepcionam e enganam.

Segundo as palavras de Jeremias, são **“cisternas rotas que não retêm as águas”** (2.13). E no tempo da aflição não poderão salvar aos que as construíram e confiaram nelas.

A seus pés, ó cansado cavador de cisternas, a fonte do amor de Deus está fluindo, graças ao Homem Divino. Desça para beber. Temos que descer ao nível da corrente se queremos que suas águas molhem nossos lábios ardentes para aplacar nossa sede. Você já deixou de lado seus instrumentos e está cansado do trabalho.

Escute a música que enche o ar e flutua ao redor como um coro de vozes angelicais: “Volte a Deus. Faça as primeiras obras. Abandone as alianças e idolatrias que têm separado você de seu melhor Amigo. Abra seu coração para que Ele crie em você a fonte de água viva que brota para a vida eterna. O Espírito e a esposa dizem: Vem! E o que ouve diga: Vem! E o que tem sede venha! E quem quiser tome de graça da água da vida!”

.oOo.

## 4

# O SEGUNDO DISCURSO

## Jeremias capítulos 3 a 16

**Não sabemos como foi recebido** o primeiro discurso de Jeremias. Era impossível que Jerusalém ouvisse as palavras ardentes do jovem pegador que protestava tão enfaticamente contra a política de seus chefes e a prática de seus sacerdotes, sem reparar que uma nova força tinha entrado na área de sua vida pública.

E, desde aquele momento, durante os quarenta e quatro anos que seguiram, a influência de seu santo exemplo e de suas palavras fervorosas foi destinada a fazer-se sentir profundamente. Uma nova estrela de esperança brilhava sobre aquela cidade corrompida, cuja atmosfera estava saturada de sintomas de dissolução iminente. Outras voz se ouvia, através da qual Deus podia pronunciar Seus rogos e admoestações.

Em seu segundo discurso, que se estende desde o terceiro até ao décimo sexto capítulos inclusive, e que talvez represente as palavras de Jeremias durante este período, ainda vemos maior poder e sentimento. A chama aviva-se mais; a espada tem um fio mais cortante; mas o tom é

mais trêmulo e tenro. Percebe-se mais o espírito de Jesus, lamentando a cegueira e a obstinação dos homens, enquanto que a visão do juízo iminente apresenta-se mais claramente e a violência para com o amor redentor de Deus é mais claramente compreendida.

Para valer-nos de suas próprias palavras, Jeremias era como um manso cordeiro que era levado ao matadouro, mas também era forte como um leão na veemência com que procurou afastar a ruína que já aparecia no horizonte e ameaçava devastar a sua pátria.

Se alguma alma pura e santa pudesse ter salvo Judá por seus rogos, lágrimas e admoestações, teria sido Jeremias.

Mas não seria assim. O mal tinha lançado suas raízes profundas. O mal que Manassés tinha semeado havia impregnado o solo. Mas isto não aparecia naqueles primeiros dias do ministério de Jeremias e, com todas as esperanças da juventude, pensava que ainda poderia evitar o desastre.

Seguramente, a voz que admoestava acerca de rochas que estavam bem na direção do navio e a necessidade de uma mão firme no timão poderia mesmo agora levar o navio para as águas tranquilas e profundas.

Este discurso ocupa-se, com expressões de compaixão e de dó e com afirmações eloquentes da graça redentora de Deus, em uma previsão clara da invasão dos caldeus.

## **I. A PREVISÃO DO PROFETO DO JUÍZO QUE SE APROXIMAVA**

No princípio do ministério de Jeremias, como já temos visto, a terra regozijava-se com um breve período de paz, como uma faísca de luz nos flancos da montanha num dia nublado e escuro. Era um contraste agradável com os séculos anteriores. E parecia provável que fosse duradouro.

O poderoso império da Assíria ficou enfraquecido devido a dissensões internas; a Babilônia tornara-se rival poderosa de Nínive; os Medos, sob Ciaxares, começaram a descer os declives ocidentais do Tauro; enquanto o Egito Psamético estava tão profundamente ocupado em expulsar as guarnições assírias, em consolidar seu reino e fundar sua dinastia que não tinha tempo e nem desejo de amolar o pequeno reino que era seu vizinho.

Assim Josias pôde prosseguir em paz fazendo suas reformas, sem previsão de guerras no horizonte. Foi num destes dias do rei Josias (3.6) quando o profeta Jeremias assombrou os homens de Jerusalém e de Judá dizendo-lhes o que tinha visto de seu posto de observação.



Tinha ouvido a trombeta que chamava os camponeses da campina às cidades muradas, deixando sua sementeira à vontade do invasor, para salvarem as suas vidas. Tinha vislumbrado o leão que espreitava desde o seu esconderijo para destruir as nações.

ouvido o clamor dos vigilantes desde as alturas setentrionais de Dan e Efraim, como de Jerusalém, anunciando a chegada do invasor. Tinha visto a desolação da terra, a fuga precipitada dos defensores da Cidade Santa, alguns indo para as cavernas e outros para os penhascos.

Sim, tinha visto a filha de Sião agonizando em sua angústia extrema e clamando: **“Ai de mim!”**

Esta cena era para ele tão real que o vemos dirigindo-se a seus irmãos, os benjamitas, que tinham fugido para refugiar-se na metrópole, aconselhando-os a fugirem mais para o sul. Antevê os preparativos para o cerco da cidade e a preocupação dos salteadores de que as sombras do dia que está findando atrapalhem sua inevitável captura.

Descreve ao invasor como uma nação poderosa e antiga, devastando a Israel como os homens recolhem as últimas uvas na canastra, cruéis e sem compaixão, como lobos devoradores; sua aljava, um sepulcro; sua espada, um terror; seu grito ao atacar, ronco e ensurdecedor como o estrondo do mar; seus carros e cavalos, irresistíveis.

A simples informação destes fatos deveria ser suficiente para produzir em cada ouvinte dores como as dores da que dá à luz (1.15; 4.6, 7, 16, 19; 6.9, 19, 21). E as palavras do jovem profeta eram como fogo para a lenha (6.14).

Há uma suposição de que estas palavras referiam-se à invasão dos citas, os quais, aproximadamente nesta época, lançaram suas hordas sobre a Ásia ocidental. As cidades de Nínive e da Babilônia, devido à sua grande força, foram as únicas que escaparam; o território sem muralhas foi varrido completamente; todos os que não puderam escapar foram barbaramente assassinados ou levados como escravos; as vilas e povoados se transformaram em ruínas enegrecidas e fumegantes.

Mas estas hordas bárbaras não cumpriram completamente o alcance das palavras do profeta. Não parece terem elas entrado na Palestina, mas provavelmente tenham passado pela fronteira oriental ou pela ocidental, atingindo apenas o território de Joás e fazendo com que o povo espantado se refugia-se nas cidades maiores, de onde traçaram o caminho dos invasores pelos incêndios que provocaram em sua terrível caminhada.

É preferível, pois, relacionar estas palavras à invasão de Judá pela Babilônia, o que ocorreria trinta anos depois, da qual o povo foi amplamente avisado para que deixasse suas abominações e se voltasse para a Fonte de Águas Vivas.

## II. SUA TRISTE EXPRESSÃO DE PIEDADE E DÓ

O terno coração de Jeremias encheu-se de grande pesar devido às duras mensagens que teve que anunciar. Em todas as partes do livro, continuamente encontramos expressões de sua angústia. Sendo ele um verdadeiro patriota, era-lhe penoso contemplar a ameaçada destruição da Cidade Santa. As tradições mais nobres de seu povo percebem-se naqueles lamentos que, por curto espaço de tempo, demandam nossa consideração.

**“A espada penetra até à alma”, diz ele. “Ah! Meu coração! Meu coração! Eu me contorço em dores. Oh! As paredes do meu coração! Meu coração se agita!”** (4.10, 19). O profeta identifica-se com sua própria terra e parece como se as cortinas de suas tendas estivessem sendo estragadas.

Luta contra a necessidade de anunciar a mensagem do juízo até que não mais pode suportá-lo e cansa de dominar-se (6.11). Dirige-se a Jerusalém como a filha de seu povo e a exorta a se cingir de cilício e sentar-se na cinza, chorando por seu filho único (6.26).

Pergunta-se como pode consolar-se em sua angústia porque seu coração desfalece dentro dele(8.18). Queria que sua cabeça se transformasse em águas e seus olhos em fontes de lágrimas para que, dia e noite, chorasse pelos mortos da filha de seu povo (9.1). Anda só pelas montanhas, chorando e lamentando, porque os pastos estão queimados e porque não se ouvem mais o mugir do gado e o canto dos pássaros (9.10). **“Ai de mim”,** exclama, **“a minha ferida é incurável!”** (10.19; 15.18).

Não tinha alternativa. Tinha que anunciar os juízos que via chegando, mas havia soluço na voz que os predizia. Com prazer teria sacrificado sua própria vida se pudesse afastar o dia mau. O cálice de sua vida estava cheio daquele espírito que fez a seu Mestre chorar, em anos posteriores, ao olhar para a cidade culpada e condenada.

Muitos dos grandes pregadores de arrependimento, em todos os séculos da história da Igreja têm conhecido algo destes lamentos. Ao lado da denúncia de juízos vindouros tem existido um profundo pesar compassivo pelos homens perdidos.

Precisamos mais disto. Nada é mais terrível do que anunciar as ameaças de Deus contra o pecado, que são anúncio de resultados naturais e inevitáveis, sem mostrar algo de angústia e de pesar. Se temos que falar de um juízo vindouro, deve ser após horas de oração solitária, de pranto e de angústia de alma.

É somente na proporção em que nos compadecemos dos pecadores que podemos admoestá-los; é somente até onde temos conhecido a compaixão do Salvador que podemos ousar repetir os ais contra o fariseu e o saduceu ou ameaçar com a morte que Ele denunciou tão clara e terrivelmente.

Nosso erro é falar de uma maneira geral e não de uma maneira particular; de usar palavras que têm passado de mão em mão a ponto de seu significado estar mudado. Não temos compreendido plenamente o que representa a perda de uma alma, ou a dor indizível do inferno para um apóstata, ou o significado do verme que não morre e da chama que não se apaga.

E, provavelmente, a melhor maneira de compreender a fundo o significado de qualquer destes conceitos tão terríveis é procurar entender o que significariam para uma alma que nos é tão chegada e amada.

Então, a partir daquela, poderemos passar às demais e poderemos entender o significado de um mundo perdido.

Olhemos para estas coisas desde o ponto de vista do Salvador, ou do amor de um pai, ou de uma alma, e, quando os pensamentos da desonra feita a Deus, da recusa constante de Cristo, da angústia que penetra em uma vida desobediente, tenham saturado nosso coração, então poderemos falar aos homens do juízo vindouro, com olhos cheios de lágrimas, com a boca trêmula e com o coração quebrantado.

Semelhante pregação será sempre um argumento convincente e irresistível para fazer voltar os pecadores de seu caminho. Nada é mais terrível do que falar dos grandes mistérios da vida e da morte, do céu e do inferno, da direita e da esquerda do Trono, sem aquela compaixão de coração que se aprende na comunhão íntima com o Salvador do mundo.

### **III. SUA AFIRMAÇÃO DA GRAÇA REDENTORA**

Poucos dos escritores sagrados têm tido ideias mais justas e profundas do amor de Deus. É para os primeiros capítulos do livro de Jeremias que os apóstatas devem voltar sempre para encontrar consolo

e a certeza do perdão abundante. A palavra “reincidir” é característica deste profeta.

**a) No pensamento de Jeremias, o pecado não podia extinguir o amor de Deus.**

Pode intervir entre o marido e a esposa, quebrando o vínculo do matrimônio e exigindo que o marido se divorcie daquela a quem havia tomado para fazer parte de si mesmo, mas, ainda que nosso pecado seja mais horrendo e repetido que aquele que uma mulher tenha cometido contra um homem, ou um homem contra uma mulher, não pode apagar o amor divino de eternidade a eternidade.

As nuvens podem ocultar, mas não podem extinguir o sol. O pecado pode ocultar a manifestação de Deus, mas não pode fazer com que Deus abandone Seu amor para conosco (capítulo 1).

**b) O amor de Deus manifesta-se em misericórdia perdoadora.**

Somente exige que o povo reconheça sua iniquidade e confesse que perverteu seu caminho e se esqueceu de Deus. Seria suficiente que o povo aceitasse os termos da confissão que ele mesmo sugeriu: **“Eis-nos aqui, vimos ter contigo; porque Tu és o Senhor, nosso Deus”** (3.22).

**c) O amor de Deus não nos trata conforme nossos pecados.**

Dá chuvas imediatamente após nosso arrependimento. Não mantém sua ira para sempre. Intervém entre nós e a aflição, como a branda areia entre os lares dos homens e o oceano embravecido. Espera para dizer-nos novamente: **“Se voltares, ó Israel, diz o Senhor, volta para Mim”** (4.1). Pode ser nossa uma terra deleitosa, uma boa herança, o descanso da alma – tudo o que temos perdido, mas tudo o que nos é restaurado quando voltamos.

Que conceitos tão verdadeiros e deleitosos do amor de Deus foram concedidos ao jovem profeta! Muitas semelhanças entre suas expressões e as de Deuterônimo sugerem que este fosse seu livro predileto, como também, se fosse deste escrito antigo, então novamente descoberto, de onde veio sua inspiração.

Mas, seja o que for, seu espírito vivo tinha bebido abundantemente do amor eterno, perdoador e compassivo de Deus, revelado e dado aos homens em Jesus Cristo, nosso Senhor.

Oh, amor bendito pelo qual nossos corações reincidentes podem ser admitidos ao círculo interior e restaurar anos que o verme devorou!

.oOo.

## 5

# NAS PORTAS DO TEMPLO

## Jeremias capítulos 7 a 10

**Devemos ler os registros feitos** nos livros de Reis e de Crônicas para entendermos o movimento notável que se verificava durante o tempo compreendido nos primeiros doze capítulos do livro de Jeremias.

Em suas palavras, há referência apenas às grandes reformas que estavam sendo introduzidas por seu amigo, o rei Josias, e isto só é mencionado nas narrativas históricas. Mas não há dúvida de que teve contato constante e íntimo com o rei e com o pequeno grupo de reformadores ardorosos que rodeavam a sua pessoa e que incluía Safã, Hilquias, o profeta Sofonias, a profetiza Hulda e seu próprio amigo Baruque.

Josias promoveu medidas de reforma desde os primeiros anos de seu reinado, mas, no princípio, recebeu oposição devida à apatia nacional por causa do que ele combatia: o culto dos ídolos. Para este culto há vinte palavras distintas no idioma hebraico. Este culto atraía tanto o povo por ser costume dos povos ao seu redor e por apelar às paixões sensuais e, por isto, a massa do povo não desejava voltar ao culto mais austero e puro de seus antepassados.

Além disto, Salomão, o Magnífico, não tinha anos antes, erigido sobre os declives do monte Olivete, santuários para Astarote, a deusa dos sidônios, para Camos e Milcom, os deuses nacionais de Moabe e de Amom? Os ritos da superstição pagã foram mantidos também por um grande número de profetas e sacerdotes falsos que, como parasitas, floresciam na corrupção de seu tempo.

Houve um pacto e um choque entre os dois grupos que não prometia nada de bom para os esforços do grupo de reformadores que rodeava o rei, porque um dos grupos parecia dar uma sanção divina às abominações que se realizavam. Uma coisa admirável e horrível verificava-se na terra: os profetas profetizavam mentiras e os sacerdotes governavam por meio deles e o povo queria que tudo continuasse assim.

Portanto, a cooperação de Sofonias e de Jeremias foi muito valiosa. Enquanto Josias agia por fora, seguindo um movimento de iconoclastismo, eles agiam por dentro, apelando à consciência e ao

coração, ora apresentando à multidão volúvel as demandas do Senhor, ora ridicularizando os adoradores de ídolos pela futilidade de sua dependência das criações de sua própria imaginação, ora anunciando a vinda iminente do juízo nacional pelos pecados nacionais que estavam desolando o país.

Mas, apesar de seus esforços unidos, a causa da reforma ia muito lentamente e poderia até ter parado completamente – como um trem expresso pára quando sepultado por uma avalanche de neve – se não fosse a descoberta, feita no décimo oitavo ano do reinado de Josias, que deu uma força nova e inesperada à antiga religião de Israel.

E, embora não seja precisamente um incidente na vida de Jeremias, ele estava tão intimamente associado com os homens a quem dizia respeito e seu terceiro discurso é evidentemente sugerido pelas reformas que estavam sendo realizadas, que devemos fazer referência brevemente a alguns pontos.

## I. A DESCOBERTA DA LEI

No tempo em que isto aconteceu, o Templo estava em reforma. Era muito necessária porque os sinais lascivos da idolatria tinham sido feitos dentro de seus recintos sagrados e, além disso, ali estavam morando homens e mulheres miseráveis associados com os ritos ímpios permitidos no lugar onde Davi adorara e onde Salomão estendera as suas mãos na sua oração dedicatória.

Provavelmente também o prédio apresentasse sinais de dilapidação e de envelhecimento, porque já se tinham passado dois séculos e meio desde que fora completamente restaurado por Joás.

A obra foi confiada à superintendência de Hilquias, o sumo sacerdote, que foi ajudado por um pequeno grupo de levitas e cujos gastos foram uma contribuição do povo que passava pelas portas do Templo. Certa ocasião, o rei enviou a Safã, seu secretário e escrivão, que era o pai de Gemarias e homem bom – que depois defendeu Jeremias (36.10-19, 25) – para entregar a Hilquias o dinheiro que tinha sido recolhido pelos porteiros.

Após terem tratado deste negócio importante, e tendo entregue o dinheiro aos operários que dirigiam a obra, Hilquias, o sumo sacerdote, disse a Safã, o secretário: **“Achei o Livro da Lei na Casa do Senhor”** (2º Reis 22.8).

Foi uma descoberta admirável. A tradição rabínica declara que foi descoberto em meio a um monte de pedras, onde foi escondido quando Acás destruiu todos os outros exemplares dos livros sagrados.

Ou talvez tenha sido escondido na arca que Acás pode ter mudado para algum dos outros aposentos do Templo, onde o pó e os escombros

o cobriram. Tem havido muita discussão quanto ao conteúdo daquele rolo de manuscritos antigos, sustentando alguns que seria todo o Pentatêuco, enquanto que outros dizem que seria apenas o livro de Deuteronômio.

Existem aqueles que afirmam que uma fraude piedosa pode ter ocorrido por algum indivíduo bem intencionado que escrevera o livro de Deuteronômio com sua própria mão e agora o entregara a Hilquias e aos demais, apresentando-o como uma produção dos dias de Moisés! A que absurdos tão miseráveis estão reduzidos os que querem fazer-nos aceitar semelhantes ridículas especulações!

Que os críticos se dediquem ao exame dos manuscritos antigos, se querem fazê-lo. Agradecemos-lhes pelos fatos que dão à luz e a seu próprio trabalho lhes creditamos suas pesquisas e erudição, mas recusamos aceitar suas teorias. Que nos deem os fatos, e deixem as teorias por nossa conta.

Mesmo que fosse possível provar – e sustento que não é possível – que Moisés não foi o escritor do livro de Deuteronômio, é totalmente inconcebível que aquele tratado sublime possa ser fruto de uma fraude tão escandalosa como apresentar uma produção própria sob o nome honroso de Moisés.

Pensando bem, inclinamo-nos a crer que refere-se aqui especialmente ao livro de Deuteronômio, embora isto não exclua os outros livros de Moisés. Parece fora de dúvida ter-se ordenado que somente esta parte do Pentatêuco fosse copiada por cada rei ao assumir o trono e lida perante a congregação uma vez a cada sete anos.

Os termos do pacto feito depois por Josias e seu povo são precisamente os que abundam no livro de Deuteronômio e as frases que o caracterizam ocorrem nos discursos e apelos de Jeremias. Este livro influenciou sua linguagem, como o tinham feito os de Amós, Oséias, Isaías e Miquéias.

A descoberta de Hilquias causou sensação semelhante à da descoberta da Bíblia latina na biblioteca do antigo mosteiro agostiniano de Erfurt. Safã leu partes dele na presença do rei; entre elas provavelmente o capítulo 28. **“Tendo o rei ouvido as palavras da lei, rasgou as suas vestes”** (2º Crônicas 34.19). Apressou-se a enviar uma comissão de seus amigos mais íntimos a um dos bairros da cidade, onde morava a profetisa Hulda. Pode ser que nesta ocasião Jeremias estivesse em Anatote, ou pode ter sido considerado jovem demais em sua obra para ser reconhecido como autoridade em uma crise tão grave.

A pergunta que teriam de fazer era se a nação devia esperar sofrer todas as terríveis maldições preditas naquelas palavras e a resposta foi um “sim” absoluto, embora sua aplicação pudesse ser adiada por um breve espaço de tempo.

Imediatamente o rei convocou uma grande assembleia de todos os homens de Judá e de todos os moradores de Jerusalém, com os sacerdotes e profetas e todo o povo, tanto os grandes quanto os pequenos, e, subindo numa plataforma construída na entrada do átrio interior, leu em alta voz todas as palavras do livro do pacto que tinha sido encontrado na Casa do Senhor.

E também renovou solenemente o pacto entre o Senhor e Seu povo, confessando que andariam com o Senhor, que guardariam Seus mandamentos, testemunhos e estatutos e, talvez, como sugere um comentador, matassem um boi e o rei e o povo passassem entre as duas metades testemunhando esta resolução solene.

Então começou novamente a reforma. O sentimento popular se entusiasmou e os reformadores aproveitaram a ocasião. Os sacerdotes de vestes negras foram suprimidos; os emblemas da idolatria foram jogados fora do Templo e queimados fora da cidade; as moradias dos miseráveis homens e mulheres dedicados à lascívia foram destruídas, Tofete foi contaminado e os altos foram derrubados. Assim, pelo menos exteriormente, Israel chegou a ser novamente leal ao Deus de seus pais e livre da contaminação da idolatria.

## **II. O DIVÓRCIO ENTRE A RELIGIÃO E A MORALIDADE**

A influência da corte, a descoberta e a leitura da lei, o esplêndido êxito da grande Páscoa realizada por Josias, o ardor da cruzada contra as antigas idolatrias motivaram, por um tempo, reformas extensivas, mas o populacho volúvel prestou apenas uma adesão exterior ao serviço do Senhor.

Os átrios do Templo ficaram cheios de gente; os ritos e a forma do código levítico foram mantidos rigorosamente; observou-se meticulosamente todo ponto de lealdade cerimonial às instituições de Moisés.

Mas não houve uma mudança verdadeira no caráter. A reforma foi apenas superficial. Sob o belo exterior, as formas mais grosseiras do mal fervilhavam na corrupção espantosa, deixando-se ver à luz do dia, de vez em quando, mas esperando a morte de Josias para voltarem a predominar.

Jeremias ficou profundamente entristecido pelo resultado de um movimento que tinha prometido tanto. Vislumbrou seu verdadeiro caráter e procurou uma oportunidade de mostrar sua insuficiência para afastar a ira de Deus, que despontava como uma nuvem de tempestade no horizonte.



Pondo-se em uma das portas do Templo, por ocasião de alguma grande festa quando o povo de Judá estava reunido com os cidadãos de Jerusalém para adorar ao Senhor, rompia em uma torrente de admoestações e de rogos.

Ele percebia a atenção que a nação punha no ritual exterior, que eles confundiam por religião. O incenso de Sabá e a cana custosa e aromática trazida da Arábia e da Índia eram queimados por seus ricos perfumes que penetravam nos recintos do Templo (6.20).

Falavam do Templo como a Casa de Deus e punham-se perante ele como Seu povo (7.10) Os holocaustos e os outros sacrificios foram distinguidos rigorosamente um do outro, comendo os sacerdotes e o povo somente aquelas partes permitidas pelo ritual mosaico (7.21).

O povo orgulhava-se de que a lei do Senhor tinha sido confiada ao seu cuidado e, portanto, podiam exigir sua indulgência especial (8.8).

E contra todas as acusações que o profeta apresentasse, respondiam com a ordem e a beleza do ritual restaurado, em seu esplêndido Templo, sua condição privilegiada como o povo escolhido de Deus e exclamavam: **“Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este”** (7.4). Mas, juntamente com esta reverência exterior, permitiam-se vergonhosamente os pecados mais grosseiros.

Uma das acusações que Jeremias levanta contra o povo é que não sentiam vergonha (8.12). Seu pecado vergonhoso era evidente em seu atrevimento. Oprimiam ao estrangeiro, ao órfão e à viúva. O furto, o assassinato e o adultério eram evidentes à luz do dia. Tão frequentes e atrozes eram seus crimes de violência que pareciam transformados numa horda de ladrões, tendo o Templo como guarida; usavam suas línguas como arcos para atirar mentiras. E, enquanto os homens falavam pacificamente aos ouvidos de seus vizinhos, estavam buscando oportunidade para fazer-lhes mal.

Embora a idolatria tenha sido eliminada dos seus altos, permanecia nas casas dos grandes, que gastavam seu ouro e sua prata, seu azul e sua púrpura, na madeira de que tinham formado a imagem de um deus.

Houve um divórcio evidente entre a religião e a moral e sempre que isto acontece na vida de um indivíduo ou de uma nação é fatal. Satanás não faz objeção a uma religião que consista em aparência, cerimônias e ritos. Para dizer a verdade, ele chega a promovê-la, porque a alma humana deseja Deus e anela por uma religião e o grande inimigo de nossas almas é mestre em substituir a realidade por uma falsidade.

Aproveitar o apetite religioso mostrando-lhes efígies do eterno e do divino é algo assim como se um homem pudesse satisfazer sua fome com um alimento que não tivesse os elementos nutritivos necessários e que paulatinamente acabasse com sua força e vigor. Nunca se pode dar

ênfase exagerada no fato da alma humana não poder descansar ou estar contente sem Deus, mas ela é facilmente enganada com o que não é pão e não satisfaz.

### **III. AS DESCULPAS NAS QUAIS A ALMA HUMANA SE REFUGIA**

#### **a) O ritualismo.**

Era crença antiga que Deus tinha a obrigação de ajudar a nação ou a pessoa que observasse cuidadosamente as formas exteriores da religião, como se Deus não tivesse outra alternativa que a de ajudar a Seus adoradores fiéis.

De uma forma ou outra, este conceito está presente em toda nação e em todos os séculos. “Que mais Deus pode desejar?”, exclama o pagão, “senão que eu ofereça holocaustos de bezeros de um ano, milhares de carneiros e dez milhares de rios de azeite; meu primogênito por minha transgressão; o fruto das minhas entranhas pelo pecado da minha alma?” “Que mais Deus pode desejar”, clama o formalista de nossos dias.

“Eu fui recebido na igreja visível logo que nasci; cumpri com todas as minhas obrigações; faço tudo quanto posso para sustentar suas instituições e serviços; sempre estou presente quando as portas estão abertas; e não sei que haja pedido de seus representantes que eu não atenda o melhor possível. Que mais me falta?”

A admoestação incessante da Bíblia é contra estes protestos, sejam explícitos ou subentendidos. **“O Senhor pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus”** (Miquéias 6.8). **“De que Me serve a Mim a multidão de vossos sacrifícios? – diz o Senhor”**, é uma das primeiras expressões de Isaías e acrescenta: **“O incenso é para Mim abominação”** (Isaías 1.11, 13).

E aqui Jeremias fala no mesmo sentido, dizendo: “Reuni todas as vossas ofertas; aboli as distinções sacerdotais que Moisés mandou observar; deixai todo ritual; ponde fim tanto a festas quanto a jejuns”. Estas coisas, comparativamente, nada são quando substituídas pela obediência e por uma vida santa (7.22).

Quando o coração é reto perante Deus, achará uma expressão própria e conveniente no culto bem ordenado do santuário. Descobrirá que a ordenança exterior é um meio de animar a alma pelas leis de associação e expressão; mas o interior nunca pode ser substituído pelo exterior. A alma deve conhecer a Deus e adorá-LO em espírito. Deve haver fé, arrependimento e graça interior. **“Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade”** (João

4.24). Em todos os tempos, Ele tem estado procurando tais servidores para O adorarem.

**b) O destino.**

Os homens dizem com frequência, como o faziam os judeus: “Somos livres para fazer todas as nossas abominações; somos feitos assim; somos empurrados por uma correnteza irresistível que não podemos evitar” (7.10). Quantos homens põem a culpa de seu pecado no Criador, alegando que é apenas o resultado das tendências naturais com que o homem foi criado! Quantas mulheres põem a culpa de sua queda na força das circunstâncias que as rodeiam! Há até fatalistas religiosos que têm atribuído seus pecados aos decretos eletivos do Todo-Poderoso!

Seja qual for a verdade contida na doutrina da predestinação, ela não absolverá ninguém pelo seu pecado aos olhos de Deus e de Seus anjos. A graça divina é mais do que poderosa para sobrepor-se à tendência da correnteza natural e da força da paixão.

**c) Privilégio especial.**

Muitas almas presumem serem favoritas no céu. “Sou sábio; a lei do Senhor está comigo; Deus precisa de mim para a conservação de Sua verdade, na elaboração de Seu plano. Sua causa está tão profundamente ligada a mim que Ele não pode deixar-me de lado. Posso fazer o que quiser, pois Ele me livrará”.

Ah, alma, cuide-se! Você não é indispensável a Deus. Antes que você viesse a existir, Ele já era bem servido; se você faltar, Ele chamará outros para que Lhe ministrem.

Lembre-se do que Ele fez com Silo (7.14) e com Jerusalém. O lugar está deserto; a queda é triste! Se Deus não perdoou os ramos naturais, tampouco te perdoará a ti! Tema que o reino de Deus lhe seja tirado e seja dado a uma nação que produza os frutos desejados.

.oOo.

## 6

# O “AMÉM” DA ALMA

## Jeremias 11.5

**As palavras do profeta** no capítulo 11 e versículo 5 estão cheias de um profundo significado para toda a alma santa que é chamada a estar entre Deus e os homens. Têm também um profundo significado para todos os que estão passando pela disciplina divina nesta vida estranha e difícil.

Jeremias estava consciente da energia divina que entrava em sua alma e que passava por ela. A palavra lhe tinha sido dada **“da parte do Senhor”** (11.1). Esta é uma das três formas de expressão que ele usou. Às vezes, diz: **“Palavra que veio a Jeremias”** (2.1); às vezes: **“Assim diz o Senhor”** (8.4); às vezes, como aqui: **“Palavra que veio a Jeremias, da parte do Senhor”** (11.1).

Provavelmente, Jeremias sentia aquela palavra como um fogo queimando seus ossos, a ponto de não a poder segurar mais. Era-lhe mister deixá-la sair, mas, ao passar por seus lábios e tendo-a considerado cuidadosamente, responde à mensagem divina dizendo: **“Amém, ó Senhor!”** (11.5).

Há algo de sublime nesta atitude. Jeremias, como já temos considerado, era naturalmente manso, humilde e piedoso pelos pecados e dores de seu povo.

Não havia nada que seu coração desejasse senão ver longe “o dia mau”. Nestes primeiros períodos de seu ministério, seria necessário um grande esforço para continuar só contra a forte corrente do sentimentalismo e patriotismo populares de que falavam as visões dos falsos profetas.

E, no entanto, ao anunciar as terríveis maldições e avisos da justiça divina e predizer a sorte inevitável de seu povo, está tão possuído do sentido da retidão divina, tão seguro que Deus não pode agir de outra maneira, tão convencido de que, julgados pelas mais sublimes regras morais, os pecados de Israel não poderiam ser tratados de outra maneira, que sua alma se levanta e, embora tenha que pronunciar a condenação de Israel, é obrigado a responder e dizer: **“Amém, ó Senhor!”**

Há algo semelhante na história da Igreja redimida. Quando Deus julgou aquela que corrompia o mundo com sua fornicção e demandou o sangue de Seus servos de sua mão, enquanto se levanta a fumaça da destruição, os espíritos benditos estão aprendendo as lições mais profundas do amor divino, na mesma origem e fonte do amor, e ouvem-se clamando: **“Amém. Aleluia!”**

Em cada um destes casos é muito interessante ver como o sentido do juízo justamente merecido corrige a falha ou o veredicto da simples compaixão e capacita as almas mais sensíveis e doces a concordarem com aquilo que de outra maneira teriam resistido.

Ao lado destes dois exemplos, podemos colocar um terceiro, no qual nosso Senhor, com o mesmo afã com que convidou os cansados e sobrecarregados a que viessem a Ele, falou dos mistérios que foram escondidos aos sábios e prudentes, mas foram revelados aos pequeninos e disse: **“Sim, ó Pai, porque assim foi do Teu agrado”** (Mateus 11.26). **“Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nEle o sim; porquanto também por Ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio”** (2ª Coríntios 1.20).

## I A AFIRMAÇÃO DA ALMA

### a) Em providência.

Muitas vezes nos parece que estamos viajando por uma região difícil de um país montanhoso junto com um companheiro forte, sábio e manso, que prometeu guiar-nos a nosso destino. Há rios espumosos, negros e fortes que temos de atravessar com o risco iminente de perdermos o equilíbrio; há bosques e matagais onde o sol nunca penetrou e onde as feras têm suas guaridas; há caminhos cheios de pedras tão pontiagudas e rochas tão escorregadias que parece impossível o progresso na viagem, a não ser com um custo muito grande; há grandes áreas de deserto árido onde o reflexo do sol cega, onde os raios solares cortam como espadas e até a sombra de um pequeno arbusto presta um grande alívio; há colinas e caminhos tão estreitos que mal dá para passar por eles; enquanto isso o negro precipício ameaça nos engolir.

Em certos dias, a alma retrocedia horrorizada; outros dias, pedíamos uma senda mais fácil e agradável e invejávamos a sorte de outros; mas agora nossa vida chegou a ser um “amém” profundo e constantemente repetido à vontade dAquele que anda ao nosso lado e em cuja mente cada passo tem sido previamente planejado. Evitemos o errar. Não é possível no princípio dizer “amém” em tom de triunfo e de êxtase. Pelo contrário, frequentemente a palavra está intercalada com soluços que não podem ser suprimidos e molhada de lágrimas que não podem ser enxugadas.

Assim foi com Abraão quando se despediu de Ur dos caldeus e esperou durante longos anos por seu filho e quando subiu com o coração na mão o monte de Moriá; e quando estas palavras sejam lidas por aqueles que durante longos anos jazem em um leito de dor; e pelos que perderam a alegria da presença de seu cônjuge; e por aqueles cuja vida terrena está projetada de lá para cá no mar da ansiedade sobre o qual as ondas do cuidado e a perturbação arrojaram-se sempre.

Não é provável que os tais digam “amém” aos atos providenciais de Deus ou que perguntem: Quanto vale pronunciar com o lábio uma

palavra contra a qual todo o coração se revolta? Não é isto, podem perguntar-se, uma impiedade, uma hipocrisia, não é dizer com a boca uma palavra que é tão diferente do que o coração sente?

Respondemos: Que os tais se lembrem de que no jardim nosso Senhor contentou-se em submeter Sua vontade à vontade de Deus. Não importava que Seu corpo fosse coberto com o suor da angústia, espremido dEle como o suco de uma uva pisada pelo vindimador! Não Se culpou a Si mesmo. Ele sabia que era suficiente se nas partes mais inferiores da terra, aonde tinha descido Sua natureza humana, podia afirmar sem vacilar: **“Não seja como Eu quero, e sim como Tu queres... Faça-se a Tua vontade”** (Mateus 26.39, 42).

Atreva-se a dizer “amém” aos atos providenciais de Deus. Diga-o ainda que seu coração e sua carne desmaiem; diga-o no meio de uma tempestade. Diga-o ainda que pareça ser a última palavra que pronunciaria, porque a vida passa tão depressa; e descobrirá que, se a vontade dá seu consentimento, o coração decide-se a escolher e, passando os dias, algum incidente, alguma reviravolta pelo caminho, alguma circunstância não prevista, repentinamente farão brilhar na mente e na razão a convicção de que a eleição de Deus é reta, sábia e boa. “O que você não sabe agora o saberá depois”, é a segurança que nosso Guia nos dá e isto se cumpre não no mundo vindouro, mas aqui e agora, deste lado da Porta de Pérolas.

#### **b) Em revelação.**

Há mistérios que confundem os pecadores mais lúcidos, os teólogos mais profundos, os Joãos e os Paulos da Igreja; há caminhos que se perdem no deserto; fragmentos de música e de cor que nenhum gênio mortal pode resolver; sugestões de movimentos no mundo espiritual que desafiam o estudo dos maiores homens.

O homem que segue nas pisadas de Deus as perde nas profundidades; e o olho que segue Seus atos é deslumbrado pelo brilho do sol e conclui o argumento com esta exclamação: **“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os Seus juízos, e quão inescrutáveis, os Seus caminhos!”** (Romanos 11.33).

Tem que ser assim enquanto Deus seja Deus. Somos participantes de Sua natureza como uma criança o é de seu pai; mas a distância entre nossa capacidade e os pensamentos de Deus não é medida nem pela distância existente entre o crepúsculo da mente de uma criança e o pleno esplendor do poder de seu pai porque este move-se na região do finito e aquela é a diferença entre o finito e o infinito.

Não podemos descobrir as coisas recônditas de Deus ou chegar ao conhecimento do Todo-Poderoso. Não há linha de sondar tão comprida,

nem meio de medir, ainda que se tome o próprio Universo como nossa unidade para medir a Deus. É tão alto quanto o céu. O que você pode fazer? É tão profundo quanto o inferno. O que você pode saber?

Mas, ainda que não possamos compreender, podemos afirmar os pensamentos de Deus. Não podemos entendê-los devido à imperfeição de nossas faculdades. Estamos em nossa infância e nossas palavras são o bate-papo da infância, nossas ideias são os pensamentos de um menino. Mas podemos aceitar e admitir e afirmar as coisas que o olho não pode ver nem o coração conceber, mas que são reveladas nas páginas da Escritura.

Não há dúvida de que a morte do Senhor Jesus Cristo satisfaz plenamente as demandas da lei divina e, embora alguns aspectos de Sua propiciação possam causar perplexidade, no entanto, nossa alma exclama confiadamente: **“Amém, Senhor!”**.

Ignoramos porque Deus nos escolheu; como Cristo podia ter em Si mesmo as naturezas divina e humana; ou de que maneira o Espírito Santo regenera uma alma. “Como podem ser estas coisas?”, é a pergunta que ocorre frequentemente ao estudante devoto da revelação. Mas quando Aquele que veio diretamente das regiões do dia eterno afirma o que sabe e testemunha o que viu, recebemos Seu testemunho e dizemos reverentemente: **“Amém, Senhor!”**

### **c) Em juízo.**

Os juízos de Deus sobre os iníquos são profundos. Os problemas relativos ao castigo presente e futuro estão entre os mais profundos e espantosos que a mente humana pode considerar.

Como Moisés, trememos quando subimos a encosta do Sinai, vendo seu cume rodeado de tempestades e ouvindo a maldição expressa em trovões seguidos de relâmpagos de uma grande indignação que devora os adversários. Podíamos deixar estas considerações e indagar se chegará o tempo quando possamos considerar com tranquilidade os espantosos sofrimentos em que incorrem os que desprezam o amor de Deus em Cristo. Terá o céu alguma bênção para nós enquanto dure o inferno? Haverá alguma possibilidade de felicidade enquanto esteja perdida uma ovelha, uma pedra ausente no colar da esposa, enquanto falte uma pedra dos enfeites régios, uma voz no coro?

Uma resposta parcial se dá a estas perguntas quando ouvimos os lábios do mais manso dos profetas dizer antecipadamente à destruição de seu povo, pelo qual seus olhos haviam de converter-se em fontes de lágrimas: **“Amém, Senhor!”**

Na atualidade, não podemos esperar conseguir este estado de ânimo porque nossa consideração da retidão divina é tão imperfeita. Nossas ideias quanto ao pecado são tão superficiais, nosso

conhecimento das condições do Universo são tão inadequadas. Se soubéssemos mais a respeito do pecado, da santidade, do amor de Deus, das intercessões agonizantes do Espírito pelos homens, do que Ele já fez para segurar-nos e salvar-nos, das barreiras erigidas para impedir a queda precipitada dos iníquos, provavelmente entenderíamos melhor porque Jeremias disse: **“Amém, Senhor!”**

Há uma passagem notável em Ezequiel 14.22, 23, na qual Deus diz que quando vejamos os feitos dos pecadores sob a luz que será projetada sobre o curso inteiro da vida por ocasião do julgamento do Grande Trono Branco (Apocalipse 20.11-15), seremos consolados acerca do mal que terá vindo sobre eles. E o profeta continua mostrando que Deus nos dará a conhecer que não fez nada em vão. Aquele dia ainda não chegou, mas é um maravilhoso consolo e resignação que a mais ampla luz da eternidade trará aos corações perplexos e ansiosos ao considerarem a sorte dos iníquos.

Abraão será consolado pela destruição das cidades da planície e Paulo será consolado ao considerar a indiferença da semente de Abraão e seu desterro em que, com pé errante e coração espantado, tem andado por todos os países do mundo.

Seremos consolados, pois, quando vejamos o castigo eterno dos ímpios.

## **II. A BASE DA PAZ DA ALMA**

“Sim, Pai!” À primeira vista, pode parecer impossível que o coração do homem seja induzido alguma vez a concordar com os assuntos terríveis e difíceis de que tratam os parágrafos anteriores.

Enquanto as mães amam as crianças que mamam e têm compaixão de seus filhos; enquanto uma alma seja unida a outra alma pelos vínculos mais fortes do amor humano; enquanto possamos padecer, anelar, temer, esperar, compadecer-nos; enquanto a memória aguarde as lembranças do passado e o amor reine, e a mente se conserve em ordem, poderia parecer um sonho impossível imaginarmos que o que parece incompatível com os ternos sentimentos humanos possa ser conseqüente com o amor de Deus.

Talvez você diga: “Há coisas com as quais não posso concordar, decisões que nunca posso reafirmar, sentenças em que não posso consentir, possibilidades às quais não posso nunca dizer **“amém, Senhor!”**”

Mas esse seu protesto não será porque você está julgando tais coisas do ponto de vista da pura emoção, ou do raciocínio humano, ou usando princípios pervertidos de ação humana, e que seria necessário você estar no santuário de Deus, que é o foco onde convergem as



maiores inteligências, com o fim de você estar em contato com a sublime moralidade e legislação da eternidade?

E não estamos errados ao pensar que nosso amor possa ser mais terno, nossa simpatia mais delicada, nossa compaixão mais profunda que estas virtudes do Pai?

Quando você está inquieto e perplexo diante dos pesares da vida, deixe-os de lado, pois eles deixam a inteligência aturdida e o coração doente, e considere o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, de onde tem emanado todo raio de amor para o Universo, e lembre-se que nada pode ser permitido ou ordenado por Ele que não esteja de acordo com o trato mais terno e compassivo que um pai terrenal possa dar a seu filho, a seu Benjamim, ao filho amado da sua velhice. Então, você poderá dizer: “Amém, Senhor!”

Quando você estiver contemplando de perto os mistérios da Propiciação, da Substituição e o Sacrifício, da Predestinação e da Eleição, da distribuição desigual da luz evangélica, não deixe de olhar para Deus como o Pai da luz, em Quem não há trevas nem sobra de crueldade, nenhuma nota destoante com a música da perfeita benevolência. Ele é seu Pai, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai que derrama Suas manifestações amorosas em todo lar. Atreva-se a confiar nEle e, na força desta confiança, diga: **“Amém, Senhor!”**.

Quando você olhar para a forte barreira da redenção que separa seu fim do fim triste dos ímpios, quando os pensamentos se oponham intensamente ao espírito como o grito do motim de insubmissos poderia penetrar no recinto sagrado de um templo, vire o rosto e olhe para o rosto do Pai que está olhando para você, e confie que nada pode acontecer nem no céu, nem na terra, nem no inferno que esteja fora de harmonia com o amor que Ele inspirou nos pais para com seus filhos, com amor que comunicou ao coração de Maria enquanto ela segurava seu Menino junto ao peito ou que cedeu o Unigênito ao horror da cruz para a redenção do homem. Assim fazendo, haverá um novo tom na voz da alma que dirá: **“Amém, Senhor!”**.

Em outras palavras, não devemos contemplar as questões escuras e perplexas que se levantam como nuvens de vapor a nosso redor. Devemos olhar para cima, para o céu cheio de luz, para o coração de nosso Pai. Deve ser o amor a superar os conceitos mais ternos, mais profundos, mais amplos do que é amor. Em nosso trato com todos os homens, e especialmente com os perdidos, o amor é a essência e lei da natureza.

De alguma maneira, repetimos, tudo deve estar de acordo com esta natureza e com o temperamento persuasivo do Ser Divino e, na proporção em que nos decidamos a confiar no Pai, poderemos dizer

“Sim”, que é a verdadeira tradução da palavra grega que, em nossas versões, se traduz: **“Assim seja”** (Mateus 11.26).

### III. O TRIUNFO DA ALMA QUE AFIRMA

**“Amém. Aleluia!”**. Jesus descansando no Pai pôde dizer não apenas **“assim seja, Pai”**, mas **“graças Te dou, Pai”**. E chegará o dia quando os vinte e quatro anciãos, que representam a Igreja redimida, verão o julgamento do grande adversário da Esposa do Cordeiro e dirão: **“Amém, Aleluia!”**.

Note-se a adição do **“aleluia”** ao **“amém”**. Aqui se diz **“amém”** e não mui frequentemente **“aleluia”**. Ali se dizem os dois: o ascenso e o consenso; a aquiescência e a aclamação; a submissão à vontade de Deus e o grito triunfal em louvor e adoração.

Antecipemos aquele dia quando conheceremos como somos conhecidos e quando estaremos perfeitamente satisfeitos, perfeitamente bem-aventurados; quando será dissipada toda sombra de discordância e de desavença; e nos uniremos no hino da Igreja redimida: **“Grandes e admiráveis são as Tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei das nações”** (Apocalipse 15.3).

.oOo.

## 7

# A BRAVURA DO JORDÃO

## Jeremias 12.5

**Entre os incidentes** a que se faz referência em nosso último capítulo e o assunto do presente, uma terrível calamidade tinha acontecido ao reino de Judá.

Não atentando para as admoestações urgentes que lhe foram dirigidas de todo lado, o rei Josias tirou seu pequeno exército das montanhas onde estava em segurança, levando-o para a planície para atacar a Faraó-Neco, que marchava pelo caminho da costa com o fim de participar da partilha do motim de Ninive.

Os dois exércitos se encontraram no Vale do Megido, junto ao monte Carmelo, no limite da planície de Esdrelom que, repetidas vezes, foi um campo de batalha. O resultado não podia ser outro. O exército de Josias foi derrotado e ele mesmo foi ferido mortalmente.

**“Tirai-me daqui, porque estou gravemente ferido”,** disse o monarca moribundo. Então **“seus servos o tiraram do carro, levaram-no para o segundo carro que tinha e o transportaram a Jerusalém; ele morreu e o sepultaram nos sepulcros de seus pais”** (2º Crônicas 35.23-24).

Sua morte foi um sinal de tanto pesar na terra que chegou a ser durante anos posteriores sinônimo de dor intensa. Zacarias não pôde achar uma expressão mais adequada da angústia de Jerusalém lamentando quando o povo verá Aquele que transpassaram, que disse que será igual ao **“pranto de Hadade-Rimom, no vale de Megido”** (Zacarias 12.11), quando a terra chorou pela morte de Josias.

Tem sido comparado com a dor de Atenas quando chegou a notícia de que Lisandro tinha destruído sua frota e à de Edimburgo na tarde da batalha de Flodden. Jeremias compôs uma lamentação sobre a morte de seu rei e amigo, que não foi conservada e então o destino de Judá foi envolto em trevas.

O próximo rei, Jeoacaz, filho de Josias, reinou apenas três meses e logo foi levado cativo para o Egito, com uma argola em seu nariz, como se fosse um animal feroz, onde morreu. Faraó-Neco colocou seu irmão Joaquim em seu lugar, como seu representante e tributário. Mas os últimos quatro reis de Judá prejudicaram a política de Josias. Eles fizeram o que era mau aos olhos do Senhor e de Joaquim se diz que fez abominações (2º Crônicas 36.1-8).

Quando Josias morreu, o partido que favorecia a idolatria reapareceu. A reforma promovida pelo bom rei nunca tinha lançado raízes profundas na terra e o vigor com que ele levou a efeito suas reformas levou agora à reação correspondente. Os reformadores caíram no ódio popular, algo como aconteceu com os puritanos nos dias da Restauração, e principalmente Jeremias passou a sofrer muito.

Ele tinha sido o amigo e conselheiro do finado rei e não tinha retrocedido ao denunciar com as palavras mais severas a idolatria e a dissolução de seu tempo. Tinha anunciado as terríveis predições dos desastres vindouros, que começavam a cumprir-se. Houve rumores de uma tempestade de ódio e de assassinatos que se aproximava. Sem ele saber, seus compatriotas conspiraram contra ele, dizendo: **“Destruamos a árvore com seu fruto; a ele cortemo-lo da terra dos viventes, e não haja mais memória do seu nome”** (11.19).

Era menos provável que a fúria desta tempestade o atingisse porque lhe tinha sido ordenado caminhar entre as cidades de Judá,

assim como pelas ruas de Jerusalém, e, provavelmente, tenha saído a fazer uma viagem prolongada por todas as partes da terra, onde, em pé nos mercados principais, anunciava por toda parte a retribuição inevitável que viria por causa da violação do pacto divino (11.8).

O resultado daquela viagem o decepcionou profundamente. Foi descoberta uma conspiração entre os homens de Judá e os habitantes de Jerusalém. Voltaram a praticar as iniquidade de seus antepassados. Cada cidade tinha sua divindade tutelar; cada rua, seu altar a Baal. E foi infundida no coração do profeta a convicção de que a intercessão era inútil, pois o povo estava profunda e resolutamente arraigado no pecado. Tinham cometido o pecado para morte, para o qual a oração é em vão (11.14; 1ª João 5.16).

Decepcionado e entristecido, Jeremias voltou a Anatote, sua cidade natal. Nem suspeitava do perigo; era como um manso cordeiro levado ao matadouro. Certamente, entre seus irmãos, na casa de seu pai, estaria seguro e ali poderia gozar da simpatia e do afeto que seu sensível coração desejava, mas que lhe eram negados por toda parte.

Mas não foi assim. Também nisto tinha de ser como o Senhor Jesus, que veio para o que era Seu, mas os Seus não O receberam (João 1.11) e O levaram a um lugar alto da cidade para jogá-lo abaixo. Houve traição na pequena vila.

O vínculo sagrado de parentesco era fraco demais para restringir a erupção do ódio fanático. As famílias sacerdotais tinham ficado ressentidas com as veementes denúncias de seu jovem parente e não podiam suportá-las mais. O complô se formalizou e, enganando-o com boas palavras, conspiraram para tirar-lhe a vida.

Ele não teria percebido o perigo em que estava se não fosse por uma iluminação divina: **“O Senhor mo fez saber, e eu o soube; então, me fizeste ver suas maquinações”** (11.18).

Aturdido, diante do repentino descobrimento da conspiração, Jeremias se voltou para Deus com queixas erogas. Consciente de sua própria retidão e da retidão de Deus, por um momento foi pego pelo redemoinho de perguntas que sempre tem agitado a mente dos filhos de Deus oprimidos, acerca da distribuição desigual das sortes terrestres.

**“Ó Senhor dos Exércitos, justo Juiz, que provas o mais íntimo do coração, veja eu a Tua vingança sobre eles; pois a Ti revelei a minha causa... Justo és, ó Senhor, quando entro contigo num pleito; contudo, falarei contigo dos Teus juízos. Por que prospera o caminho dos perversos e vivem em paz todos os que procedem perfidamente?”** (11.20; 12.1).

# **I. O APELO DA ALMA DIFAMADA E PERSEGUIDA**

## **a) Era consciente de sua própria integridade.**

Sem, dúvida, Jeremias era profundamente consciente de sua própria indignidade. Deve ter possuído uma convicção tão profunda do pecado como qualquer outro dos grandes profetas e salmistas de Israel. Ninguém poderia ter vivido tão perto de Deus sem ter um sentimento forte de impureza.

O que sentiram Jó e Moisés, Davi e Isaías, deve ter estado também constantemente presente em sua consciência. Mas, em relação a esta erupção especial de ódio, não sabia que tivesse culpa alguma. Não tinha deixado de apascentar a grei, nem tinha desejado o dia do desespero, não sentia prazer nos desastres que tinha anunciado, nem tinha falado com paixão pessoal. Os pecados do povo eram os responsáveis pelos males que predizia e ele só tinha tentado admoestar os marinheiros quanto às rochas que estavam perante eles.

Quando somos odiados e injuriados devemos esquadrihar cuidadosamente nosso coração para descobrirmos se temos dado algum motivo justo aos que nos odeiam e nos perseguem. O único sofrimento que merece a bem-aventurança de Cristo é o que se carrega falsa e injustamente por amor a Ele.

O homem que sofre ultrajes, sofrendo injustamente, é o único que pode pretender estar seguindo nos passos do Mestre, e está oferecendo um sacrifício que é aceitável a Deus. Só este pode contar com a ajuda de Deus para livrá-lo.

A tempestade que ameaça deve levar o capitão a verificar que haja paz na tripulação e amizade com os outros barcos da frota. Não temos o direito de queixar-nos dos maus tratos de outros, a não ser que estejamos seguros de que, no que diz respeito a nós, não tenhamos dado motivo para isto.

Mas, se o temos feito, a única alternativa é fazermos as pazes com nosso adversário, ainda que seja necessário deixar nossa oferta perante o altar. A cada momento que adiamos o acerto de contas agrava-se mais o caso e aumentam as dificuldades de uma reconciliação. O acerto da justiça é mui rápido, desde o adversário até ao juiz, e desde o juiz até ao oficial de justiça, e desde o oficial de justiça até à prisão (Mateus 5.22-25).

## **b) Estava perplexo diante da desigualdade entre os homens.**

Cada palavra das queixas do bom Asafe no Salmo 78 poderia ter sido de Jeremias. Ele nunca se tinha afastado da senda estreita da

obediência; em todas as ocasiões tinha preferido ficar sozinho, sem o consolo e a comodidade que os homens procuram; não temia descobrir seu coração perante Deus, sabendo que, até onde chegava seu conhecimento, tinha guardado Seus mandamentos.

Mas era odiado, perseguido, ameaçado de morte, enquanto que o caminho dos promíscuos prosperava e estavam tranquilos os que agiam traiçoeiramente. Teria sido em vão se tivesse lavado seu coração e suas mãos na inocência; foi trabalhoso demais para ele; quase tropeçaram seus pés; pouco faltou para que escorregassem seus passos.

É o mesmo caso em todas as épocas e pode entender-se isto recordando que este mundo está virado ao contrário; que o curso da natureza tem sido perturbado pelo pecado; que o príncipe dos poderes do ar é o deus deste mundo; e que os servos da justiça pelejam, não contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os governantes das trevas deste mundo, contra os espíritos maus nos lugares celestiais (Efésios 6.12).

### **c) Foi zeloso pelo caráter de Deus.**

Parece que existe um tom de vingança neste grito: **“Veja eu a Tua vingança sobre eles... Arranca-os como as ovelhas para o matadouro e destina-os para o dia da matança”** (11.20; 12.3).

Estamos dispostos a contrastar estas palavras com as que Jesus pronunciou na cruz a favor dos que O assassinavam e com as que Estêvão pronunciou enquanto as pedras o feriam? Pensemos que há uma mistura com o ouro fino e que há um pouco de escória com o santo.

É possível aceitar a sugestão de que o profeta predizia a sorte destes homens ímpios, ou que ele era o instrumento divinamente escolhido para anunciar solenemente a sua vindoura condenação. Mas parece que suas palavras nos levam a pensar que ele se interessava pelo efeito que seria produzido em seu povo se o Senhor passasse por alto o pecado de seus perseguidores que até pensavam em matá-lo.

Foi como se o profeta temesse que seus próprios sofrimentos imerecidos levassem os homens a pensar que era mais provável que o agir mal promovesse mais sua prosperidade do que a retidão e a santidade.

Josias foi o único monarca de seu tempo que temia a Deus, mas ele tinha sido morto na batalha; ele era um servo de Deus consagrado e sua vida era uma constante agonia. Temer a Deus seria, pois, a melhor opção? Não seria mais sábio, mais seguro, melhor, adorar aos deuses dos povos ao redor, que pareciam ser mais capazes de defender a seus adoradores e promover a prosperidade dos reinos que mantinham seus templos?

O coração de Jeremias, considerando a influência devastadora do pecado, com a terra lamentando-se, a plantação murchando e os animais perecendo, desmaia. Não via limites ao terrível mal de seu tempo, enquanto Deus parecia ser indiferente ao que acontecia. E Jeremias clamou por vingança, não para a gratificação de seus sentimentos, mas por causa de Israel.

**d) Também lançou sua causa sobre Deus.**

Assim poderia ser traduzido o versículo 20 do capítulo 11: **“Sobre Ti lancei a minha causa”**. Estava agindo sabiamente. É a nossa segurança nos dias em que a alma passa por grande angústia. O Divino Sofredor fez isto na cruz. **“Ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-Se Àquele que julga retamente”** (1ª Pedro 2.23). Devemos pôr nossos pés nas pisadas que Ele deixou.

Quando os homens nos difamam e conspiram contra nós, quando os amigos nos abandonam, quando dificuldades como as grandes ondas do oceano ameaçam derrubar-nos, devemos lançar nossas ansiedades sobre o bendito Senhor e deixá-las com Ele, que as levará. A preocupação deixa de ser nossa quando a passamos para Ele. Ele cuidará de tudo com um amor tão forte, terno e fiel que não haverá necessidade de temermos mais nada. Lancemo-nos a nós mesmos, nossa carga e nosso caminho sobre o Senhor.

### **III. A RESPOSTA DIVINA**

**“Se te fatigas com homens que vão a pé, como poderás competir com cavalos? Se tão somente numa terra de paz estás confiado, que farás na enchente do Jordão?”** (12.5 - Corrigida).

Deus se inclinou sobre sua vida e lhe disse: Lembra-se de que, quando o chamei para ser Meu profeta, já o avisei da solidão e do isolamento, das dificuldades e da perseguição que lhe esperavam? Lembra-se que lhe disse que seria como um muro de bronze contra todo o povo? Já está desanimando? Tão depressa? E logo na primeira dificuldade?

Até agora você só correu com homens a pé, daqui a pouco virão cavalos. Agora você está em terra de relativa paz, sua aldeia natal, onde estão a seu redor aqueles que o conheceram desde pequeno e, no entanto, está desfalecido. Que fará quando um dilúvio de dificuldades venha sobre esta terra, como quando o Jordão se lança sobre as terras vizinhas e encobre as terras baixas e faz fugir os animais de suas covas. Que fará você então?

Não é assim que, muitas vezes, Deus faz conosco? Ele não nos põe imediatamente a contender com cavalos, mas a princípio o faz com homens a pé. Ele não permite a nenhum de nós que enfrentemos de imediato as águas turbulentas do Jordão, mas, a princípio, nos prova em nossa própria casa, a terra de paz, onde estamos comparativamente seguros no meio de pessoas que nos conhecem e que nos amam.

Deus regula as dificuldades de nossa vida; permite que as menores precedam as maiores. Ele nos dá a oportunidade de aprender a confiar nEle nas dificuldades mais leves para que a fé chegue a ser forte e para que possamos ir a Ele no meio das ondas agitadas do oceano. Estejamos seguros de que, sejam quais forem nossos pesares e aflições nesta hora, Deus permitiu que elas venham para proporcionar-nos uma oportunidade de preparar-nos para os dias futuros. Não desanimemos e nem fujamos da batalha, não sejamos infiéis nas coisas pequenas. Não digamos que não podemos suportar. Sim, podemos!

NEle há graça suficiente; apropriemo-nos dela, usemo-la, descansemos nEle. Sejam os agradecidos por nos ter dado este tempo de disciplina e de provação e, agora, apropriando-nos de tudo o que Ele espera dar-nos (a graça, o consolo e a segurança), sigamos adiante. Ele não vai deixar-nos. A graça que nos dá hoje é tão somente como um fio de prata quando comparado com o rio de graça que nos dará amanhã. Se fugirmos hoje, deixaremos de receber a maior disciplina que certamente virá, mas, deixando de recebê-la, seremos privados da maior revelação de nós mesmos que acompanhará a disciplina.

Sejam fiéis a Deus. Confiemos em Deus. Lembremo-nos de que, quando Ele permite um Jordão embravecido (não necessariamente levando-nos à morte, mas a algum espantoso dilúvio de pesar), então, talvez pela primeira vez, encontraremos a arca e o Sacerdote cujos pés, descansando nas águas do Jordão, fará que se dividam e passaremos a pé enxuto. Quando o Jordão sai de seus limites naturais, então Ele carrega Seu povo escolhido e é então que Ele abre caminho por entre as águas, de maneira que não somos atingidos pela torrente de águas que desce.

É um assunto solene. Temos falhado na vida quieta e sossegada do lar; que faremos então no tumulto da cidade grande, com suas terríveis tentações? Desanimamos quando tudo era favorável; que faremos quando tudo seja contra nós? Não podemos suportar com paciência as aflições momentâneas; que faremos com as que consomem uma vida? Não podemos viver bem; que faremos quando chegar o momento de morrer? **“Se é com dificuldade que o justo é salvo, onde vai comparecer o ímpio, sim, o pecador?”** (1ª Pedro 4.18).



.oOo.

## 8

# A SECA

## Jeremias 14.15

**O reinado de Joaquim** estava no início. Faraó-Neco tinha voltado para o Egito e Nínive estava para cair; Babilônia estava começando a despontar como um rival de todo grande império e como o desolador futuro de Judá. Entretanto, o povo escolhido, como árvore cujo interior está corroído por insetos, está corrompido de inúmeros males.

Como uma admoestação quanto à destruição vindoura e como se o Todo-Poderoso fizesse um último esforço para despertá-los para reconhecer seu perigo terrível e iminente, uma seca lançou seu terrível manto sobre a terra. Este castigo frequentemente tinha sido predito como um dos resultados da desobediência, mas provavelmente nunca antes tinha caído com um efeito tão desolador (Levítico 26.20; Deuteronômio 11.17; 23.23).

Toda a terra estava de luto. Nos lugares públicos, onde o povo se reunia sob o sol ardente, as pessoas se sentavam sobre a dura terra com roupas negras. Acostumados a depender dos recursos naturais do país, nutridos pelos rios e córregos que brotavam do vale e da montanha, viram-se reduzidos a uma espantosa fome. As vinhas plantadas nos terraços da região estavam murchas; os campos semeados de grãos estavam cheios de mato; os pastos, amarelos e queimados pelo sol.

Até mesmo o orvalho parecia ter abandonado a terra. Onde o rio corria, no passado, agora havia apenas algumas gotas de água. Os leitos dos córregos estavam cheios de pedras. Um amargo clamor subiu de Jerusalém, expressando a angústia de homens, mulheres e crianças, cujos lábios estavam secos e não podiam ser umedecidos.

A descrição feita pelo profeta é notável. A necessidade invadiu as casas dos nobres, que mandavam, em vão, seus empregados à procura de água. Os lavradores sentavam em seus celeiros com a cabeça coberta, pois era inútil lançar seu arado numa terra dura.

A cerva, cujo amor maternal tem chegado a ser proverbial, é representada como abandonando a cria para ir procurar erva. Os animais monteses, parados sobre o altos montes, tomam a brisa à

tarde, para aliviar a agonia da sua sede. A terra está quente como um forno e o sol, ao passar diariamente através do céu cor de bronze, vê cenas horrorosas.

Este é um quadro da desolação que sobrevem a uma comunidade cristã. Todo obreiro fiel poderia falar de períodos quando parece como se a nuvem e o orvalho da bênção divina tivessem abandonado a parte da vinha em que trabalha. Não há lágrimas de arrependimento, nem suspiros de contrição, nem abençoadas visitas do orvalho do Espírito Santo, não há rebentos de piedade, nenhum gozo no Senhor, nem fruto do Espírito.

Nestas condições, o trabalho é realmente difícil e a alma do obreiro desmaia e desanima. Abençoada é aquela igreja que não tenha conhecido este tempo de seca e que não tenha experimentado na esfera espiritual a falta completa de umidade na natureza.

É em tais ocasiões que aquele que ama a seus semelhantes recolhe-se para tratar com o Todo-Poderoso. Pode ser visto entrando no lugar secreto do Altíssimo, preparado para falar com Deus e, se é possível, assegurar uma melhoria no estado atual e a volta daqueles tempos de bênção que só podem vir da presença do Senhor.

Seu rosto demonstra um propósito firme. Nos olhos cansados se vê o fogo ardente de uma grande resolução. Com suas duas mãos está preparado a lutar de perto com Deus, como quando Jacó lutou com o Anjo.

Aproximemo-nos para escutar a conversa entre Jeremias e o Todo-Poderoso. Pode ser que descubramos argumentos que possamos usar nós mesmos quando dias de secura visitem a Igreja em geral, ou aquela esfera de trabalho na qual somos chamados especialmente a trabalhar. É assim como a alma fala com Deus.

## **I. OS ROGOS DA ALMA QUE INTERCEDE**

“Deus meu, entro em Tua presença para reconhecer meu próprio pecado e o pecado de meu povo. Ponho-me perante Ti como seu sacerdote para confessar os pecados que os têm separado de Ti e os têm feito cair em displicência para contigo e fecharam as vias de comunhão. Nossas iniquidades testificam contra nós e nossas apostasias são muitas. Antes, parecia que Tu habitavas em nosso meio: Teu sorriso era um verão perpétuo, Tua presença era um rio de bênção, Tua graça era um rio que alegrava Tua cidade. Mas ultimamente Tuas visitas têm sido poucas e raras. Ficaste uma noite, deixando-nos ao amanhecer e estranhamos. Antes, Tu eras nosso homem poderoso, nosso Sansão, cujo braço era suficiente para manter longe de nós nossos inimigos; mas já faz muito tempo que pareces estar tomado de uma paralisia que

Te proíbe mexer-Te. E, no entanto, Tu não mudaste. Tu és nosso Salvador; Tu estás em nosso meio. Ouvimos Teu nome. Tua honra implica em nossa sorte. O que não poderias fazer por causa de algum mérito nosso, faze-o pelos Teus méritos. Faze-o por amor a Teu Filho; faze-o para sustentar Tua causa na terra. Não nos deixes, nem permitas que se cumpra a triste predição de Ezequiel, quando viu a glória do Senhor retroceder por graus, desde o lugar santo, até estar fora dos muros da cidade” (14.7-9).

#### **a) A resposta do Espírito Divino.**

Tentaremos expressar com nossas próprias palavras o que algumas vezes parece que Deus esteja dizendo: “É inútil orar, servo Meu. Minha graça é infinita; Minha misericórdia permanece para sempre; Minha plenitude espera derramar suas riquezas para fazer com que o deserto se regozije e floresça como a rosa. Não tenho prazer no deserto incendiado, desejaria que fosse mananciais de água; não gosto da areia ardente, gostaria que fosse tanques de água. Mas, enquanto os homens retêm os seus pecados, enquanto fazem abominações como as que contemplou Ezequiel quando nas câmaras imaginárias viu os anciãos de Israel oferecerem incenso a répteis e a bestas detestáveis, é impossível Eu enviar chuva. Sob a aparência de culto religioso, nascem males que separam Meu povo de Mim e escondem Meu rosto deles. Tenho que castigá-los. Você deve começar a esquadrihar o interior de seu coração para ensinar ao Meu povo suas transgressões e à casa de Israel seu pecado. Agora, sua obra não é a de um intercessor, mas a de um reformador; esta não é a hora de você rogar como Elias no cume do Carmelo, mas, como Elias, extirpar o mal persistente do povo como quando ele tingiu as águas do rio Quisom com o sangue dos sacerdotes de Acabe” (14.10-12).

## **II. O LAMENTO DO VERDADEIRO PASTOR**

“Ah, Senhor Deus! Verdadeiras, realmente verdadeiras, tristemente verdadeiras são as Tuas palavras! Teu povo merece tudo quanto disseste. Suas iniquidades são a causa de suas dores, mas lembra-Te que falsamente eles têm sido ensinados. A terra está cheia dos que escondem Tua verdade sob um manto de palavras. Dizem que os ritos exteriores são suficientes, por mais longe que de Ti esteja o coração. Há pecado grave, mas a culpa é dos que dirigem mal a multidão volúvel e instável. Suas bocas estão forradas de lã. Clamam: Paz, Paz!, quando não há paz. As mesmas admoestações da consciência são afogadas por suas falsas certezas. Senhor, perdoa o Teu povo! Estão esparsos porque os pastores têm falhado em sua obra (14.13).

### **a) A resposta do Espírito Divino.**

Há dias na história do cristão quando ele é chamado a andar pelas montanhas de visões e ouve os pastores de quem fala Bunyan, dizendo um ao outro: “Ensinares a estes peregrinos algumas maravilhas?”. Conduzidos por estes, sobe ao cume chamado Erro, que é íngreme do outro lado. Ao pé do mesmo há vários homens feitos em pedaços porque caíram do cume. “Que significa isto?”, é a pergunta óbvia. “Você não ouviu falar de Himeneu e Fileto”, é a resposta, “que erraram acerca da fé na ressurreição dos mortos? Estes são eles”.

É assim que em nossos rogos pelos homens, às vezes vemos o inevitável dos juízos divinos e o irreparável dos prejuízos que os falsos mestres podem fazer a seus semelhantes. É triste e lamentável ver que não somente erraram, mas fizeram aos homens errar; que têm sido uma pedra de tropeço no caminho dos pequenos de Deus. É melhor ser mudo e não poder falar do que dizer palavras que possam destruir com um único golpe o trabalho de anos.

Foi com estas palavras que Deus respondeu ao profeta: “A condenação dos falsos profetas é terrível. Sua sorte será mais espantosa porque correram sem ser enviados e profetizaram sem ter recebido uma visão. Não houve nenhum impulso divino a inspirar suas palavras. A posição, o pão, o poder têm sido o incentivo de sua profissão, mas o povo gostou que isto fosse assim. Sua moral produziu um sacerdócio corrompido e uma colheita de falsos profetas. Os homens de quem você se queixa são o produto do seu tempo. Meu povo, levado pela indolência, o luxo e o egoísmo, não podia suportar a simplicidade da divina Palavra e esta geração má tem sido criada e nutrida na corrupção asfíxiante do século. Até que o povo deixe seu pecado e volte arrependido e consagrado para Mim, serão tidos como culpados e sofrerão os resultados de seu pecado. Derramarei sobre eles sua maldade” (14.14-16).

## **III. A ALMA QUE INTERCEDE**

“Bem conhecido é que Tu, grande Deus, és justo e reto; contudo, não podes desprezar completamente. Teu castigo não pode levar-nos à morte. Tens que sarar. Tu podes desprezar aqueles com quem não fizeste um pacto ou aqueles que não conhecem Teu nome, ou aqueles entre quem o trono de Tua glória não foi erigido, mas não podes tratar-nos como a eles. Existe um vínculo entre Tu e nós, que não pode ser quebrado pelo nosso pecado. Temos direitos contigo, pois Tu és nosso Pai, direitos que a viagem do pródigo ao país longínquo não pode anular. Teu caráter e Teu prestígio estão intimamente relacionados com

nossa história, de tal maneira que nenhum ato Teu pode dissolvê-la. Lembra-Te, Senhor, de Teu pacto. Lembra-Te de Tua promessa a Teu Filho. Lembra-Te de Tua esposa, a quem não podes desprezar. Lembra-Te que nossa ajuda vem só de Ti. Lembra-Te da palavra em que nos tens feito esperar; portanto, continuaremos esperando em Ti. Não somos dignos de sermos chamados Teus, mas rogamos pelo beijo, pela roupa, pelo novilho cevado” (14.17-22).

**a) A resposta do Espírito Divino.**

É como se o Senhor dissesse: “Estou cansado de arrepender-Me. Tenho usado todos os meios para freá-los e fazer com que eles se voltem para coisas melhores, ora assoprando a palha, ora através de mortes e desastres, ora pela repentina destruição pela espada. Parecia que queriam emendar-se, mas a melhora foi apenas superficial. Agora já resolvi o problema. Meus métodos precisam ser drásticos; Minha disciplina, mais profunda e completa. Porei Minha mão sobre Meu povo e tirarei completamente a escória. Os separarei de suas fezes e restaurarei seus juízes como no princípio e seus conselheiros como nos primeiros dias. É assim que responderei suas orações a favor deles. A destruição da cidade, o dizimar a população pela fome e pela espada, as espantosas dores do cativo, tudo isto agirá como um fogo depurador, pelo qual passarão para uma vida nova e abençoada. Nada mais poderá ajudar agora. Pelo amor que lhes tenho, não posso perdoá-los. As orações dos Meus santos não podem alterar Minha determinação, pois que, somente assim, poderei realizar Meu propósito eterno de redenção” (15.1-9).

## **IV. O CLAMOR DO INTERCESSOR**

Aqui o profeta fica pensativo e, ao prever a má apresentação de seus motivos e o ódio certo que será levantado devido à sua firme predição da condenação futura, deseja nunca ter nascido.

É assim que o coração do homem de Deus reage e, se como Jeremias, é sumamente sensível, é tomado da mais profunda angústia. E clama: “Por que, ó Deus, me fizeste tão manso e cheio de simpatia, tão naturalmente fraco e pronto a ceder, tão incapaz de ver o sofrimento com calma? Não teria cumprido melhor o Teu mandato uma natureza mais forte e áspera? Mesmo agora, não tens algum homem mais rude a quem possas confiar esta missão? Há gênios que suportam melhor o calor ardente; não poderiam eles penetrar nestas chamas? Por que tenho eu estes lábios torpes, este coração desanimado, este espinho na carne?” (15.10).

#### **a) A resposta do Espírito Divino.**

**“Eu te fortalecerei para o bem”.** É como se Deus dissesse: “Minha graça te basta. Te chamei, apesar de todas as tuas fraquezas, para fazer a Minha vontade, porque assim se aperfeiçoa o Meu poder. Preciso de uma plataforma baixa para demonstrar Meu grande poder. Com os que não têm forças reparto as Minhas forças; com os que não têm sabedoria reparto Meus conhecimentos mais profundos. A cana fraca vem a ser a coluna do Meu Templo; o pavio fumegante, a luz dos Meus candeeiros. Contente-se em ser o umbral por onde corre o rio. Esteja contente em ser em Minha mão uma vara que efetuará o livramento de Meu povo. Ó alma fraca, é provável que você seja o canal para Eu demonstrar a Minha enegia. Seja submisso a Mim e deixe-Me operar Minha vontade através de você, com você, em você. Então você será como o ferro e o bronze do norte, que os homens não podem quebrar” (15.11-14).

### **V. A RESPOSTA DA ALMA**

**“Tu, ó Senhor, o sabes”.** “As coisas que meus amigos mais íntimos não podem adivinhar, que não consigo expressar, que vacilo em confessar a mim mesmo; a esperança que surge com a primeira luz do crepúsculo e o temor que paralisa; o conflito; os ideais desfeitos; as orações não terminadas; os cantos sem palavras,... Tu conheces tudo. Tu és meu tudo. Teu sorriso me satisfaz, apesar das reprovações. Tuas palavras trazem gozo e regozijo a minhas horas mais tristes. Tua presença manda embora a solidão quando me sinto sozinho. E, apesar disso tudo, às vezes me sobrem um receio de que Tu sejas como um córrego enganoso, cujas águas são intermitentes, cuja corrente, quando mais se precisa dela, está seca. Eu sei que não posso ser assim, pois Tu és fiel e, no entanto, que posso fazer se, depois de me ter feito assim, me deixasses sozinho?”(15.15-18).

#### **a) A resposta do Espírito Divino.**

Parece que Deus está dizendo: “Deixe de lado estes pensamentos. Volte do país longínquo de seu desânimo. Quero que você permaneça face a face comigo, sem nenhum véu nos separando. Espere perante Mim. Não considere sua fraqueza, mas Meu poder; não considere seus inimigos, mas Meus livramentos. Renuncie a tudo que é vil; exponha-se a Meu fogo purificador para que toda a sua escória seja eliminada. Desvie-se de tudo que não seja condizente com sua alta vocação. E então será Minha boca; estará no meio das multidões como um muro inexpugnável de bronze; será intrépido contra o assalto do temor; nas horas mais obscuras, quando inundações de iniquidade possam

atemorizá-lo e a fúria do inferno seja lançada contra você, Eu serei com você para livrá-lo e salvá-lo. Não pode ter nem mulher e nem filhos, mas Eu serei para você mais do que eles seriam. Eu o livrarei das mãos dos iníquos e o livrarei das mãos dos terríveis. Esta é a herança dos servos do Senhor e sua justiça vem de Mim, diz o Senhor” (15.19-21).

.oOo.

## 9

# A RODA DO OLEIRO

## Jeremias 18.4

**Um dia, sob a direção do Divino Espírito,** Jeremias saiu de sua casa, indo para o Vale de Hinom, fora de Jerusalém, onde, num pequeno casebre, encontrou um oleiro ocupado em seu serviço. **“Eis que ele estava entregue à sua obra sobre as rodas”.** Apesar de tantas inovações na tecnologia, a arte do oleiro permanece em nossos dias quase como era tantos séculos antes de Cristo.

O profeta, parado ao lado do oleiro, viu-o tomar uma porção de barro dentre a massa que estava ao alcance de sua mão e, tendo-a amassado para livrá-la de ar, viu colocá-la sobre o torno, fazendo com que este girasse rápida e horizontalmente pelo movimento que seu pé imprimiu sobre o pedal. A partir deste momento, suas mãos trabalharam, por dentro e por fora, dando forma à vasilha com seu toque habilidoso, alargando-a aqui, afinando-a ali e, finalmente, alargando-lhe a boca.

Foi assim que aquela porção de barro sem forma transformou-se numa linda vasilha, própria para os átrios do Templo ou para o palácio real. Quando já estava quase terminada e o próximo passo teria sido tirá-la da roda, por um defeito no material, quebrou-se, transformando-se em fragmentos que ficaram alguns sobre a roda e outros caindo ao chão da casa.

O profeta naturalmente esperava que o oleiro imediatamente pegasse outra porção de barro e produzisse outra vasilha. Em lugar disso, o oleiro, para seu assombro e profundo interesse, recolheu com um cuidado escrupuloso os pedaços quebrados de barro, comprimiu-os

como o fizera no princípio e colocou o barro novamente onde tinha estado, transformando-o em outra vasilha como lhe pareceu bem.

Talvez esta segunda vasilha não fosse tão formosa como tinha sido a primeira, mas era formosa e útil. Era uma lembrança da paciência e longanimidade do oleiro, de seu uso cuidadoso do material e de seu poder de restaurar perdas e fazer algo com os fracassos e decepções.

Que visão da longanimidade e paciência de Deus! Que antecipação da obra redentora de Cristo! Que comparação maravilhosa com vidas e esperanças recuperadas!

A nós, como a Jeremias, vem o pensamento divino: **“Não poderei Eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel?, diz o Senhor; eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na Minha mão, ó casa de Israel”** (18.4).

O propósito desta visão parece ter sido dar a Seu povo uma esperança de que, embora tivessem arruinado o belo ideal de Deus e, apesar disto, um futuro glorioso e abençoado estava dentro do seu alcance e que, se tão somente cedessem ao toque do Grande Oleiro, Este, apesar dos resultados de anos de desobediência que tinham feito fracassar Seu formoso propósito, faria do povo escolhido um vaso para honra, santificado e útil para seu Dono e preparado para toda obra boa.

O mesmo pensamento pode ser aplicado a todos nós. Quem está consciente de ter atrapalhado e resistido ao toque das mãos de Deus que o modelavam? Quem é que não lamenta as oportunidades de alcançar santidade que foram perdidas devido à obstinação da vontade e da dureza do coração? Quem é que não deseja ser feito de novo, segundo bem pareça ao Oleiro?

**“Agora, ó Senhor, Tu és o nosso Pai, nós somos o barro, e Tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das Tuas mãos”** (Isaías 64.8).

## **I. A OBRA DIVINA DO HOMEM**

### **a) O oleiro tem um ideal.**

Em sua imaginação, existe a vasilha que vai fazer. E a vê oculta no barro sem forma, esperando sua ação para sair. Suas mãos executam até onde podem a realização do belo conceito de seu pensamento.

Antes que a costureira comece a cortar o pano, ela já concebeu o tipo de vestido que vai fazer. Antes que o enxadão comece a cavar a terra, o arquiteto já concebeu o tipo de construção a ser levantada ali.

Assim sucede com Deus na natureza. O modelo desta esfera e de outros mundos esteve em Seu pensamento criador antes que os primeiros raios de luz cruzassem o abismo. Tudo que existe expressa, com mais ou menos exatidão, o ideal divino, com exceção do pecado.



Assim é também com o Corpo místico de Cristo, a Igreja, Sua Esposa. Em Seu livro, todos os membros já estavam inscritos, sem faltar nem um deles.

Assim é com as possibilidades de cada vida humana. Não sei se nos será permitido alguma vez ver nos arquivos celestiais a transcrição do pensamento original de Deus do que a nossa vida poderia ter sido se tivéssemos cedido às mãos que do céu se estendem para modelar os homens, mas é certo que Deus preordenou e nos predestinou, a cada um em sua própria medida e grau, para sermos conforme a imagem de Seu Filho.

Olhem para aquela mãe que se inclina sobre o berço onde seu primogênito dorme. Observem aquele sorriso que vai e vem em seu rosto, como o sopro do ar num dia tranquilo de verão.

Ela está sonhando e em seus sonhos está construindo castelos sobre a vida futura deste menino, no púlpito ou no Senado, na guerra ou na arte. Se ela pudesse escolher, seu filho seria o primeiro em felicidade, famoso no serviço dos homens.

Nenhuma mãe jamais desejou para seu filho o que Deus desejou para nós quando, pela primeira vez, chegamos ao pé da cruz.

Ser semelhante a Cristo, o tipo de varão perfeito; ser tanto para Cristo como Ele o era para o Pai; refletir o rosto de Cristo no homem como Ele refletia o rosto de Deus; cumprir a comissão da redenção; tomar a cruz; ser justificado com Cristo; levantar-se e reinar com Ele. Tudo isto é o ideal de Deus para nós.

### **b) O oleiro efetua seu propósito por meio da roda.**

Na disciplina da vida humana a roda representa seguramente a revolução das circunstâncias diárias, com frequência monótonas, rotineiras, bastante simples e, apesar disto, escolhidas para efetuar, tanto quanto possível, a obra que Deus pôs em Seu coração.

Muitos, ao entrarem na vida de plena consagração e devoção, anseiam mudar as circunstâncias por outras nas quais, supõem eles, conseguirão mais rapidamente adquirir um caráter mais plenamente desenvolvido. Daí a grande intranquilidade e a febre, a decepção e voluntariedade dos primeiros dias de experiência cristã.

Os tais têm que aprender que Deus escolheu o futuro de cada um como sendo especialmente adaptado a desenvolver as qualidades e idiossincrasias escondidas da alma que Ele ama.

A vida que você está chamado a viver permitirá a evolução de sua natureza de propriedades que são conhecidas apenas por Deus, assim como o são as cores e a fragrância que estão intrínsecos em alguma semente tropical. Creia que tudo tem sido ordenado ou permitido, por

causa do que esteve escondido dentro de você, esperando seu chamado: “Vem para fora!”.

Não procure, pois, por meio de algum ato inconsequente, mudar as circunstâncias de sua vida. Fique onde está e como está até que Deus, claramente, o chame para outra parte, da mesma maneira como colocou você onde agora está. Permaneça na mesma vocação em que tem sido chamado.

Lance sobre Ele toda a responsabilidade de indicar-lhe uma mudança, quando seja necessária, para que você continue desenvolvendo-se. Enquanto isso, esquadrinhe o coração de cada circunstância para ver sua mensagem, lição ou disciplina. E, da maneira como aceite ou rejeite estas, dependerá cumprir ou atrapalhar o propósito divino em sua vida.

Você se queixa da monotonia da vida. Dia após dia acontecem as mesmas coisas. Ano após ano você anda de cá para lá no mesmo caminho. Não há perspectivas; não há espaço e nem amplidão; apenas a mesma rua debaixo do céu, rodeada das mesmas casas.

Que oportunidades há aqui para o desenvolvimento de um caráter nobre? Que oportunidades para meditar e fazer grandes façanhas? Lembre-se que as virtudes passivas são mais preciosas para Deus do que a ativas. Gasta-se mais tempo em aprendê-las e são as últimas que aprendemos.

Consistem em paciência, submissão, longanimidade e persistência em fazer o bem. Precisam de mais valor e põem em evidência maior heroísmo que aquelas qualidades que o mundo admira mais. E só podem ser adquiridas naquele ambiente monótono e estreito de que muitos se queixam, dizendo que oferecem poucas oportunidades de adquirir a santidade.

### **c) A parte principal da obra é feita com os dedos do oleiro.**

Quão delicado é o seu toque! Que sensibilidade ele tem! Até parece que são dotados de inteligência, em lugar de ser os instrumentos usados pela mente para realizar seu propósito. E, na aplicação espiritual destas verdades, eles representam o toque do Espírito de Deus, que age em nós para querer e fazer Sua vontade.

Ele está em todos nós, sendo Seu único propósito encher-nos de Si mesmo e cumprir por meio de nós **“com poder todo propósito de bondade e obra de fé, a fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós e vós, nEle”** (2ª Tessalonicenses 1.11, 12).

Mas estamos ocupados demais, distraídos demais com muitas coisas, para prestar atenção ao suave toque. Às vezes, quando o notamos, obstinadamente recusamos sujeitar-nos a ele.

Eis a razão para dedicarmos uma parte de cada dia, uma oportunidade no decorrer da semana, em que, separando-nos de qualquer influência, nos exponhamos inteiramente somente às influências divinas.

A roda e a mão agiam juntos. Muitas vezes agiam em direção oposta, mas seu objeto era um só. Assim, pois, todas as coisas operam juntamente para o bem daqueles que amam a Deus (Romanos 8.28).

O toque a voz de Deus expressam a significação de Suas providências e estas reforçam a lição de que Suas ternas admoestações talvez não tenham sido obedecidas por nós.

Sempre, pois, que você tenha dúvida quanto ao significado de certas circunstâncias pelas quais está passando e que são estranhas e inexplicáveis, fique quieto; abstenha-se de murmurar ou de queixar-se; faça calar o tumulto de vozes que querem falar dentro de você e escute, até que esteja impressa em sua alma uma persuasão do propósito de Deus e deixe que o Espírito dentro de você coopere com as circunstâncias exteriores.

É por agirem concordemente estas duas, suprimindo as circunstâncias a ocasião de manifestar uma certa graça e suprimindo o Espírito Santo a graça que tem de ser manifestada, que nosso espírito sobe, como um pássaro com o impulso igual de suas duas asas.

## **II. COMO DEUS FAZ DE NOVO OS HOMENS**

**“Tornou a fazer dele outro vaso”.** O oleiro não pôde fazer o que desejava, mas fez o melhor que pôde com seus materiais.

Deus sempre está procurando fazer o melhor que pode para nós. Se não queremos ser ouro, podemos ser prata; se não quisermos ser prata, ainda resta o barro ou a madeira. Com quanta frequência tem que fazer-nos de novo!

Tornou a fazer a Jacó quando o encontrou no vau de Jaboque, transformando-o de enganador e suplantador em príncipe com Deus, após uma longa luta.

Tornou a fazer a Simão quando, na manhã da ressurreição, achando-o em algum lugar perto do sepulcro aberto, transformou-o de filho de uma pomba (porque este é o significado de seu antigo nome Barjonas) em Pedro, o homem da rocha, o apóstolo do Pentecostes.

Tornou a fazer a Marcos entre a sua separação impulsiva de Paulo e Barnabé, como se se assusta-se com o primeiro enjoo da viagem, e os tempos quando Pedro falou dele como seu filho e Paulo, desde o cárcere, o descreve como elemento útil.

Contaram-me de um filho talentoso que, ao cair da noite e quando seu pai ancião ia deitar-se cedo, entrava no estúdio onde as mãos do

ancião tinham estado ocupadas durante o dia modelando barro, e tirava dali todos os traços de senilidade ou de estrago, e o fazia com toda a reverência.

É assim que Deus vem ao nosso trabalho quando temos feito o melhor que podemos e temos fracassado, e quando os homens nos desprezam.

Ele aperfeiçoa o que diz respeito a nós porque Sua misericórdia permanece para sempre e não pode abandonar a obra de Suas mãos.

Você está consciente de ter prejudicado o plano original de Deus para você? Seu ideal de uma vida de total devoção à Sua causa se tem desvanecido? Sua carreira, como pai ou filho, como amigo ou obreiro cristão, tem fracassado?

A promessa que soou com tanta força no dia dos sagrados laços de matrimônio ou no dia da ordenação tem-se perdido para não se ouvir mais?

Aos tais, a ciência, com todo o avanço da tecnologia moderna, pouco os anima. Parece que a única alternativa é ficar para trás e deixar que outros levem os prêmios que obtêm tão facilmente.

Enquanto isso, na alma imprime-se uma convicção: “Tive minha oportunidade e a perdi; nunca mais voltará. O poderio dos mais idôneos não dá lugar para os inferiores. Estes precisam lançar-se em meio à escória que está sempre acumulando-se ao redor dos fornos da vida humana”.

É precisamente aqui que o Evangelho chega com suas palavras doces para os cansados e perdidos. A cana é transformada em uma coluna para o templo de Deus. O pavio que fumeja fracamente é assoprado até se transformar numa chama.

Os produtos desprezados demonstram ser de um valor extraordinário, pois permanecem com as mais lindas cores e provêm os princípios elementares da vida.

### **III. NOSSA ATITUDE PARA COM O GRANDE OLEIRO**

Devemos entregar-nos a Ele! Cada partícula de barro parece dizer “Sim” à roda e à mão. E, à medida que se faz isto, a obra prossegue alegremente. Se houver rebelião ou resistência, a obra do Oleiro se perde. Deixe Deus fazer o que Ele queira com você. Que a Sua vontade seja feita em você como ela é feita no céu. Suporte-a, mesmo que você não possa fazê-la. Não deixe de dizer “Sim”.

Há épocas quando não somos conscientes de que Ele está operando em nós. A vida, frequentemente apresenta um aspecto cinza

em sua natureza, mas a primavera espera às portas, pois logo chegará com sua varinha mágica, transformando tudo ao nosso redor.

Até parece que ninguém se interessa com os campos de trigo que não brotou. No entanto, em milhares e milhares de sepulcros estão sepultadas sementes e os anjos de Deus estão trabalhando incansavelmente, removendo pedras e preparando o novo céu e a nova terra da primavera. Assim sendo, quando nos submetemos a Deus, devemos crer que Ele não perde um momento sequer, mas que está continuamente apressando a consumação de Seu ideal para nós.

Não podemos entender sempre o que Deus faz porque não sabemos qual é Seu propósito. Ficamos sem conhecer Seu desígnio, a posição para a qual estamos sendo educados, o ministério que teremos de exercer. Não é estranho que fiquemos confusos e perplexos. Lutamos com nosso Oleiro, dizendo-Lhe: “Que fazes?” ou “Não tem mãos?”. No entanto, é suficiente que conheçamos nosso guia, ainda que não saibamos a que ponto ele se dirige na longa cadeia de montanhas. Ele conhece todos os pontos das montanhas e nos levará pelo caminho mais fácil.

Há consolo especial nestes pensamentos para as pessoas de meia idade e para os anciãos. Não olhem com pesar para trás, para a primavera ou o verão que foram mal aproveitados; eles já passaram. Ainda que seja outono, há outra oportunidade para que você leve algum fruto sob o cuidado do grande Agricultor. Em todos Ele inspira confiança.

Ele ainda pode fazer nadar o ferro perdido, encher de vinho novo e bom os jarros vazios, fazer voltar os anos que a lagosta comeu e tornar os fracassos em vitórias. Aquele que pôde transformar a cruz de símbolo de vergonha em símbolo de vitória e de glória certamente pode tomar as vidas mais desesperadas, desonrosas e abandonadas e fazer delas vasos para ostentarem flores fragrantas e cheias de benditas promessas.

Deixe-Lhe uma mão livre. Ele faz tudo quanto promete fazer. Busque o perdão do passado e, a seguir, a restauração e a reforma em Sua mão. Conte com Deus e, segundo a sua fé, lhe será feito.

.oOo.

**10**

**O FOGO DO**

# IMPULSO SANTO

## Jeremias 20.9

**A natureza de Jeremias** nos faz recordar a harpa eólica tão sensível à brisa que sopra, ora soluçando de pesar, ora jubilante com cânticos; tão delicada, tão cheia de simpatia, tão facilmente afetada por toda circunstância pela qual passava. Assim era a alma do profeta.

Todo o seu livro reflete a variação de seus modos como o oceano dos céus perpétuos estendidos sobre ele: ora azuis como o céu e, em seguida, negros com a tempestade ameaçadora.

Há muitos indícios disto nos capítulos que temos à nossa frente. Por exemplo, encontramos a exclamação: **“Maldito o dia em que nasci!... Maldito o homem que deu as novas a meu pai, dizendo: Nasceu-te um filho!... Por que saí do ventre materno tão somente para ver trabalho e tristeza?”** (Jeremias 20.14-18).

Mas, no mesmo instante, encontramos a exclamação heroica: **“O Senhor está comigo como um poderoso guerreiro; por isso, tropeçarão os meus perseguidores e não prevalecerão”** (20.11).

Que grande contraste entre as duas exclamações. Na primeira, está atravessando o vale da sombra, onde as árvores frondosas escondem o céu; na segunda, está sobre as alturas, onde brilha o sol, e vê até o longínquo horizonte, com todo o seu panorama, ostentando seus campos de grãos amadurecendo no sol do verão.

O mesmo contraste aparece em nosso versículo 9. Primeiro encontramos a meio formada resolução de não fazer mais menção de Deus e de não falar mais em Seu nome. Mas, ao mesmo tempo, reconhece sua falta de habilidade de controlar as apaixonadas expressões do Espírito dentro de si. **“Então a Sua mensagem fica presa dentro de mim e queima como fogo no meu coração. Estou cansado de guardá-la e não posso mais aguentar”** (TLH – 20.9).

Oh, maravilhoso coração humano! Quem pode entender você? Quem pode estimar as alturas aonde pode levantar-se ou as profundezas aonde pode baixar? Que infinidade de bênção e de pesar está dentro do seu alcance! Quão radiantes seus céus; quão obscuros seus abismos! Faremos bem aprendendo a distinguir entre a vida de nossas emoções e a de nossa vontade, e resolver não viver mais à custa de sentimentos e de emoções, mas construindo o edifício de nossa vida sobre o granito da nossa obediente vontade.

## I. AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE ORIGINARAM ESTAS PALAVRAS

**A meio formada resolução de Jeremias. “Não me lembrarei dEle e já não falarei no Seu nome”.** É provável que nesta ocasião a cidade de Nínive já tivesse caído. Durante seiscentos anos tinha regido tiranicamente as nações ao seu redor com uma vara de ferro, exercendo um domínio imperial com uma crueldade sem misericórdia. Por fim, tinha chegado sua hora.

Uma vasta multidão se reuniu, vindo da Ásia Menor, desde o vale do Tigre, desde a Armênia, Síria e as tribos errantes do deserto, e desceram sobre ela como um enxame de vespas sobre um cadáver podre. Sitiaram a cidade durante dois anos sob a direção do general de confiança do último rei de Nínive, Nabopolasar, cujo filho Nabucodonosor foi destinado a ser “o martelo de Deus”.

Rumores desta catástrofe corriam pelo mundo, levando a todo canto um sentimento de alívio e de receio; alívio pela deposição do tirano e receio em relação a quem tomaria seu lugar.

Neste tempo, o Egito estava no apogeu do seu poder. Aproveitando a decrepitude de Nínive, Faraó tinha aproveitado a oportunidade de estender seu império até as ribanceiras do Tigre.

O reino de Judá, como todas as nações vizinhas, tinha, pelo menos nominalmente, o rei do Egito como seu soberano. A confiança no poder e na proximidade do seu aliado, animou seu aliado, o rei Joaquim, em sua carreira de desvergonhada idolatria. Toda a terra, como já temos visto, estava corrompida.

Jeremias, o primeiro do pequeno grupo que permaneceu fiel às melhores tradições do passado, nunca deixou passar a oportunidade de expressar sua queixa ou procurar impedir ainda mais a descida espiritual de seu povo. Fazendo isto, despertou um sentimento crescente de oposição.

A conspiração de Anatote, seu povoado natal, era a primeira erupção vulcânica, que havia de ser seguida por uma longa série de conspirações, tramas e manifestações de ódio da parte daqueles por quem Jeremias teria dado a sua vida e por quem apresentava diariamente suas orações. Sentia-se sozinho, desprezado pelos profetas e sacerdotes, pela corte e pelo povo.

“Vamos”, disseram em certa ocasião, “preparemos uma conspiração contra Jeremias, porque a lei nunca deixará de apoiar ao sacerdote, nem o conselho ao sábio, nem o oráculo ao profeta”. Ele era um motivo de zombaria todo dia. A palavra do Senhor era motivo de

reprovação constantemente. Seus associados e aqueles com quem teve contato esperavam sua queda e estavam prontos a vingar-se dele.

O episódio culminou no fim dos capítulos 19 e 20. Movido por um impulso divino, Jeremias procurou uma vasilha comum de barro e, reunindo alguns dos anciãos, os levou ao vale de Hinom, ao lado da porta do Oleiro. Neste lugar, o lixo da cidade era atirado às aves sujas e aos cachorros. Era um lugar repugnante.

Ali pronunciou uma longa acusação contra os terríveis pecados do povo, acompanhando-a com a predição da sorte certa e irrevogável a que estavam sujeitos. Os homens de Jerusalém ali cairiam pela espada diante de seus inimigos; nas dificuldades do sítio da cidade, comeriam a carne de seus filhos e filhas. A cidade toda seria feita em ruínas e o vale ao redor ficaria cheio de cadáveres dos mortos, que seriam um banquete para as aves do céu e para as bestas feras da terra.

Para dar ênfase à sua palavra, quebrou a vasilha do oleiro, derramando seu conteúdo em sinal de que o sangue de seus compatriotas seria vertido para molhar e encharcar a terra.

Não contente com isto, voltou para Tofete e parou no átrio do Templo, talvez na escada que conduzia ao átrio dos sacerdotes. Uma multidão do povo provavelmente estaria naquele momento ocupada com algum rito sagrado; quem sabe se foi por ocasião de uma das grandes festas.

Quando sua voz foi ouvida, a multidão de rostos voltou-se para ele. Enfezados e com gestos veementes indicavam seu ódio para com aquele homem que lançava a sombra de uma destruição sobre suas horas mais alegres.

A paciência de um deles, Pasur, chegou ao fim. Este era o governador principal do Templo, que tinha a jurisdição de sua ordem. Ele reuniu um grupo de levitas, ou servos do Templo, pegaram o profeta, o atiraram ao chão, açoitaram-no ao estilo oriental e o colocaram no tronco, deixando-o ali toda a noite, exposto à zombaria e ao ódio do povão, durante a noite fria, e rodeado de cachorros.

Na manhã seguinte, Pasur, aparentemente arrependido de sua conduta cruel, libertou o profeta, cujo forte espírito nem por um momento ficou amedrontado, apesar da tortura a que fora submetido. Voltando-se para seu perseguidor, disse-lhe que viveria apenas para ser um terror para si mesmo e para os amigos; que todo o Judá seria entregue nas mãos do rei da Babilônia, mencionado agora pela primeira vez; que o povo seria levado cativo para a Babilônia e morto ali à espada; e que todas as riquezas da cidade, todas as coisas preciosas que ela tinha e todos os tesouros do rei de Judá seriam entregues nas mãos dos seus inimigos e levados para a Babilônia.



Esta menção da Babilônia, feita quatro vezes, dá força à idéia de que Nínive já tinha caído e que a forte mão de Nabopolassar e de seu filho começava a mostrar-se e a manejar o cetro que estava caindo da mão trêmula de um dos impérios mais antigos e maiores da antiguidade.

Libertado, Jeremias foi para sua casa e ali manifestou aquela maravilhosa combinação de fé heroica e de lamentos que nos é contada para que conheçamos a fraqueza da sua natureza e aprendamos quão débil era o vaso de barro em que Deus tinha posto Seu tesouro celestial.

Ele não era um muro de bronze, mas uma cana levada pelo vento; não era um herói sábio e forte, mas um menino. O que ele disse e fez quando enfrentou seu povo não foi devido a nenhuma força própria ou a um heroísmo natural; como ele mesmo disse, ele era **“a alma do necessitado”** (v. 13).

Que história nos poderiam contar as paredes dos quartos dos maiores santos de Deus! Quantas orações entrecortadas com lágrimas e suspiros têm surgido em ondas sucessivas de dor que desgarrava o coração!

Tome-se, por exemplo, as expressões de Lutero na véspera de seu comparecimento à Dieta de Worms. Os que parecem ser os mais fortes, como verdadeiras rochas na presença de seus semelhantes, têm caído ao chão, na solidão, confessando-se os mais frágeis e sem forças.

Nosso profeta parece ter ido ainda mais longe. Seu coração lhe aconselhou a ideia de abandonar sua tarefa e renunciar à vida pública. Por que lutar mais contra o inevitável? Por que tratar de convencer aos que não queriam ser convencidos e que lhe devolveram ódio pelo amor recebido? Por que perder a reputação e a comodidade, o amor humano pela ingrata tarefa de procurar deter a queda do seu povo?

Chegou ao ponto de dizer: “Envia outro; confia Tua missão a uma alma mais forte, feita num molde mais heroico; permite-me voltar à minha casa e aos trabalhos humildes de meu lar na aldeia”.

Não têm sido diferentes as orações dos servos de Deus em todas as épocas, ao verificarem sua fraqueza diante da força dos males que têm combatido; eles notaram seu limitado êxito: os punhados de sementes lançadas numa terra estéril; a palavra dita ao ouvido do vento; a futilidade de opor-se a um Acabe ou a uma Jezabel; a ingratidão daqueles a quem desejaram salvar. Têm estado dispostos a clamar, como o maior dos profetas: “Chega, deixa-me morrer!”

## II. O IMPULSO IRRESISTÍVEL

**“A Tua mensagem fica presa dentro de mim e queima como fogo no meu coração. Estou cansado de guardá-la e não posso mais aguentar”** (v. 9 – TLH). Três coisas nos chamam a atenção aqui.

**a) O hábito do profeta voltar-se do homem para Deus.**

Em todas as partes do livro há indicações da íntima comunhão em que o profeta vivia com o Senhor. Parecia que Deus estava sempre perto. Seu ouvido sempre inclinado a ouvir o mais leve suspiro de necessidade do Seu servo. Obrigado a viver muito sozinho, este homem que sofria tanto adquiriu o hábito de contar com a companhia de Deus como um dos fatores imprescindíveis da vida. Sussurrava aos ouvidos de Deus todos os pensamentos que passavam por sua alma. Estendeu suas raízes pelo rio de Deus, que está cheio de água.

Não era de temer, pois, que suas folhas não murchassem no calor do verão ou que deixasse de dar fruto em tempos de seca. O Senhor era sua força e seu refúgio no dia da aflição e a Ele expunha sua causa. **“Cura-me, Senhor, e serei curado, salva-me e serei salvo... não seja eu envergonhado... não me assombre eu”** (17.14-18).

Procuremos esta atitude de alma que facilmente vai do homem para Deus, não omitindo as horas de comunhão prolongada, mas adquirindo o hábito de falar de nossa vida a Um que, embora não necessite ser informado do que nos acontece, espera com desejo infinito receber as comunicações de Seus filhos.

Falemos com Deus a respeito de cada detalhe de nossa vida, dizendo-Lhe tudo e encontrando os milhares de necessidades da alma satisfeitas por Ele.

**b) O Fogo Consumidor.**

Várias vezes temos visto um pequeno barco aos pés da Catarata do Niágara, resistindo e vencendo uma torrente tempestuosa que se lançava loucamente diante dele. Devagarzinho, ele vai abrindo passo no meio do terrível tumulto de água, desafiando o esforço. Mas o barco prossegue com calma e serenidade, sem ser desviado, nem empurrado para trás. Por quê? Porque um fogo consumidor está encerrado em seu coração e sua máquina não pode deter-se porque está impelida para um movimento forte e regular.

Semelhantemente, dentro do coração de Jeremias tinha sido aceso um fogo desde o coração de Deus e foi mantido pelo combustível armazenado nele. A sua dificuldade consistia, pois, não em falar, mas em guardar silêncio; não em agir, mas em refrear a ação.

Isto nos ajuda a entender o impulso profético e nos ajuda a entender o que queria dizer o apóstolo Pedro quando escreveu: **“homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito**

**Santo**” (2ª Pedro 1.21). Foi como se a correnteza de pensamento e de sentimento viesse poderosamente de fora e os levasse em frente irresistivelmente. Assim, aconteceu frequentemente que os profetas não entenderam palavras que foram postas em seus corações pelo Espírito de Deus e cuja plena significação ignoraram.

E como podemos ter este coração ardente? Estamos cansados de ter um coração frio para com Deus. Nos queixamos por nossos esforços na vida e pelos deveres cristãos; gostaríamos de aprender o segredo de sermos tão possuídos pelo Espírito e pelo pensamento de Deus que nenhuma oposição nos amedrontasse e nenhuma ameaça nos atemorizasse.

A fonte do fogo interior é o amor de Deus comunicado pelo Espírito Santo; não primeiramente nosso amor para com Deus, mas nosso sentimento de Seu amor para conosco. As brasas que esquentam nosso coração provêm do coração de Deus. Se nos voltarmos anelantes para a cruz que, como uma lente forte, concentra o amor de Deus e se, ao mesmo tempo, contamos com o Espírito Santo, descobriremos que o gelo que cobre a superfície de nosso coração se funde em lágrimas de arrependimento e logo o fogo sagrado começará a arder.

Então o amor de Cristo nos constrangerá. Se estaremos fora de si ou se estaremos sóbrios não importa; o Seu Espírito, o pensamento do que Ele deseja, a paixão de fazer a Sua vontade, destruirá o fogo do egoísmo e porá em seu lugar o fogo sagrado da devoção apaixonada.

Tendo este começado a arder dentro do coração, os pecados e pesares dos homens – suas iniquidades e blasfêmias, seu esquecimento de Deus, de Seu serviço e do Seu dia, seu cego desprezo do perigo, sua indiferença ao mal – incitarão em nós um espírito mais ardente.

Ver as multidões correndo para a destruição; ouvir os palavrões do blasfemo; a profanação de tudo o que é mais santo e melhor no homem; pensar no pesar causado ao Espírito de Deus, na desonra que Lhe é feita; antecipar as trevas de fora, o verme que não morre, o abismo sem fundo... Seguramente estas coisas serão suficientes para assoprar as brasas meio apagadas até arderem naquele que tem menos emoção, como quando Jeremias disse que sentia um impulso interior e que restringi-lo o cansaria e deixar de obedecer era um pecado.

### **c) A segurança do profeta.**

**“Mas o Senhor está comigo como um poderoso guerreiro; por isso, tropeçarão os meus perseguidores e não prevalecerão”** (20.11). A presença de Deus é a salvação. Quando Ezequiel descreve a conspiração de Edom para possuir a terra do povo escolhido, com uma única frase indica a futilidade do esforço, dizendo significativamente: **“O Senhor se achava ali”** (Ezequiel 35.10). Isto era suficiente, ainda que

Israel estivesse desterrado e que o Espírito de Deus estivesse peneirando o povo sobre a terra assolada.

Assim pensava Jeremias. Ele poderia ser o mais fraco dos fracos, sem força, nem sabedoria, nem eloquência no falar, sendo aparentemente uma presa fácil para Pasur e para Joaquim, mas, como Deus estava com ele, lançando o manto de sua perfeição sobre Seu servo e prometendo-lhe ser sua fortaleza e torre de defesa, Jeremias era invulnerável.

Ó alma fraca e temerosa, se você é fiel com Deus, Deus está consigo, cercando-a por trás e pela frente e pondo sobre você Sua mão. Você será como a cidade do grande Rei. Os reis podem mancomunar-se contra você, mas logo serão tomados de terror e irão embora, enquanto você gozará de plena paz e será uma tenda que não poderá ser removida, cujas estacas nunca serão arrancadas e nem suas cordas serão quebradas. **“Este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre; Ele será nosso guia até à morte”** (Salmo 48.14).

.oOo.

## 11

# **AFLIÇÕES, DESASTRES, TUMULTOS**

## **Jeremias capítulo 26**

**Jeoquim era, provavelmente,** o mais desprezível dos reis de Judá. Josefo diz que era injusto em seus atos, um malfeitor, impiedoso para com Deus e injusto para com os homens.

Talvez isso se deva à influência de sua esposa Neústa, cujo pai, Elnatã, foi um cúmplice no assassinato do profeta Urias. **“Tinha Jeoquim a idade de vinte e cinco anos quando começou a reinar e reinou onze anos em Jerusalém. Fez ele o que era mau perante o Senhor, seu Deus”** (2º Crônicas 36.5). Tal é o epitáfio inspirado do cronista.

Parece que Jeremias esteve continuamente em conflito com este rei e provavelmente a primeira manifestação deste conflito, que era

impossível acontecer entre dois homens como estes, estivesse relacionado com a construção do palácio de Jeoaquim.

Embora seu reinado tivesse sido prejudicado com o pesado castigo do pagamento de cem talentos de prata e um de ouro (2º Crônicas 36.3), o que equivaleria provavelmente a cerca de quinhentos mil reais, imposto por Faraó Neco, após a derrota e morte do rei Josias, e, embora as circunstâncias não fossem de previsões otimistas, Jeoaquim começou a edificar um esplêndido palácio, com salões espaçosos e grandes janelas, pisos de cedro e decorações vermelhas.

Da mesma maneira como Elias enfrentou o rei Acabe, assim também Jeremias enfrentou o jovem rei, anunciando-lhe terríveis castigos: **“Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça e os seus aposentos, sem direito! Que se vale do serviço do seu próximo, sem paga, e não lhe dá o salário; que diz: Edificarei para mim casa espaçosa e largos aposentos, e lhe abre janelas, e forra-a de cedros, e a pinta de vermelhão... Os teus olhos e o teu coração não atentam senão para a tua ganância, e para derramar o sangue inocente, e para levar a efeito a violência e a extorsão”** (22.13, 14, 17).

Também recordou-lhe que a estabilidade do trono de Josias não dependia do esplendor de um palácio, mas da justiça com que julgasse a causa do pobre e do necessitado.

É claro que o referido rei deve ter alimentado um ódio mortal contra o homem que ousava levantar sua voz para denunciar seus crimes e, como Herodes fez com João Batista, não teria nenhum escrúpulo em apagar com sangue a luz que lançava tão forte condenação contra seus atos opressivos e cruéis.

Um exemplo disto tinha sido dado recentemente com a morte do profeta Urias, que tinha pronunciado solenes palavras contra Jerusalém e seus habitantes, da mesma maneira como o estava fazendo Jeremias. Tal fúria tinha sido excitada porque, por causa de suas predições, Urias tinha precisado fugir para o Egito, de onde o rei tinha exigido sua extradição a fim de poder vingar pela espada sua ousada denúncia contra o rei, lançando depois seu corpo nos sepulcros do povo.

Jeremias não podia esperar uma sorte melhor se o rei resolvesse tomar medidas contra ele. Parece que, por este tempo, o profeta estava seguro pela mediação de amigos influentes no meio da aristocracia da época, entre eles Aicão, filho de Safã (26.20-24).

## **I. A COMISSÃO DIVINA**

Sob a direção divina, Jeremias subiu ao átrio da Casa do Senhor e aproveitou a oportunidade quando, por alguma razão, todas as cidades de Judá tinham enviado seus moradores para adorarem ali. Nenhuma palavra devia ser suprimida.

Todos nós somos mais ou menos conscientes destes impulsos interiores e frequentemente torna-se difícil saber se se originam na energia de nossa própria natureza ou se são expressão genuína do Espírito de Cristo.

E aqui, por um momento, nos desviaremos para considerar como o coração humano pode tornar-se o meio pelo qual Deus pode derramar Seus pensamentos nos homens e a maneira pela qual podemos reconhecer suas sugestões interiores.

Não existe maior inimigo das coisas de mais utilidade que a presença da *carne* em nossas atividades. Não existe departamento ou serviço em que sua influência sutil e mortífera não penetre. Temos que encontrá-la em nossa vida não regenerada, quando suas paixões se revelam, não consentindo em serem refreadas.

Encontramo-la também na nova vida, lutando contra o Espírito e restringindo a energia da Sua graça. Ela nos preocupa mais quando a encontramos sugerindo-nos resoluções santas e esforços para alcançarmos uma vida consagrada.

O apóstolo Paulo chama isto de o casamento desigual da carne com a santa lei de Deus – uma união que dá fruto para a morte. E, finalmente, ela nos enfrenta na obra cristã onde, em meio a nossos momentos de reflexão, temos que atribuí-la a um desejo de notoriedade, a uma paixão por sobrepujar os outros e à intranquilidade de uma natureza que nega pesquisar a vida íntima. Há apenas uma solução para tais dificuldades. Só por meio da cruz e do sepulcro é que podemos desligar-nos e livrar-nos da nefasta dominação deste princípio mau, que é amaldiçoado por Deus e que é prejudicial a uma vida santa.

Na cruz de Jesus, quando Ele morreu à semelhança da carne pecaminosa, Deus escreveu Sua maldição sobre toda manifestação de energia egoísta e carnal e agora cabe a cada um de nós apropriar-se daquela cruz, aceitar a sentença divina, estar no sepulcro onde as vozes da ambição e adulação humanas não possam ser ouvidas e deixar o silêncio da morte em toda manifestação carnal.

Mas não é para permanecermos ali; antes, devemos subir pela graça do Espírito Santo, para gozarmos o ar e a luz puros da ressurreição, onde nenhum rosto humano é visível a não ser o do Salvador ressurreto; onde nenhuma voz humana é audível se não a Sua; e onde, no silêncio da perfeita comunhão, o espírito humano possa discernir o desejo de seu Salvador.

## II. A MENSAGEM E SUA RECEPÇÃO

Houve um duplo apelo nas palavras que Jeremias foi comissionado a dizer naquela grande ocasião quando todos escutavam atentamente.

De um lado, por meio de seus lábios, Deus rogou ao povo que se arrependesse e volta-se de seus maus caminhos; de outro lado, lhes fez saber que sua obstinação faria necessário que seu grande santuário nacional fosse uma desolação tão completa como tinha sido Silo, que por quinhentos anos tinha permanecido em ruínas.

É impossível compreender a intensidade do choque provocado por tais palavras. Parecem insinuar que o Senhor não podia defender o que era Seu ou que a sua religião tinha sido tão inútil que não poderia evitar tal desgraça.

Profetas e sacerdotes tinham assegurado ao povo que a presença deles no Templo era uma garantia de sua segurança e só sugerir que tal sorte agora profetizada poderia repetir a desgraça que ocorrera nos dias de Samuel parecia o limite da impertinência. E **“tendo Jeremias acabado de falar tudo quanto o Senhor lhe havia ordenado que dissesse ao povo”**, deu-se como que um redemoinho de indignação popular.

O mesmo aconteceu anos depois com Paulo quando a presunção de que este tivesse contaminado o Lugar Santo produziu tal celeuma popular que toda a cidade foi comovida e o povo o rodeou, o arrastou para fora do Templo, o espancou, tornando-se até difícil para o regimento de soldados romanos arrancá-lo das mãos do povo que, assim mesmo, continuou gritando: **“Mata-o!”** (Atos 21.27-36).

E não é difícil de imaginar que tal teria sido a sorte de Jeremias se não fosse pela pronta intercessão dos príncipes.

Esta é a recepção que o homem dá às palavras de Deus. Podemos perguntar-nos seriamente até onde as nossas palavras são as palavras de Deus quando o povo as aceita pacificamente e como perfeitamente estabelecidas. A Palavra de Deus para os que acariciam seu pecado não pode ser outra coisa senão martelo, fogo e espada de dois fios.

Assim podemos verificar se nossa mensagem é produto de nossa própria fantasia ou a carga que o Senhor nos deu. O que os homens aprovam e aplaudem pode não ter o selo do Rei e ser uma substituição por parte do mensageiro de notícias que lhe parecem mais agradáveis e que, portanto, são mais convenientes para assegurar-lhe uma receptividade mais ampla entre seus ouvintes.

## III. INTERCESSÃO OPORTUNA

Os príncipes estavam sentados no palácio e, no momento que ouviram a algazarra popular, subiram ao Templo. Sua presença acalmou a excitação e impediu que o povo enfurecido levasse a cabo seu desígnio de atentar contra a vida do indefeso profeta. Imediatamente se constituíram em tribunal de apelação, perante o qual foram chamados o profeta e o povo. Sacerdotes e profetas expuseram o desejo do povo e exigiram a sentença de morte, apelando para o povo.

Então Jeremias se defendeu. Alegou que só podia pronunciar as palavras que o Senhor lhe tinha dado. Novamente suplicou ao povo que corrigisse seus caminhos. Reconheceu que estava em suas mãos, mas os advertiu que o seu sangue inocente seria demandado deles e, no final de seu discurso, reafirmou que era um embaixador do Senhor.

Esta defesa valorosa e ingênua parece que inclinou o fiel da balança a seu favor. Os príncipes disseram: **“Este homem não é réu de morte, porque em nome do Senhor, nosso Deus, nos falou”**. E o povão volúvel, levado para cá e para lá, parece ter chegado à mesma conclusão. Agora, os príncipes e o povo estavam unidos contra os profetas e os sacerdotes.

A conclusão a que chegaram foi confirmada pelos anciãos da terra que tinham vindo das cidades de Judá e que recordaram ao povo que o bom rei Ezequias tinha agido de maneira bem diferente com o profeta Miquéias, escutando suas admoestações, rogando o favor do Senhor e assegurando a revogação da sentença divina. É assim que Deus esconde Seus servos fiéis debaixo do Seu manto. Nenhuma arma que seja direcionada contra eles os atingirá. Estão ocultos no segredo do Seu manto, protegidos da contenda das línguas maldizentes.

## **CONEXÃO HISTÓRICA**

Em capítulo anterior, vimos que o Egito dominava todas as terras do Nilo ao Eufrates. Entretanto, quando os caldeus estabeleceram seu reino sobre as ruínas de Nínive dedicaram sua atenção a despojar Faraó Neco de uma parte de seu vasto território.

Fazia tempo que Jeremias previra isto e tinha apresentado com uma linguagem gráfica a cena e os resultados da terrível batalha de Carquemis, sobre o Eufrates, onde os dois povos poderosos lutaram pelo poder supremo do mundo da época.

Jeremias ouviu o chamado às armas. Vê os cavalos carregados pesadamente com armas e os homens a cavalo com espadas e suas armaduras reluzentes. As hostes egípcias, como se fosse uma inundação do Nilo, lançam-se contra as sólidas fileiras de seus inimigos; seus tributários desde Cus e Pute, juntamente com os lidos,



famosos por manejarem o arco, lutam em vão para deter a fuga dos poderosos homens do Egito.

Fogem apressadamente e não olham para trás; a espada devora e embriaga-se com sangue; o alarido das hostes fugitivas enche a terra; e os valentes tropeçam e caem para não levantar-se mais (Jeremias 46.1-12). O Egito não se recobrou mais e nunca mais ousou lutar contra o jugo que Nabucodonosor, com potência imperial, colocou sobre ele.

Daí em diante, mais nada conseguiu resistir ao avanço de Nabucodonosor que provavelmente teria sido associado com seu ancião pai, e cujo primeiro ano, portanto, coincidiria com o quarto ano de Jeoaquim (25.1). Como um leopardo, para usarmos a expressão de Habacuque, que nesta época começava a exercer seu ministério, o jovem rei lançou-se sobre os povos que tinham estado sujeitos ao Egito e que o tinham ajudado em seus planos.

E, enquanto as notícias de suas proezas circulavam pelo mundo, Jeremias predisse que Nabucodonosor seria o chicote de Deus para castigar a maldade dos povos: **“Mandarei buscar... Nabucodonosor, rei da Babilônia, Meu servo, e os trarei contra esta terra, contra os seus moradores e contra todas estas nações em redor, e os destruirei totalmente, e os porei por objeto de espanto, e de assobio, e de ruínas perpétuas... Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações servirão ao rei da Babilônia setenta anos”** (25.9, 11).

Em sua primeira invasão a Judá, o rei da Babilônia contentou-se em prender o rei Jeoaquim e amarrá-lo com cadeias, levando-o para Babilônia, embora parece que depois tenha mudado de propósito e o restaurou a seu trono, fazendo-o seu vassalo e exigindo dele um juramento de lealdade (Ezequiel 17.12-13). Retirou do Templo os utensílios preciosos para enriquecer a casa de seu deus na Babilônia e levou cativos vários dos poderosos da terra, entre eles a Daniel e a seus três amigos (Daniel 1.1-2). Mas apressou-se a voltar para a Babilônia, sendo chamado por causa da morte de seu pai Nabopolassar.

Durante três anos, Jeoaquim guardou fielmente seu juramento (2º Reis 24.1), mas foi enganado pela esperança de independência, baseada na possibilidade de fazer uma aliança com os povos vizinhos.

Foram enviados mensageiros de cá para lá entre ele e Faraó, negociando cavalos e muita gente, embora durante todo este tempo Ezequiel e Jeremias deixassem bem claro que o Senhor não deixaria de castigá-lo por quebrar sua promessa de fidelidade feita ao rei da Babilônia. Esta época foi de muita atividade por parte dos profetas do Senhor, que fizeram o possível para que não se caísse num erro político, com o qual ganhariam uma vingança terrível (Ezequiel 17.15-21).

E aconteceu o que estes profetas temiam. Nabucodonosor, que não deixou passar por alto semelhante deslealdade de um rei seu súdito, logo colocou em prontidão seus exércitos e preparou-se para avançar através do deserto para castigar o fraco e desleal Jeoaquim. Foi durante sua marcha sobre Jerusalém que se verificaram os incidentes narrados em capítulos seguintes: a proclamação de um jejum e a reunião dos recabitas com outros fugitivos, procurando o abrigo da cidade.

Não temos notícias do profeta durante estes três ou quatro anos. Seu coração deve ter estado cheio de patriótica angústia enquanto via a invasão chegando cada vez mais perto da cidade condenada.

Para ele, era o ano de uma seca e só havia esperança em Deus e provavelmente devem ter vindo a seus lábios palavras semelhantes àquelas que o grande Florentino dirigia à cidade que tanto amava com o mesmo afeto apaixonado que os judeus tinham por Jerusalém: “Teus pecados, ó Florença, são a causa destes açoites. Arrependa-se, ore, seja unida. Todos os dias de minha vida cansei de fazer-te conhecer as verdades da fé e da vida santa e só tenho levado tribulação, deboches e reprovação”.

.oOo.

## 12

# A PALAVRA INDESTRUTÍVEL

## Jeremias 36.23

**Agora entramos no quarto íntimo do profeta**, onde ele se encerrou para não excitar o ódio e o rancor do povo. Baruque, seu amigo íntimo, um homem de qualidade e de erudição, está sentado, escrevendo cuidadosamente o que o profeta lhe dita, cuja alma sente o impulso do Espírito Divino. **“Declara-nos, como escreveste isto?”**, disseram os príncipes a Baruque. E respondeu-lhes Baruque, o escrivão: **“Ditava-me pessoalmente todas estas palavras e eu as escrevia no livro com tinta”** (36.17-18).

Quando o rolo estava cheio, não aventurando-se a sair a lugares públicos, Jeremias o confiou a Baruque, mandando-lhe que o lesse às multidões reunidas. Precisamente naqueles dias, Jerusalém estava apinhada de gente. De todas as regiões de Judá o povo vinha para o grande jejum que tinha sido proclamado devido à proximidade do

exército da Babilônia. Fazendo uso da frase que Jeremias tinha condenado com tanto fervor: **“Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este”** (7.4) e, imaginando que houvesse alguma virtude especial nos recintos do Templo, as multidões ali se tinham amontoado, agonizantes de medo, esperando que com seus véus negros e lábios cobertos e com seu clamor pudessem ser propícios ao Todo-Poderoso e desviar a sorte que parecia iminente.

Tomando seu lugar no átrio superior na entrada da novaporta da Casa do Senhor, Baruque começou a ler, enquanto o povo estava em pé, formando uma multidão coesa a seu redor.

Entre a multidão assombrada, estava Micaías, o neto de Safã, que ficou tão impressionado e espantado com o que ouvia que apressou-se a torná-lo conhecido dos outros príncipes, então reunidos em concílio na câmara do principal secretário de Estado, no palácio real.

Estes, por sua vez, interessaram-se tanto pelo que ouviam que fizeram com que Micaías voltasse ao Templo para pedir a Baruque que, sem detença, viesse e lhes lesse as palavras do profeta. O escrivão veio e começou a ler-lhes.

Entre os príncipes havia vários homens notáveis: Elisama, o secretário de Estado; Elnatã, o sogro do rei, que tinha trazido do Egito o profeta Urias para matá-lo; e outros. Um grande temor caiu sobre eles ao ouvirem aquelas palavras de mau agouro e que eram, provavelmente, semelhantes àquelas palavras do capítulo vinte e cinco.

Embora estivessem unidos ao ódio geral contra o profeta, sentiam profundamente que os acontecimentos justificavam aquelas predições do profeta e pareceu-lhes ser seu dever levar ao rei o conhecimento do conteúdo do rolo.

Antes de fazê-lo, porém, aconselharam que Baruque e Jeremias se escondessem, porque conheciam muito bem o caráter despótico e apaixonado de Jeoaquim e deixaram o rolo na câmara de Elisama.

Eles achavam que uma declaração verbal das palavras cuja leitura tinham ouvido seria suficiente, mas isto não satisfez ao rei, que mandou que Jeudi trouxesse o próprio rolo.

Era inverno, o mês de dezembro. O rei ocupava os aposentos de inverno de seu palácio e estava aceso o fogo do braseiro. Imaginemos o quadro: o rei sentado diante do braseiro; os príncipes em pé a seu redor; Jeudi lendo o conteúdo do rolo; a consternação e o pânico reinando em todas as partes da cidade e marcando as feições dos rostos da multidão prostrada nos átrios do Templo.

Quando Jeudi começou a ler, franziu-se a fronte real e apareceram sintomas de uma tempestade de ira. Quando o escriba tinha lido três ou quatro colunas, Jeoaquim arrebatou o rolo de sua mão e pedindo uma faca de escrivão que este sempre carregava como

um símbolo e instrumento de sua vocação, começou a picar o manuscrito, jogando com desprezo os pedaços ao fogo.

Os piores podem ser compungidos e para os mais apaixonados há vozes que admoestam e rogam. Assim foi com o rei Jeoaquim. Delaías, Gemarias e até o próprio Elnatã procuraram dissuadi-lo de seu propósito, mas tudo foi em vão. Nada pôde detê-lo até que o rolo estava totalmente feito em pedaços e todo fragmento consumido.

Não contente ainda com este flagrante ato de desafio, deu ordens para a prisão imediata de Baruque e de Jeremias, uma ordem que seus emissários procuraram executar, mas em vão.

A destruição do rolo, no entanto, não cancelou o terrível destino a que se apressava o país, sob o controle de um rei apaixonado e iníquo. Todas as palavras do livro que tinha sido destruído foram escritas em outro livro e outras ainda lhes foram adicionadas, predizendo a indignidade e o ultraje a que o cadáver do rei seria exposto. **“Seu cadáver será largado ao calor do dia e à geada da noite”** (36.30).

## I. OLHOS ABERTOS PARA VER

Havia uma grande diferença entre Baruque, cujo coração estava em perfeita sintonia com Jeremias, e Jeudi e os príncipes.

Mas havia quase a mesma entre o fiel escriba e o profeta iluminado pelo céu.

Aquele só podia escrever enquanto as palavras saíam dos lábios ardentes do profeta; não via nada; não compreendia nada; para ele as paredes da câmara eram o limite mais longínquo de sua visão; enquanto que este via todo o panorama da verdade estendida perante si, as rochas e os bancos de areia na margem do oceano, as ondas bravias que vinham espumantes, as nuvens ameaçadoras, o navio lançando-se inevitavelmente sobre a ribanceira.

Para Jeremias, as paredes de sua câmara onde estava sentado eram como transparentes; via através delas e além delas, e lia sua mensagem no que via, como um homem pode ler em um livro.

Esta era a obra do Espírito que o inspirava e cuja função especial era abrir os olhos dos videntes, na antiguidade, para os grandes feitos do mundo invisível e eterno, que dentro de pouco seriam reduplicados no mundo temporal e visível.

Estes videntes viram visões de Deus: o trono de safira carregado por fortes querubins; as terríveis rodas da providência; o levantamento e a queda de poderosos impérios; o julgamento do pecado e a dor pelo forte domínio do vindouro. Falar o que sabia e testemunhar o que tinha visto era a missão do profeta.

Em nosso caso, não há probabilidade que isto aconteça. No entanto, os homens ainda podem ser videntes. Dois homens podem estar sentados um ao lado do outro. O grosso véu do sentido pode estar posto perante um, enquanto que, para o outro, está rasgado de cima para baixo.

De um lado, nenhum pensamento, nenhuma ambição, nenhum desejo de coisa alguma além do temporal e do conhecido; do outro lado, a visão da presença e do cuidado de Deus, dos principados e potestades nos lugares celestiais, do ministério dos anjos e da oposição dos demônios, dos carros e cavalos de salvação, do prêmio e da coroa, dos galardões no juízo de Cristo e do lar além do rio.

A carne e o sangue não revelam tais coisas, somente o Espírito de Deus. Estão escondidas dos sábios, mas são reveladas aos meninos que amam a Deus. Bem-aventurado aquele que tem os olhos de seu coração abertos para saber qual a esperança de sua vocação, quais as riquezas de sua herança nos santos e qual a soberana grandeza de Seu poder para com os que creem.

É muito importante que todos os cristãos reconheçam e possuam esta capacidade de visão. Por ser espiritual, é mais profunda que a visão intelectual; não é o resultado do raciocínio nem da erudição, mas da intuição; não pode adquirir-se na escola da ciência terrena, mas é o dom dAquele que só Ele pode abrir os olhos dos cegos e tirar as teias do terreno que impedem a entrada do eterno e invisível.

Se esta visão falta a você, prezado leitor, procure-a nas mãos de Jesus; esteja disposto a fazer a Sua vontade e então a conhecerá.

É uma pena ser cego e não poder ver longe; ao nosso redor estão as montanhas de Deus em sua majestade solene, como os Alpes ao redor de um hotel na Suíça, onde o viajante chega ao cair da noite para comer e dormir, inconsciente da proximidade de tamanha beleza.

Diz-se que Ampère, o cientista eletricitista, que não enxergava bem sem o saber, quando chegou a conhecer sua visão defeituosa, usando casualmente os óculos de um amigo, se derreteu em lágrimas ao compreender quanto tinha perdido em sua vida por não ver a maravilhosa beleza do mundo ao seu redor. Com muita mais razão muitos de nós teremos que lamentar nossa indizível perda por causa daquela falta de visão de que fala o Espírito Santo (2ª Pedro 1.9).

Se, por outro lado, você tem os olhos abertos, não serão necessários livros de evidências para estabelecer para sua satisfação a verdade de nossa santa religião, a glória do Senhor ressuscitado, o mundo invisível. Como a mulher samaritana, você poderá dizer: “Nós mesmos O temos visto”.

E não serão necessárias mais provas do que aquelas que lhe darão seus próprios sentidos espirituais. Embora uma série de argumentos

sejam apresentados para atacar sua posição como crente em Jesus Cristo, você terá valor para responder: **“Uma coisa sei: eu era cego e agora vejo”** (João 9.25).

Os patriarcas da antiguidade estenderam suas mãos para saudar a visão da cidade que tem fundamentos, a Nova Jerusalém, são o modelo dos homens espirituais de todos os séculos e os que veem estas coisas são indiferentes às privações da vida e tendas ou, como no caso de Jeremias, chegam a ser superiores ao ódio dos homens e às privações da vida.

## II. O USO DA FACA

Os homens aplicam de várias maneiras a faca ou a tesoura à Bíblia. Entre elas estão os **Sistemas do Sacerdócio e do Erro**. Fizeram-no e voltarão a fazer. São sábios para fazê-lo, isto é, são sábios para seus próprios interesses. Porque, uma vez que a Bíblia esteja nas mãos do povo, o falso mestre que os tem enganado precisará sair. O longo reinado da Igreja Romana foi interrompido quando Tyndale, Erasmo e Lutero abriram a Palavra de Deus e a tipografia a espalhou por todo o mundo.

Não é de admirar, pois, que, enquanto fosse possível, se acendessem fogueiras para queimar a Bíblia em toda cidade importante da Europa e a tesoura ou a faca foi usada livremente para cortar quanto condenava as ordens do Papa ou o sistema a que este pertencia. A Vulgata, com suas mutilações, é uma evidência perdurável de que a tesoura de Jeudi sobreviveu a seu século.

Outro que segue a prática de Jeoaquim é o **Infiel**, que usa a tesoura do amargo sarcasmo e a falsa mente chamada razão para destruir as Escrituras. A hostilidade que se manifestou no palácio de inverno entre os príncipes deste mundo tem continuado nos salões da erudição e da ciência terrena, instigando atos semelhantes aos que ali comparecem.

O laboratório do químico, o martelo do mineralogista, a pesquisa do geólogo, o telescópio do astrônomo, os cálculos do matemático e as explorações do descobridor, todos têm sido usados como a tesoura da destruição. A Bíblia continua sendo feita a pedaços regularmente em cada geração por homens como estes.

Em seguida, temos os **Altos Críticos** de nosso tempo que certamente têm ido além das necessidades no uso da tesoura. Alguns deles parecem deleitar-se em tentar destruir os escritos sagrados, atacando o Antigo Testamento, especialmente, e retirando partes das obras atribuídas a Moisés, a Isaías, a Daniel.

Há lugar para o exame honrado e criterioso das Sagradas Escrituras, de sua linguagem, da evidência do contexto nas sucessivas mãos que têm tornado a editar seus documentos mais antigos, mas isto é muito diferente do vandalismo que, sem evidências, atribui grandes partes do Pentatêuco aos dias de Esdras e o livro de Daniel aos tempos dos Macabeus.

Todos nós somos tentados a usar a faca de Jeudi. É provável que ninguém esteja livre do hábito quase inconsciente de pular ou deixar de lado certas passagens bíblicas que estão em conflito com a posição doutrinal ou eclesiástica em que fomos criados ou que assumimos.

Em nossa leitura particular das Escrituras devemos evitar o uso da tesoura ou da faca. Livros e porções inteiras da verdade são silenciosamente cortados da Bíblia de alguns verdadeiros cristãos – passagens que se referem à Segunda Vinda do Senhor, com seu chamado para despertarmos e vestirmos a armadura da luz; os que tratam do verme que não morre, nem do fogo que nunca se apaga e da condenação inevitável dos ímpios.

Ainda, os que descrevem tipos e sombras da antiga lei; ou os que apresentam certas verdades e doutrinas como nas Epístolas. Estas coisas não podem ser eliminadas a não ser para perigo nosso.

A Bíblia é como um bom pão de trigo, que contém todas as propriedades necessárias para sustentar e alimentar a vida. E não podemos eliminar seu amido, seus nitratos e seus fosfatos sem que sintamos a sua falta em nosso organismo, ficando fracos. É uma regra de ouro lermos a Bíblia como um todo.

É claro que cada um terá suas passagens favoritas, marcadas pelas lágrimas e pelo uso: o Salmo 23, Isaías 53, João 14, por exemplo, mas, além destas passagens, devemos estudar com amor e devoção toda a Escritura, que nos foi dada por inspiração de Deus, e que é, portanto, proveitosa para que o homem de Deus seja perfeito e completamente preparado para toda obra boa (2ª Timóteo 3.16-17).

### **III. A PALAVRA INDESTRUTÍVEL**

Os homens podem destruir as palavras e o material em que elas estão escritas, mas não a própria Palavra. Ela é a Palavra incorruptível de Deus, que vive e permanece, ainda que toda a carne murche como a erva e ainda que toda a glória do homem seja como a flor do campo. Deve ser difícil e desagradável para os que rejeitam o testemunho da Palavra de Deus, que a destroem e que menosprezam suas repreensões e admoestações, que sua atitude para com a mensagem sagrada não possa afetar a realidade de que ela dá testemunho.

Jeremias escreveu outro rolo. O dinheiro gasto em comprar exemplares da Bíblia para serem queimados diante da igreja de São Paulo fez possível que Tyndale voltasse a publicar as Escrituras com um custo menor e com letras melhores.

E talvez o fato mais notável neste assunto é que, apesar de tudo quanto já se fez para acabar com a Bíblia, existem milhões e milhões de exemplares em circulação e em todos os países do mundo, sem nenhum capítulo faltando, sem nenhuma parábola sendo omitida, sem nenhum milagre sendo obscurecido, sem nenhuma sagrada promessa tendo sido eliminada.

Tem-se declarado muitas vezes que a Bíblia é uma coleção descuidada, não autêntica, com obras de períodos diferentes, que não têm unidade a não ser a que o encadernador faz, unindo todos os livros num volume só. No entanto, ela permanece conosco hoje em dia com sua autoridade intacta.

E todos os fatos preditos por Jeremias se cumpriram. Nem faca, nem fogo, podiam modificar o destino do rei, da cidade e do povo.

O capitão do navio bêbado pode rasgar o mapa que diz onde estão as rochas no curso do navio e pode até prender o marinheiro que lhe chama a atenção quanto ao perigo à sua frente, mas ninguém evitará o choque que resultará a não ser que se mexa no timão do navio.

Que tenham muito cuidado os que negam o testemunho que a Escritura dá acerca da retribuição ao pecado e à ira de Deus; estas coisas são tão certas como o trono de Deus e o galardão dos remidos. Você pode maltratar e destruir o livro, mas os fatos subsistem obstinadamente.

.oOo.

## 13

# OS RECABITAS

## Jeremias 35.6-10

**A marcha de Nabucodonosor** sobre Jerusalém foi precedida por incursões de siros, moabitas e amonitas. Estes podem ser comparados com os esquadrões de cavalaria ligeira empregados na guerra para inquietar ao inimigo e preparar o caminho para armamentos mais



pesados. Correram pelos vales, assassinaram os camponeses, devoraram os campos produtivos e semearam terror por todos os lados.

Assim, pois, os habitantes do país vizinho, ansiosos por salvar sua vida e alguns restos de seus bens, deixaram suas casas e campos à vontade do invasor e fugiram, procurando segurança na cidade grande, pensando que, dentro dos maciços muros de Sião, teriam proteção. Que excitação não devia haver em Jerusalém quando, dia após dia, novos grupos chegavam entrando pelas portas antigas, procurando casa e alimento na cidade já abarrotada de gente!

Entre as pessoas que chegavam, chamaram muita atenção umas que tinham maneiras estranhas e muito antiquadas. O nome de um era Jazanias, que quer dizer “aquele a quem o Senhor ouve” e seus irmãos e filhos e os chefes de outras famílias estavam com ele. Recusaram abrigar-se em casas e em edifícios permanentes da cidade e levantaram suas escuras tendas em algum espaço aberto dentro dos muros e ali esperaram os acontecimentos.

Sua história era honrosa e relacionava-se com os dias primitivos da história hebraica. Quando Israel passava pelo deserto do Sinai, a tribo dos queneus foi bondosa para com eles e este foi o fundamento de uma amizade perpétua entre os dois povos.

Parece que adotaram as convicções religiosas de Israel e que os acompanharam até a Terra Prometida. Conservando sua integridade como povo pastoril, os queneus mantiveram relações amistosas com Israel durante vários séculos e desta tribo descendiam os recabitas, pois que tal era o nome deste povo estranho amante de viver em tendas (Juizes 4.17, 24; 1º Samuel 15.6; 1º Crônicas 2.55).

Possivelmente, nos dias de Elias e talvez em grande parte influenciado por ele, o chefe de uma família dos queneus chamado Jonadabe, o filho de Recabe, sentiu-se pesaroso pela grande corrupção e iniquidade de seu tempo, especialmente no reino que esteve sob a influência fatal de Acabe e de Jezabel e que se parecia com um matagal espesso em cuja meio, cheio de febre e veneno, abundam os animais nocivos e prevalece a pestilência asquerosa.

Com a finalidade de livrar seu povo de semelhante sorte, este nobre homem, que depois se tornou companheiro de Jeú ao extirpar a idolatria, impôs sobre seu povo uma promessa solene de nunca beber vinho, nem construir casas, nem semear campos, nem plantar vinhas, mas morar em tendas.

Duzentos anos já se tinham passado e quando chegaram a Jerusalém ainda eram fiéis às tradições de sua raça e com obstinação mantiveram-se fiéis entre o povo efeminado e amante de ídolos de Jerusalém, representantes vivos dos dias mais nobres e puros da história hebraica.

## I. JEREMIAS PROVA OS RECABITAS

Assim que Jeremias soube da chegada dos tais, o profeta sentiu um impulso divino de tirar deles uma lição objetiva para o seu povo. Com uma ideia que só seu amor apaixonado podia imaginar, o profeta se valeu de todos os incidentes e usou todos os métodos para despertar seu povo, levando-o à compreensão de sua verdadeira posição perante Deus.

Tomando consigo os chefes dos recabitas, entrou no Templo e numa câmara que pertencia ao filho de Hanã, conhecido como homem de Deus, imediatamente adjacente à câmara ocupada pelos príncipes, sobre a que era ocupada pelo guarda da porta.

Provavelmente, um pequeno grupo de judeus, atraído pela associação do profeta com estes homens de estranha aparência, os acompanhasse para ver o que aconteceria. Curiosamente, presenciaram o ato do profeta, que fez com que vasilhas cheias de vinho fossem colocadas perante os homens da tribo e lhes fossem oferecidas taças para que tirassem o vinho e bebessem. Também ouviram a taxativa negação destes puritanos ao estilo antigo: **“Não beberemos vinho”**, seguida de uma explicação solene imposta sobre eles séculos antes.

A lição é óbvia. Estes homens leais ao desejo de seu antepassado, ainda que para eles era apenas um nome, recusaram a bebida delicada que tantos usavam livremente. Que grande contraste entre eles e o povo de Jerusalém, que persistentemente desconsiderava as palavras do Deus vivo, que perpetuamente os admoestava acerca de seus pecados!

As exigências de Jonadabe eram em grande parte arbitrárias e externas, enquanto que as do Senhor foram corroboradas pelas convicções da consciência e em consonância com os fundamentos mais profundos da religião e da moral.

A voz de Jonadabe era um som que se ouvia fracamente através dos tempos, enquanto que o Senhor lhes falava cada manhã através da voz de cada novo mensageiro que lhes enviava.

E o resultado era um só: Judá, corroído pelos crimes e pela corrupção contra os quais Deus os tinha intensamente avisado, teria que segar tempestades, pois tinha semeado ventos. Não poderiam escapar do juízo que a cada manhã mais se aproximava. Se o povo não quisesse prestar atenção às palavras de repreensão e admoestação, considerando-as vãs e exageradas, pelo menos seria obrigado a admitir que nenhuma das ameaças da vingança de Deus soa impotente no ar ou deixa de atingir sua finalidade.

Por outro lado, semelhante devoção a princípios, semelhante cultura persistente na simplicidade, frugalidade e abstinência, e

semelhante identificação literal à vontade do pai de uma família, não somente recebia a promessa da perpetuidade do povo que os praticava como também gozava da aprovação expressa do Todo-Poderoso. **“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Nunca faltará homem a Jonadabe, filho de Recabe, que esteja na Minha presença”** (35.19).

Esta frase tem um significado muito profundo. Sugere que esta tribo jamais deixaria de existir. É notável que o dr. Wolff, o viajante missionário, encontrou na Arábia uma tribo que dizia ser recabita e lhe leram estas palavras de uma Bíblia em árabe. Também Signor Pierotti, perto do extremo sul do Mar Morto, encontrou uma tribo que também se chamava recabita e lhe citaram estas mesmas palavras.

Mas há um pensamento ainda mais profundo. A frase é usada com frequência no serviço sacerdotal. E não podemos deduzir que onde encontramos aquela devoção aos princípios e aquela separação do mundo que caracterizavam a estes homens há sempre um forte tom religioso, um conhecimento de Deus, uma potência em oração e em intercessão, que são a característica essencial do sacerdote? Isto nos leva a pensamentos que são tão sugestivos quanto saudáveis.

## **II. OS ELEMENTOS DE UMA VIDA PROFUNDAMENTE RELIGIOSA**

A frase **“estar perante Deus”** designa uma elevada vida religiosa e inclui o conhecimento de Deus, a faculdade de executar Seus mandamentos e o poder de interceder por outros.

Era uma frase favorita de Elias, expressando o espírito de sua grande carreira, e foi escolhida pelo anjo Gabriel para dar à virgem de Nazaré a maior garantia de sua autoridade e veracidade (Lucas 1.30).

Seguramente, todo leitor destas palavras deve desejar que o espírito e a atitude de todos os dias vindouros sejam designados assim! Queira Deus que estejamos sempre perante Aquele em cujo rosto a glória de Deus brilha como o sol em toda a sua força! Mas, para que isto não seja apenas um desejo vago ou um sonho, três coisas devem ser lembradas, sugeridas pelas palavras dos recabitas:

### **a) Deve haver uma aderência íntima a grandes princípios.**

Muitas razões superficiais poderiam ter inclinado os recabitas a aceitarem a sugestão tentadora do profeta. Tinham o vinho perante si; tomando-o, não cometeriam pecado contra Deus; o povo ao seu redor não tinha escrúpulos quanto a isso; e o próprio profeta estava convidando-os. Mas, por outro lado, se mantiveram firmes nos princípios que Jonadabe lhes tinha imposto para guiá-los e não

vacilaram em manifestá-los, embora talvez fossem zombados por causa disto.

Ao contrário de tal atitude, é tendência geral entre os homens perguntar qual é a prática da maioria; o que fazem os que se destacam; e o que se espera deles. Somos levados pela correnteza.

Permitimos que nossas vidas sejam dirigidas por nossos companheiros ou por nossos caprichos, por nossas fantasias ou por nossas preferências e se, alguma vez, temos algum escrúpulo momentâneo ao contrastar nossa vida com os modelos de simplicidade primitiva, dos quais as Escrituras com suas biografias estão cheias, nos desculpamos dizendo que, enquanto o propósito principal seja reto, os detalhes não importam. Este raciocínio é incorreto.

Equivocamo-nos enormemente supondo que o propósito principal de nossa vida é algo diferente do que se revela em detalhes. Nos detalhes de nossa vida se vê o que somos real e essencialmente. Os retratos mais fiéis são aqueles que se tomam quando não estamos preparados.

O verdadeiro homem está sempre acertando a sua vida nos detalhes como também na direção principal, de acordo com grandes princípios.

Antes de prosseguirmos, permita-se-me rogar a meus leitores que nunca se permitam fazer ou permitir certas coisas simplesmente porque o costume ou a preferência ou a opinião pública as aprovam, mas que tragam sua vida inteira à pedra de toque de alguma lei elementar do reino dos céus que fará, na esfera moral, o que a gravitação faz na física, ordenando o curso dos mundos e as moléculas do pó.

Se se pergunta “que princípio tem alcance suficiente para uma obra tão grande?”, meditemos no que Guilherme Law diz com tanta insistência em seu **“Chamado sério”**: “O primeiro princípio e o mais fundamental do Cristianismo é um propósito de agradar a Deus em todos os nossos atos. E é porque a maior parte dos cristãos não ter nenhum princípio semelhante que com tanta frequência deixam de exercer a verdadeira devoção”.

Realmente, quando consideramos o caráter dos primeiros discípulos de Cristo ou dos santos ou dos mártires, não temos que confessar que eles eram tão escrupulosos em indagar a respeito da vontade de Deus acerca das pequenas coisas de sua vida como o foram os recabitas em consultar a vontade do finado Jonadabe?

O pensamento de Deus estava tão presente entre eles como estava o de Jonadabe entre os outros. E não foi este o segredo de sua vida tão nobre e forte?

Por que revolução passaríamos se chegasse a ser o único propósito e ambição de nossa vida fazer sempre aquelas coisas que são agradáveis à Sua vista! Não seríamos menos amáveis em nossas amizades ou menos ativos em nosso serviço. Esta atitude não tiraria o

brilho de nosso olhar, nem a cordialidade de nosso aperto de mãos, nem o ardor de nosso coração.

Mas tal atitude refrearia muitas palavras vãs, evitaria muitas zombarias, poria fim a muitos gestos egoístas e nos devolveria as coisas que são conforme a verdade, honrosas, justas, puras, amáveis e de boa fama.

### **b) A abstinência do Espírito da Verdade.**

Era um lucro enorme, em todos os aspectos, os recabitas se absterem do vinho. O vinho estava associado intimamente com o luxo, a corrupção e as orgias abomináveis de sua época (Isaías 28.1-8). Sua abstinência era não somente um protesto contra os males que fermentavam aquele século, mas era também uma segurança de que eles não participariam deles.

Em nossos dias, os mesmos princípios têm aplicação. Diga-se o que quiserem a respeito do uso de álcool, mesmo em certas enfermidades ou de saúde debilitada, mas é inteiramente desnecessário como um ingrediente da dieta normal.

Está mui intimamente identificado com as práticas mais vis da paixão impura, com as obscenidades dos salões de dança, com os festivais grosseiros das corridas de cavalos. Seus vapores permeiam a atmosfera dos salões de carteados, de bilhar e o cenário do vício. Os que se dedicam ao pecado confessam que não poderiam fazer o que fazem sem a excitação provocada pelo álcool.

Acrescentem-se a tudo isto os resultados diretos e incontestáveis do comércio de bebidas alcoólicas: crimes, pobreza, miséria, suicídio e morte, resultados que o sr. Gladstone declarou certa vez serem mais deploráveis que os que provêm da fome, da peste e da guerra, todas juntas. Certamente, pois, faremos bem em dizer como os recabitas, quando alguém nos convidar a beber: **“Não beberemos vinho”**.

O vinho pode representar o espírito do século, sua intranquilidade, sua constante sede de fantasia, de diversão, sua demanda febril por um novo drama, a novela excitante, a nova moda, o magnífico espetáculo. É mais fácil abster-se do álcool do que deste espírito insidioso de nosso século e que é derramado tão livremente pelo ar como saindo de uma redoma demoníaca.

Bem poderíamos repetir aqui as palavras sábias do apóstolo: **“Não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”** (Efésios 5.18). Satanás não pode ser exorcizado com uma negativa. Você deve estar preparado, possuído. E são somente os que estão cheios do Espírito Santo, em Sua bendita energia, os que estão seguros contra o cálice embriagante deste mundo.

**c) Devemos ter coisas simples ao nosso redor.**

Os recabitas moravam em tendas. Conduziam seus rebanhos de lugar para lugar e se contentavam com a vida simples do pastor errante. Assim também os grandes patriarcas tinham vivido antes dos recabitas (Hebreus 11.9, 13). E, desde os seus dias, a vida vivida em tendas é o símbolo da vida que é atraída por um mundo que se apega pouco a este.

É difícil dizer em que consiste o mundanismo. O que seria mundano para algumas pessoas é parte normal das circunstâncias da vida de outras. Mas todos nós somos sensíveis a vínculos que nos prendem a esta terra. Podemos descobrir quais são, considerando as coisas que nos são mais caras; o que nos é difícil abandonar, mesmo nas mãos de Cristo; no que estamos sempre procurando crescer; as coisas nas quais temos orgulho.

Pode ser o nome, a fama, a notoriedade, o orgulho no vestir, o dinheiro, a procedência. Mas, seja lá o que for, se estas coisas nos atrapalham para viver num nível mais elevado, se elas são um peso que nos atrapalha no caminho para o céu, então devem ser colocadas sobre o altar de Deus para que Ele faça o que bem entender com elas e para que possamos, sem estorvo algum, dedicar-nos completamente a Deus.

.oOo.

## 14

# **ESCONDIDO, MAS RADIANTE**

## **Jeremias 36.26**

**Considerando que o rei Jeoaquim** tinha deliberadamente feito em pedaços o rolo do profeta, rejeitado assim suas admoestações, e que tinha acrescentado a seus erros a ameaça às vidas dos fiéis servos de Deus, ficou demonstrado claramente que não serviria de nada continuar com as mensagens do profeta. Assim, a voz do profeta se calou durante o restante do reinado deste mau rei.

Este é um dos princípios do governo divino, tão atual em nossos dias como naqueles, isto é, que, ao não ser atendida, após certo tempo, a voz divina deixa de falar e aqueles que não querem ouvi-la são entregues às influências de suas mentes corrompidas para agir em toda sorte de imundícia. Lembramo-nos destas palavras escritas como um

epitáfio sobre o sepulcro do primeiro rei de Israel: **“Nunca mais viu Samuel a Saul até ao dia da sua morte”** (1º Samuel 15.35) e as palavras não menos assombrosas do apóstolo do amor: **“Há pecado para morte e por esse não digo que rogue”** (1ª João 5.16).

Neste palácio novo e esplêndido de Jeoaquim, cujos espaçosos salões tinham forro de cedros do Líbano, cujas amplas janelas deixavam passar a luz e que foi pintado com brilhantes cores, nunca entrou a única pessoa que poderia ter salvo o navio do Estado, como a chegada oportuna de um piloto experimentado pode salvar um navio da ignorância fatal de um capitão incompetente.

Os falsos profetas poderiam enganar os ouvidos do rei com predições nascidas da falsidade de sua própria natureza. Os fortes partidários do Egito poderiam insistir com o rei a fazer uma aliança com Faraó como sendo a saída segura das dificuldades da época. Mas a voz de Jeremias, durante os dias obscuros e atribulados que se sucederam às cenas do palácio e até que o cadáver de Jeoaquim fosse jogado fora, sem ser sepultado, nem lamentado e chorado, permaneceu em silêncio.

O que aconteceu ao profeta e no quê ele esteve ocupado durante estes anos cheios de acontecimentos?

## I. O SENHOR O ESCONDEU

Exatamente o que isto quer dizer é impossível afirmar. Houve um John de Gaunt para este Wycliffe, ou um eleitor da Saxônia para este Lutero? Será que Aicão, que antes já tinha agido a seu favor, o tomou sob os seus cuidados? Ou o teriam feito Gemarias, que emprestou sua câmara no Templo para que o rolo fosse lido, ou Gedalias, que tornou-se governador de Judá depois de Zedequias ser deportado? Ou este ato de escondê-lo será ainda um ato mais divino e abençoado?

Em todo caso, seja pela intervenção de causas secundárias ou diretas, a verdade é que Jeremias foi escondido no segredo da presença divina das conspirações dos homens e ali foi guardado a salvo das contendas das línguas felinas.

Em seu primeiro alarme, Jeremias disse: “Sou cortado de diante dos Teus olhos”, mas Deus tinha ouvido a sua voz de súplica e tinha conservado Seu fiel servo.

Todos precisamos ser ocultados divinamente. Temos que obedecer à voz que clama a nós, como a Elias: **“Retira-te daqui, vai para a banda do oriente e esconde-te”** (1º Reis 17.3). Aparecemos demais, pensamos que somos importantes demais, somos conscientes demais de nós mesmos. Nossa sombra cai bem à nossa frente e a vemos sobre a areia, clara e bem definida. Precisamos olhar para o sol a fim de que nossa sombra caia longe de nossa vista.

Muitas vezes Deus precisa esconder-nos na câmara da enfermidade, ou no vale da sombra, ou na fenda da rocha. Ele nos chama a Sarepta ou ao Carmelo, às regiões onde há escuridão ou solidão. É somente quando o Ego está escondido na escuridão do sepulcro que a verdadeira luz brilha em nossos corações ou o poder da verdadeira vida emana de nossos atos.

Quantas vezes uma natureza tímida se tem escondido em uma personalidade forte para a qual sentia muito afeto, de modo a poder suportar o olhar da indiferença, a afetação da superioridade, a reprimenda sarcástica, o ato injurioso!

Assim, quando a única paixão de nossa vida se dirige a Deus, quando Seu sorriso é nosso suficiente prêmio, quando não temos outro alvo senão sermos agradáveis a Ele, somos escondidos e de nosso retiro na ardente glória de Sua luz podemos olhar as formas dos males de que receamos.

Existe um sentido literal também, ó crente provado e tentado, em que Deus esconderá você. Conta-se que, em certa ocasião, quando os dragões de Claverhouse recorriam as montanhas da Escócia à procura de confederados, um pequeno grupo desta gente piedosa, reunido para orar nas encostas de uma montanha, teria caído em suas mãos se não fosse por uma nuvem que desceu repentinamente, escondendo-os perfeitamente de seus perseguidores. É assim que o Filho de Deus ainda se interpõe a favor dos Seus.

Viva você só para Ele. Seja uma flecha polida em Sua mão. Ele diz a você o mesmo que Davi disse a Abiatar: **“Fica comigo, não temas, porque quem procura a minha morte procura também a tua; estarás a salvo comigo”** (1º Samuel 22.23).

## II. TORNOU A EDITAR SUAS PROFECIAS

A esta época podemos referir o mandato divino: **“Escreve num livro todas as palavras que Eu disse”** (30.2). Pode ser que durante todo este tempo Baruque continuasse como seu fiel amanuense e escriba. Pelo menos, é verdade que, com ele, foi escondido divinamente (36.26-32).

Isto custou-lhe muito no que diz respeito a seus interesses terrenos. Ele pertencia a uma boa família, sendo seu irmão Seraías, que tinha uma elevada função no reinado de Zedequias e que acariciava a ambição de distinguir-se entre os seus compatriotas. Ele procurava coisas grandes para si, mas aceitou o sofrimento e a dor a que sua identificação com Jeremias o levou por uma revelação especial que lhe assegurou a desgraça nacional que se aproximava e que no caos geral ele escaparia com vida (capítulo 45).



Com a ajuda deste fiel amigo, Jeremias reuniu todas as profecias que tinha pronunciado em diferentes ocasiões e as pôs em ordem, elaborando especialmente as predições dadas no quarto ano de Jeoaquim contra as nações ao redor. A palavra do Senhor lhe veio a respeito da Filístia e de Moabe, dos filhos de Amom e de Edom, de Damasco e de Cedar.

E o estudioso da Palavra fará bem em ler de novo os maravilhosos parágrafos que predizem a sorte destas nações com as incursões devastadoras de Nabucodonosor e de seus selvagens soldados. **“Tu, Babilônia, eras Meu martelo e Minhas armas de guerra; por meio de ti, despedacei nações e destruí reis”** (51.20; vejam-se os capítulos 47 a 49.33).

Este tempo de reclusão de Jeremias, pois, não foi perdido para o mundo. Foi muito frutífero, como a prisão de Bunyan no cárcere de Bedford, como a reclusão de Lutero em Wartburg, como o aprisionamento de Madame Guyon na Bastilha.

Sem ser visto, o profeta se ocupou, enquanto a noite caía sobre seu país, em acender a segura luz da profecia que enviaria seus radiantes raios sobre as águas escuras do tempo até que o dia amanhecesse e o luzeiro da manhã brilhasse no céu do oriente.

## II. FEZ DUAS VIAGENS A BABILÔNIA

A este período também temos que relacionar o incidente do cinto de linho (13.1-11) porque o discurso baseado nele foi feito durante o reinado de três meses do rei Joaquim, reinado muito curto para possibilitar uma viagem tão longa que era necessária para os propósitos pelos quais o profeta foi enviado.

O israelita era extremamente cuidadoso quanto à limpeza e especialmente à do linho. Por isto chamou muito a atenção de todos que o profeta usa-se um cinto de linho novo sem lavá-lo. Quando já estava bem sujo, o levou, sob a direção divina, ao rio Eufrates e ali o sepultou numa cova que fez.

Alguns acham que o incidente refere-se a uma visão do profeta ou que se refere a um lugar mais próximo do que o rio Eufrates, que distava de Jerusalém cerca de quatrocentos quilômetros. Mas não parece existir um bom motivo para duvidar da interpretação literal da narrativa como a dá o profeta. Sua presença em Jerusalém não era tão necessária; pelo contrário, a perda de tempo era sem importância se comparada com a impressão que a figura produziria. Além disso, seria bom que ele se familiarizasse com os desterrados que já estavam na Babilônia e com os acontecimentos dali.

Nas profecias que ele anunciou depois sobre a queda da Babilônia há descrições tão minuciosas e exatas que só podia tê-las feito alguém que se tivesse familiarizado com a cidade por meio de observação pessoal.

Após seu regresso da Babilônia, **“muitos dias”** se passaram. Sua segunda viagem a Babilônia, sob a direção divina, pode ter sido durante as últimas cenas da história triste e trágica de Jeoaquim e pode ter voltado quando Joaquim começou seu reinado.

Mas aquele pedaço de linho podre, apresentado perante os olhos de seu povo, descreveu sua história triste. Judá e Jerusalém podiam ter sido para o Senhor um bom nome, um louvor e uma glória; Ele os queria para Si, mas não O escutaram; foram atrás de outros deuses para servi-los e adorá-los. Por isto foram destinados a serem deixados de lado, como coisas vãs e sem proveito.

A lição desta dupla viagem feita a pé, que deve ter sido como de quase mil e quinhentos quilômetros, nos ensina que não devemos considerar excessivo nenhum esforço feito por nós se é que com ele podemos realizar as ordens dadas pelo nosso Rei. Muito tempo antes, quando Jeremias era comparativamente uma criança, ele foi chamado por Deus para cumprir Suas ordens (1.7) e não deveria queixar-se se algum mandato divino fizesse necessário que ele viajasse longe ou se tivesse que andar sobre solos ardentes e dormir sob o orvalho da noite.

Quando Jesus nos mandar ir a todo o mundo, Ele fala seriamente, e não devemos alegar a distância e os trabalhos do caminho. Se Ele disser **“vai ao Eufrates”**, isto é suficiente. Uma vez que estejamos certos de Sua missão, devemos imitar o profeta, que diz com uma simplicidade encantadora: **“Fui ao Eufrates”**.

Jeremias teve visões do Novo Pacto. Há bons motivos para supor que foi durante este tempo de reclusão que os olhos de Jeremias foram abertos para ver uma verdade espiritual que se antecipava muito a qualquer revelação daqueles dias e foi destinada a ser um vislumbre da verdade evangélica. Não foi a última vez em que os olhos mortais foram fechados com o fim de ver, protegidos do brilho deste mundo, a luz que nunca resplandeceria no mar ou na terra. O cego Milton cantou do Paraíso perdido que foi reconquistado.

O estranho poema que vamos considerar agora está nos capítulos 30 e 31 e contém sete estrofes. O profeta já não se interessa em Judá somente; seu pensamento engloba também as outras dez tribos, que chama de Israel ou Efraim, e que cento e setenta anos antes já tinham sido levadas em cativeiro. Mas seu coração se alegra antecipando o regresso do todo o povo da terra do norte, apresentando, por meio dos sofrimentos, uma vida mais pura e nobre.

Vamos considerar alguns dos pensamentos e frases estranhas deste poema lindo, onde poderíamos deter-nos por muito tempo e com proveito, mas apenas cortaremos algumas flores e as deixaremos que nos falem da riqueza do jardim de onde foram retiradas:

**“Não temas, pois, servo Meu, Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel; pois que te livrarei das terras de longe e à tua descendência, da terra do exílio”** (30.10). **“Te restaurarei a saúde e curarei as tuas chagas, diz o Senhor”** (30.17). **“Com amor eterno Eu te amei; por isso com benignidade te atraí. Ainda te edificarei e serás edificada, ó virgem de Israel! Ainda serás adornada com os teus adufes e sairás com o coro dos que dançam”** (31.3-4). **“O Meu povo se fartará com a Minha bondade, diz o Senhor”** (31.14).

Extasiado com estas palavras, enquanto estava recebendo a mensagem profética, não é de admirar que Jeremias experimentasse, de uma maneira espiritual, o gozo extático que visita a alma quando entre o dormir e o despertar compreende que suas esperanças mais preciosas estão sendo cumpridas. **“Nisto, despertei e olhei; e o meu sono fora doce para mim”** (31.26).

Mas a revelação mais admirável viria a seguir. Os severos mandamentos de Moisés, as formas elaboradas do ritual do Templo, os rogos de Deuteronômio, reforçados como tinham sido pelas palavras dos profetas daqueles dias, tudo isto não tinha evitado que o povo apostatasse. Que esperança havia de que num futuro distante não se repetiria a amarga história do passado?

Mas Deus, que mandou que a luz resplandecesse no meio das trevas, resplandeceu no coração de Seu servo e lhe descobriu a glória do Novo Pacto, que seria selado com o sangue da cruz, **“o Novo Pacto no Meu sangue”**, como Jesus o chamou. Um pacto que estabelece que não depende da obediência do homem às proibições e mandatos, mas que brilharia com as promessas sete vezes repetidas por Deus (21.31-34; Lucas 22.20; Hebreus 8.8-12) .

A lei de Deus não estaria *fora*, como um preceito, mas *dentro*, como se entretecida na mesma tela do coração e da vontade. A religião consistiria mais no que Deus era para o seu Filho, do que no que o Seu filho fizesse ou dissesse com respeito a Ele. Não seriam mais necessários nem sacerdotes nem levitas, pois que cada alma possuiria o direito de falar diretamente com o Senhor. O pecado seria completamente perdoado, como se nunca tivesse existido. Esta foi a visão que brilhou no coração do profeta e que foi realizada por Cristo a favor de todos os que pela fé Lhe pertencem. Este bendito pacto reunirá um dia Israel dentro de suas provisões.

É um assunto sério saber até que ponto aquele pacto tem sido cumprido em nossa própria experiência. Estamos contentes com a

nossa vida e pensamos que nossos corações e o íntimo de nosso ser tem suas inscrições sagradas, assim como as tábuas de pedra do Sinai tinham escrito o Decálogo.

Mas, de repente, reparamos que há uma erupção de inveja, de orgulho e de ira, como se de uma sarjeta a sua imundícia fosse jogada num piso luxuoso. Tais experiências nos fazem vacilar, mas não devemos desanimar. Provavelmente estejam mostrando, não que Deus não tenha começado a Sua obra em nós, mas que O temos deixado momentaneamente para realizar alguma coisa por esforço próprio ou que estejamos vangloriando-nos por algo que tenha sido realizado.

Voltemos para Ele. Abramos o íntimo de nosso coração para Ele. Em profunda humildade, esperemos que Ele grave ainda mais profundamente e legivelmente Seus pensamentos secretos. Creiamos que Ele está fazendo isto. Contemos com Ele para o aperfeiçoamento nosso.

Assim chegaremos a conhecer a Deus. O passado morto sepultará seus mortos. Os pecados e a iniquidade de dias passados serão jogados na ribanceira, como os cadáveres dos egípcios de quem os israelitas se livraram. E então nossos corações se alegrarão e dançarão; nosso luto se transformará em gozo; nossa alma será como um jardim regado; e Deus nos consolará, fazendo-nos regozijar pela dor passada e preparando-nos para segar com alegria o que temos semeado com lágrimas (31.10-14).

.oOo.

## 15

# O MINISTÉRIO DA DESTRUIÇÃO

## Jeremias 32.24

**Quando Jeremias foi chamado** para a obra profética, foram-lhe dadas seis responsabilidades diferentes. Foi posto sobre nações e reinos, para arrancar e para derribar, para destruir e para arruinar, para edificar e para plantar (1.10).

Dois terços de sua obra estava ligada com destruição. Este não é um trabalho fácil, nem agradável. Ninguém escolheria estar no meio do pó asfixiante proveniente das paredes que estão sendo destruídas para dar lugar a um palácio que será construído no mesmo lugar.

Os interesses associados, os abusos por longo tempo praticados, os males lucrativos, clamam em alta voz contra qualquer esforço para acabar com sua existência. Mas Elias tem que preceder Eliseu e João Batista tem que preparar o caminho para o Cristo. O arado é posto na terra antes de esta receber a semente; antes da vegetação da primavera, vem a severa desintegração do inverno, reduzindo o solo a pó em suas poderosas mãos. Tal foi a obra que coube a Jeremias realizar.

## I. A OBRA DE DEMOLIÇÃO

### a) Jeaquim.

Quando Josias morreu, toda a terra lamentou. Cada cidadão sentia sua morte como uma perda pessoal e usou o triste lamento das carpideiras profissionais, dizendo: **“Ai, meu irmão!”**. O ambiente estava cheio das palavras: **“Ai, Senhor meu!”**, **“Ai, a glória de Israel!”**.

Mas Jeremias predisse em relação à morte do rei Jeaquim: **“Como se sepulta um jumento, assim o sepultarão; arrastá-lo-ão e o lançarão para bem longe, para fora das portas de Jerusalém”** (22.13-19). E em outra ocasião, mais tarde, quando o rei em seu desafio ímpio tinha queimado o rolo, o profeta disse: **“Ele não terá quem se assente no trono de Davi, e o seu cadáver será largado ao calor do dia e à geada da noite”** (36.29-31).

As palavras do profeta carregam a aprovação do Senhor. Pronunciaram a sentença que inevitavelmente foi executada. E, portanto, embora não tenhamos uma narrativa completa, é bem provável que, após o regresso da sua segunda viagem a Babilônia, Jeremias recebesse a notícia da morte de seu inimigo real.

Há várias tradições acerca de sua morte. Uma diz que foi assassinado nas ruas de Jerusalém. Outra diz que caiu numa escaramuça com saqueadores que tinham sido incitados por Nabucodonosor para provocar consternação nas vizinhanças de Jerusalém. Outra diz que foi atraído ao acampamento do rei da Babilônia e que ali foi assassinado traiçoeiramente, mas morreu como tinha vivido: desonrosa e miseravelmente.

### b) Joaquim (ou Jeconias).

Seu reinado foi como o de Napoleão após seu regresso da ilha de Elba: cem dias. Tinha dezoito anos quando chegou ao trono e ocupou-o por três meses e dez dias (2º Crônicas 36.9), mas neste pouco tempo teve oportunidade de mostrar qual era o seu caráter. **“Fez ele o que era mau perante o Senhor”**.

Sua mãe, Neústa, era filha de Elnatã, cujas mãos tinham sido manchadas com o sangue do profeta Urias, e que com o forte partido pagão que dominava a política da corte, modelaram em conjunto o jovem monarca à sua vontade.

Jeremias proferiu palavras de terrível significação. Passando pelas ruas, ele mostrava o cinto de linho sujo e predizia a sorte do rei e da rainha-mãe. **“Humilhai-vos, assentai-vos no chão; porque caiu da vossa cabeça a coroa da vossa glória. As cidades do Sul estão fechadas e ninguém há que as abra; todo o Judá foi levado para o exílio, todos cativos... esta será a tua sorte, a porção que te será medida por mim, diz o Senhor; pois te esqueceste de mim e confiaste em mentiras”** (13.18-21).

Depois, falando mais particularmente do rei e de sua mãe, disse que Jeconias seria entregue em mãos dos que buscavam a sua vida a daqueles a quem ele temia; que o Senhor o lançaria, a ele e à sua mãe, como um vaso quebrado e rejeitado, a outro país, onde não nasceram; que ali morreriam; e que nunca voltariam à terra que amavam (22.28-30).

E assim aconteceu. Tal era a amarga ferocidade dos caldeus que estavam sitiando novamente a cidade para castigar a infidelidade de Jeoaquim e nada os satisfazia senão a entrega do rei e de sua mãe. Não houve alternativa e, segundo Josefo nos conta, formou-se uma triste procissão e por uma porta, que receberia depois o nome do rei, mas que na ocasião foi fechada com tijolos para que ninguém passasse pelo caminho que tinha sido a cena de tal desastre, o rei, sua mãe, os nobres e oficiais, saíram para o acampamento dos caldeus, sentaram-se no chão, vestidos de preto e com seus rostos cobertos com véus.

Neste tempo, Nabucodonosor tinha voltado de sua guerra contra Faraó Neco que tinha saído para socorrer ao seu aliado, mas que, finalmente, tinha sido vencido e recebeu pessoalmente a submissão dos fugitivos reais (2º Reis 24.7-16).

E prosseguiu o saque da cidade. Todos os príncipes e guerreiros principais, os artesãos e os ferreiros, o harém do rei e os oficiais da corte, foram acorrentados, formando longas filas e retirados de seu amado país, que a maior parte deles não tornaria a ver. Ezequiel era um dos que estava naquela triste procissão e parecia como se um lamento lastimoso soasse por todo o país, enquanto os desterrados tomavam o caminho para seu longínquo destino.

E o profeta chorou muito; com amargo pranto, seus olhos se desfizeram em lágrimas, porque o rebanho do Senhor tinha sido feito cativo.

### **c) Os profetas.**

Estes formavam uma classe grande e influente. Desde os dias de Samuel, suas escolas tinham fornecido uma sucessão de homens que ocuparam uma posição única na terra, como os representantes de Deus, mas nos dias da degeneração de que estamos escrevendo agora, quando o reino de Judá estava para cair, parecem ter sido inteiramente contaminados com os vícios predominantes de seu tempo. Eram, como disse Isaías, **“cães mudos, não podem ladrar”** (Isaías 56.9-12). Comilões e bêbados, indolentes e dissolutos, sonhadores, amantes do sono, deram as costas ao Senhor e diziam, quando Jeremias profetizava, **“não é Ele”**, referindo-se ao Senhor (5.12-13).

Deve ter sido bem doloroso para Jeremias opor-se a eles e resistir sua influência sobre o povo, mas não havia alternativa. Seu coração estava quebrantado e seus ossos estremeciam; tanto o profeta quanto o sacerdote eram ímpios e até na Casa de Deus prevalecia a maldade. Escutem-se estas terríveis palavras ditas em nome do Senhor: **“Nos profetas de Jerusalém vejo cousa horrenda; cometem adultérios, andam com falsidade e fortalecem as mãos dos malfeitores, para que não se converta cada um da sua maldade; todos eles se tornaram para Mim como Sodoma, e os moradores de Jerusalém, como Gomorra”** (23.9-14).

Jeremias instou junto ao povo para que não ouvisse a estes homens que falavam da visão de seu próprio coração, não a tendo recebido do Senhor. Seu crime fatal era viver nas tradições do passado e animar até mesmo àqueles que andavam em seus corações obstinados, assegurando-lhes que nenhum mal lhes sobreviria. Deliberadamente, trabalharam para neutralizar os rogos e as palavras de Jeremias, anunciando seus próprios sonhos mentirosos, como se eles, em lugar de Jeremias, conhecessem os segredos do Senhor.

Após a deportação de Jeconias, os incidentes chegaram ao auge. Hananias, profeta de Gibeom, que era uma das cidades sacerdotais, levantou-se e contradisse publicamente a Jeremias quando este estava falando no Templo, na presença de sacerdotes e do povo. Usando o santo nome do Senhor, declarou que lhe tinha sido revelado pelo Senhor que em dois anos Jeconias e todos os cativos, com todos os vasos sagrados que Nabucodonosor levava, voltariam.

No momento, Jeremias disse: **“Amém! Assim faça o Senhor; confirme o Senhor as tuas palavras, com que profetizaste, e torne Ele a trazer da Babilônia a este lugar os utensílios da Casa do Senhor e todos os exilados. Mas ouve agora esta palavra, que eu falo a ti e a todos o povo para que ouçais: Os profetas que houve antes de mim e antes de ti, desde a antiguidade, profetizaram guerra, mal e peste contra muitas terras e grandes reinos”** (28.6-8).

Ainda não contente com suas palavras, o falso profeta tomou dos ombros de Jeremias o jugo que este carregava com o propósito de lembrar sempre a seu povo e às nações vizinhas que teriam que servir ao rei da Babilônia até que chegasse o tempo assinalado. Quebrou o jugo, dizendo que semelhantemente Deus, dentro de dois anos, quebraria o jugo de Nabucodonosor.

Jeremias não prolongou a disputa, mas em particular disse a Hananias que o jugo de madeira seria substituído por um jugo de ferro e que ele fazia o povo acreditar em suas mentiras. **“Morrerás este ano”**, acrescentou Jeremias e dois meses depois o falso profeta era um cadáver.

#### **d) As nações ao redor.**

Em duas ocasiões Jeremias protestou contra uma aliançada nações ao redor para resistir ao poder crescente de Babilônia, que certamente teria sido incentivada pelo poder do vizinho Egito. Na primeira ocasião, ele disse que teriam que beber do cálice da ira do Senhor e, na segunda, que teriam que sofrer o jugo de Babilônia. **“Eu entregarei todas estas terras ao poder de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Meu servo... Todas as nações servirão a ele, a seu filho e ao filho do seu filho, até que também chegue a vez da sua própria terra”** (27.6-7).

Tudo isto deve ter sido a causa do profeta ser acusado de falta de patriotismo; suas palavras enfraqueceram o povo da terra; sua influência o livrou de unir-se em uma grande aliança de emancipação; mas não havia alternativa. A única alternativa era dizer as palavras do Senhor: “Farei com que haja transtorno, transtorno, transtorno”.

#### **e) Os desterrados.**

Os falsos profetas tinham sofrido a mesma sorte de sua nação e juntaram-se aos demais no cativeiro; eles procuraram infundir uma esperança aos desterrados, profetizando um breve regresso. Eles diziam ao povo que de nada adiantaria eles construírem casas ou plantarem hortas ou casar, pois que brevemente estariam novamente em Jerusalém.

Os principais eram Zedequias e Acabe, homens de vida imoral, que foram queimados vivos como castigo (29.21-23). No entanto, continuava o descontentamento e o povo recusava aceitar tranquilamente as condições de seu cativeiro.

Jeremias lhes escreveu uma carta que foi confiada a dois homens nobres, que eram seus amigos, a quem Zedequias, o tio e sucessor de Jeconias, enviou a Babilônia com promessas de fidelidade. **“Edificai**



**casas e habitai nelas; plantai pomares e comei o seu fruto. Tomai esposas e gerai filhos e filhas... Multiplicai-vos e não diminuais. Procurai a paz da cidade para onde vos desterrei e orai por ela ao Senhor; porque na sua paz vós tereis paz” (29.5-7).**

Quando Semaías, um dos falsos profetas, ouviu a leitura da carta, escreveu apressadamente a Sofonias, que na ocasião era o sumo sacerdote, e exigiu que o profeta fosse colocado no tronco.

O sumo sacerdote, entretanto, contentou-se em ler a carta para Jeremias, que respondeu com uma segunda carta aos desterrados, assegurando-lhes que Deus castigaria a Semaías e à sua descendência, de modo que não veria um filho para perpetuar seu nome e não veria também o bem quando o tempo de cativo chegasse ao seu fim (capítulo 29).

Estas denúncias eram terríveis e igualmente terrível foi a sorte destes homens. Alguém pode dizer: “Eles eram patriotas, ansiosos pelo livramento de seu povo. Eram entusiastas fanáticos, mas não criminosos intencionais. Erraram confundindo esperanças por revelações”.

Mas devemos lembrar que eram culpados por uma vida má e imoral. Seus pecados tinham embotado sua percepção da voz divina, enquanto que suas palavras incentivavam ao pecado do povo e o animavam em sua idolatria e lascívia.

E foi como homens viciados e iníquos, assim como falsos profetas, que lhes sobrevieram os terríveis castigos, tanto dos lábios do profeta Jeremias quanto da mão do Todo-Poderoso.

## **II. SEU AJUDANTE**

Enquanto Jeremias exercia seu ministério de destruição completamente solitário e isolado, certamente seu coração frequentemente desanimava. Lembremo-nos que ele amava sua pátria com todo o patriotismo apaixonado de que era capaz a natureza judaica e que se expressa tão lastimosamente no Livro de Lamentações.

Diz Mathew Henry: “Não é fácil pregar a Cristo crucificado com um espírito crucificado”. Mas Jeremias fez algo mais difícil. Embora por quarenta anos tenha estado continuamente em antagonismo com os pecados e vícios do povo, parece que a fonte de lágrimas dentro de sua alma nunca se secou. Ele pregava os terrores do Sinai com a ternura do Calvário.

Ele amava muito e esta foi precisamente a razão porque ele sofria tanto. Isto pode consolar a outros que estão em profundo pesar e desespero por seus companheiros.

Dizem que sua natureza é muito terna e afetuosa e que são muito sensíveis, desejando ser revestidos de uma pele mais dura e ter sido feitos em um molde mais áspero. Mas certamente seria um erro fatal mudar um coração tenro com sua faculdade de sofrer por um coração insensível, sem este inconveniente.

“Nossa dor”, disse Carlyle, “é a imagem invertida de nossa nobreza. A profundidade de nosso desespero é a medida da capacidade e altura de nosso poder para esperar. Se a fumaça negra, como a do Tofete, enche todo o teu universo, ainda por meio da verdadeira energia do coração podes chegar a ser a chama e o resplendor do céu. Ânimo!”.

Você tem medo de amar por medo de ter que sofrer, mas como é infinita a sua perda. Você pode estar imune a uma espécie de dor, mas certamente está incorrendo na pena de uma alma egoísta, mesquinha e mísera. Você deixa de passar pelo vale da sombra, mas também deixa de chegar às alturas da transfiguração. Você salva a vida, mas perde-a.

Suponhamos que Jeremias se tivesse afastado do chamado celestial para viver em um retiro calmo de Anatote. Poderia ter-se assegurado uma vida respeitável e pacífica, mas o Senhor nunca lhe teria falado; o invisível e eterno não teria feito parte de sua visão; nunca teria sentido a satisfação suprema de saber que tinha feito o melhor que podia; nunca teria brilhado como uma estrela em meio a tantas nuvens negras que estavam por cima de Jerusalém; não teria sido coroado como herói; nem teria ouvido o **“bem está”** do Mestre; nem teria recebido seu galardão sobremodo grande.

E o Senhor lhe providenciou um aliado e um companheiro. No meio dos desterrados, levantou-se Ezequiel, enunciando as mesmas mensagens ainda que apresentadas nas magníficas figuras de sua imaginação. Este profeta também denunciou os pecados de seu povo, aconselhou-o a estabelecer-se no país de seu cativo e falou da condenação certa do povo e da cidade.

Na boca destas duas testemunhas toda a palavra foi estabelecida. Como instrumentos de música bem afinados, estavam de acordo, como disse nosso Senhor que devem estar as almas quando pedem algum dom celestial. Eram como as duas oliveiras e os dois candelabros que estavam perante o Senhor de toda a terra. Tinham poder junto a Deus e aos homens; fechavam o céu; tornaram as águas em sangue; e feriram a terra com uma maldição.

Assim, a besta fez guerra contra eles, como sempre faz. Sua tarefa não era fácil, porque foram odiados por aqueles a quem suas palavras atormentavam. Mas já faz um bom tempo que Deus os chamou para junto de Seu trono, onde estão na primeira fileira dos que, tendo cumprido a vontade de Deus, receberam suas boas vindas e seu galardão.

### **III. A NECESSIDADE DESTES MINISTÉRIOS**

#### **a) Deve ser cumprido em relação aos não convertidos.**

Por falta dele, fracassa muito esforço evangelístico. De que valem as exortações para vir a Jesus antes que o pecador seja levado a ver o terrível perigo em que está? De que serve louvar o bálsamo de Gileade antes que a alma tenha ouvido do diagnóstico de seu fatal estado? Que vantagem há em oferecer um assento no bote salva-vidas, enquanto o viajante está cheio de confiança no navio e ignora seu estado deteriorado?

Um dos ministérios mais importantes do servo de Deus é destruir a falsa confiança, derrubar os refúgios de mentira e mostrar a completa inutilidade de aventurar-se no alto mar da eternidade em qualquer outra nave que não seja a que Cristo lançou na cruz do Calvário.

É um grande equívoco sanar a ferida do coração com excessiva pressa. A consolação do Evangelho é boa, mas deve negar-se até que os homens tenham visto o estado em que estão em relação a Deus e tenham sido suspensos sobre o abismo sem fundo do seu próprio pecado.

Os maiores avivamentos começaram sempre com a pregação sem reservas da lei, apresentando fielmente as demandas divinas às consciências iníquas.

Também não devemos generalizar as denúncias. Devemos particularizar até que a consciência clame: **“Tu és o homem!”**

#### **b) Deve cumprir-se em relação aos que carecem de segurança.**

Quando os homens dizem que não podem crer, provavelmente seja porque escondem alguma coisa má em seu coração ou são conscientes de alguma injustiça praticada na vida.

Estes devem retratar-se. Os prejuízos anteriores devem ser emendados até onde seja possível; deve haver restituição de ganhos mal adquiridos; deve buscar-se o perdão; desfazer o mal praticado.

O propósito fixo de agir assim, quando se apresenta a oportunidade, será suficiente para tirar o que é tropeço à fé e brotará com o brilho e o rumor de um arroio detido.

A falta de habilidade de conseguir aceitação perante Deus frequentemente mostra algo que entristece ao Espírito e em tais ocasiões o ministério esquadrinhador de provar e demolir é necessário.

#### **c) Deve ser cumprido no progresso da vida cristã.**

Crescendo nossa obediência, crescerá também nossa luz. E, ao crescer a luz, veremos mais claramente os males que não tínhamos

visto antes. O Espírito Santo nos conduzirá a distinguir entre o mau e o reto, e nos revelará o que nos tem estorvado.

À medida que Ele destrói um subterfúgio após outro, ara o terreno baldio, descobre os segredos sepultados e nos revela a nós mesmos. Podemos aceitar com gratidão Seu ministério, que destrói com o fim de edificar, que derruba para plantar, que nos conduz através do sepulcro a fim de dar-nos a vida eterna.

Não devemos passar por alto a responsabilidade de nos exortarmos mutuamente, de instarmos ao arrependimento e tanto mais quanto vemos que aquele Dia se aproxima.

.oOo.

## 16

# A POESIA MAIS SUBLIME DE JEREMIAS

## Jeremias capítulo 51

**Era uma Jerusalém muito abandonada** aquela em que Jeremias agora morava, depois que o rei Joaquim, sua família e a corte, seus príncipes e guerreiros esforçados, tinham sido levados para Babilônia. Era impossível levar ao cativo dez mil pessoas das que constituíam os músculos e os ossos do país sem deixar um resto fraco e debilitado. No entanto, tão consideráveis eram a fertilidade e os recursos naturais da terra que deram esperanças de uma prosperidade relativa, como uma trepadeira que dependia de Babilônia (Ezequiel 17).

Matanias, cujo nome depois foi mudado para Zedequias, o terceiro filho de Josias, que era um menino de dez anos de idade quando chegou a notícia da espantosa catástrofe de Megido, mas que agora estava com vinte e um anos, foi chamado ao trono pelo conquistador, exigindo-lhe um juramento solene de lealdade, que foi ratificado por um apelo ao próprio Senhor. Parecia como se o monarca pagão pensasse em fazer impossível a insubordinação por parte do jovem rei, por ser sua palavra de honra ratificada sob condições tão solenes e augustas, condições que, sob circunstâncias semelhantes, provavelmente o rei pagão teria considerado finais e obrigatórias.

Com quanta frequência os pagãos têm atribuído uma importância às condições religiosas que têm envergonhado aos que professam ser cristãos! E com quanta frequência não se terão admirado de que possamos ser tão falhos no seu cumprimento! (2º Crônicas 36.13; Ezequiel 17.13).

Por sugestão de seu vencedor, o jovem rei tomou o nome de Zedequias, que quer dizer “a justiça do Senhor”. Era um sinal propício. Todo incentivo lhe foi dado para seguir nas pisadas de seu ilustre pai. E por todo o seu reinado deu evidências de desejar coisas melhores, mas era fraco e irresoluto e carecia da força necessária para exercer sua autoridade para o bem em meio aos conselhos confusos que agitavam sua corte. Respeitava a Jeremias, mas não se arriscava a ficar publicamente a seu lado e só lhe mostrou seu favor real ocultamente.

Entretanto, o reino foi violentamente agitado por rumores de todos os lados, que animavam a esperança de que em breve o poder de Babilônia seria quebrantado, permitindo a volta dos desterrados. Estes pensamentos prevaleciam entre os próprios desterrados, como já temos visto.

Foram incentivados diligentemente por falsos profetas que, prazerosamente, seguiram a correnteza do desejo popular e parece que houve várias considerações políticas que favoreceram a expectativa de uma mudança nas condições que atormentavam insuportavelmente o orgulhoso coração dos judeus.

Neste tempo, houve uma rebelião em Elão contra Babilônia. Que bom teria sido se esta rebelião se estendesse por todo canto até que o império babilônico fosse desintegrado! Mas Jeremias, porta-voz de Deus, disse: **“Eis que Eu quebrarei o arco de Elão, a fonte do seu poder. Trarei sobre Elão os quatro ventos dos quatro ângulos do céu e os espalharei na direção de todos os ventos; e não haverá país aonde não venham os fugitivos de Elão”** (49.34-39).

Havia também muito descontentamento entre os povos vizinhos que, embora tivessem acompanhado ao invasor como seus aliados, ansiavam conquistar novamente sua independência e desejavam atrair a Judá para sua vasta confederação que teria por base o Egito. “Não”, disse Jeremias, **“Nabucodonosor é Meu servo”**. **“Todas as nações servirão a ele, a seu filho e ao filho de seu filho”** (27.7). Talvez tenha sido por sugestão de Jeremias que Zedequias fez nesta ocasião uma viagem a Babilônia para tributar homenagem a seu soberano e assegurar-lhe fidelidade.

Em todos os desastres que se seguiram, Jeremias continuou com a mesma política. Afirmou que o estado dos cativos em Babilônia, comparado com o restante em Jerusalém, era como os bons figos comparados com os maus (capítulo 24).

Quando o exército de Faraó efetuou um ataque e obrigou os caldeus a retirar-se, Jeremias disse que eles voltariam, poriam fogo na cidade e no Templo (capítulo 37). Sua política era também conhecida entre os caldeus que, na vitória final, preservaram sua vida e lhe concederam escolher onde ele queria morar (capítulo 40).

Frequentemente, deve ter parecido a seus amigos mais íntimos que seus conselhos eram covardes e faltos de fé. Será que ele estava favorecendo a Babilônia, contra Jerusalém? Seria ele um traidor dos interesses de seu povo? Mas, se alguma vez eles se permitiram ter tais dúvidas, devem ter sido repentinamente desenganados quando os chamou para escutarem a tremenda acusação que ele tinha preparado contra Babilônia nos primeiros capítulos de sua queda.

Uma cópia desta profecia foi confiada a Seraías, o camareiro principal, que foi com o séquito de Zedequias a Babilônia, com instruções de que a lesse em particular aos desterrados e então, amarrando-lhe uma pedra, a lançasse no meio do Eufrates com as palavras solenes que devem ter feito estremecer aos circunstantes: **“Assim será afundada a Babilônia e não se levantará, por causa do mal que Eu hei de trazer sobre ela, e os seus moradores sucumbirão”** (51.64).

## I. A PROFECIA DA QUEDA DE BABILÔNIA

### a) A glória de Babilônia.

Com brilhantes figuras Jeremias pinta sua glória e beleza. Tinha sido um copo de ouro nas mãos do Senhor, Seu martelo e Suas armas de guerra. Sua influência era sentida até bem longe. Estava edificada junto a muitas águas, abundava em tesouros e era a maravilha da terra. Como uma árvore grande, estendia seus ramos sobre as terras em redor. Rainha das nações, estava descuidada e pensava não passar por dificuldades. **“Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder e para glória da minha majestade?”** (Daniel 4.30), exclamou um dia o seu maior monarca.

### b) A controvérsia divina.

O Todo-Poderoso a tinha usado para Seus grandes propósitos de desintegração, realizando entre as nações mais ou menos o mesmo tipo de trabalho que os bancos de gelo faziam entre as rochas do mundo primitivo ou que as escarchas fazem cada inverno pulverizando o pó da terra. Mas ela tinha abusado para fins injustos do poder que Deus lhe tinha confiado.

Sua execução do propósito divino, sua administração dos decretos divinos, tinham sido extremamente cruéis. Os seus exércitos tinham

realizado matanças desnecessárias e consideráveis. Tinha chegado ao cume de outro Ararate, sobre as águas de outro dilúvio, um oceano de sofrimento humano. E por isso o Senhor estendeu redes para Babilônia e a prendeu como a uma fera. Abriu Seu arsenal e tirou as armas da Sua ira.

Mas Deus se colocou especialmente contra Babilônia principalmente pelo trato que esta tinha dado a Seu povo. Os habitantes de Sião são representados como clamando: **“Nabucodonosor, rei da Babilônia, nos devorou, esmagou-nos e fez de nós um objeto inútil; como monstro marinho, nos tragou, encheu a sua barriga das nossas comidas finas e nos arrojou fora”**.

Por isto o Altíssimo defenderia sua causa e vingaria os seus agravos. **“Como Babilônia fez cair traspassados os de Israel, assim, em Babilônia, cairão traspassados os de toda a terra... O Senhor, Deus que dá a paga, certamente, lhe retribuirá”** (51.34, 49, 56).

#### **c) O chamado para seus inimigos.**

Levanta-se o estandarte e, ao seu redor, ao soar da trombeta, as nações se reúnem. As tribos do Ararate e da Armênia, os reis dos medos e todas as terras do seu império. Os cavalos com seu pelo eriçado são como os ásperos vermes que enchem a terra com suas multidões inumeráveis. Oferecem-se sacrifícios para agradar aos deuses para a batalha e o rio da invasão começa a fluir contra e ao redor dos maciços muros da cidade.

A mesma terra treme sob o peso dos armamentos e a marcha das tropas. **“Eis que um povo vem do Norte; grande nação e muitos reis se levantarão dos confins da terra. Armam-se de arco e de lança; eles são cruéis e não conhecem a compaixão; a voz deles é como o mar, que brama; montam cavalos, cada um posto em ordem de batalha contra ti, ó filha da Babilônia”** (50.41-42).

#### **d) O ataque.**

Os arqueiros atacam a cidade por todos os lados para que ninguém escape. São enviados a disparar, sem economizar as flechas. Agora se ouve o grito de batalha e se faz um assalto contra seus muros. A cidade se submete. Seus baluartes caíram. As barras de suas portas foram quebradas. Seus muros estão derrubados. Os homens poderosos de Babilônia recusaram pelejar.

Seu poderio terminou. Seus lares estão sendo incendiados. Os mensageiros, correndo com as notícias de diferentes pontos da cidade, vêm mostrar ao rei da Babilônia que os lados do rio foram tomados e que a cidade está vencida.

### **e) A destruição da cidade.**

A cidade vencida é entregue aos soldados selvagens. Ultrajes indizíveis são realizados, principalmente sobre os fracos e indefesos. Há despojo suficiente para satisfazer até aos mais ávidos. Seus celeiros são esvaziados; seus tesouros, roubados; seus armazéns, saqueados. Todos os povos cativos que tinham sido feitos escravos saem livres e especialmente os judeus. **“Saí do meio dela, ó povo Meu, e salve cada um a sua vida do brasume da ira do Senhor”** (51.45).

**“Tornaram-se as suas cidades em desolação, terra seca e deserta”** (51.43). Terra em que não habita homem nenhum, nem filho de Adão passa por ela, mas os chacais habitarão ali. Nunca mais será habitada, nem se morará ali século após século, como aconteceu quando Deus destruiu Sodoma e Gomorra e as cidades vizinhas.

Tais serão as predições de Jeremias acerca da que provavelmente seja a maior cidade que este mundo já viu e que naquela época chegava ao máximo de poder e de glória. Teriam que passar setenta anos até que suas palavras fossem cumpridas, mas a própria história demonstraria a sua exatidão.

Os que podem comparar esta profecia com a história da queda de Babilônia e as explorações de Layard, descobriram quão exatamente cada detalhe se repetia, até mesmo o incêndio de árvores no leito do rio, o encontro de correio com correio na noite da sua queda, o profundo estupor com que os vapores de vinho tinham vencido os homens valorosos da Babilônia e a completa desolação que durante séculos reinou naquele lugar.

**“Beberam o vinho e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra. No mesmo instante, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam, defronte do candeeiro, na caiadura da parede do palácio real... Naquela mesma noite, foi morto Belsazar, rei dos caldeus”** (Daniel 5.4-5, 30).

## **II. BABILÔNIA, A GRANDE**

Em todas as épocas, Babilônia teve sempre o seu oposto. Contrastando com a linha de Sete com sua reverência a Deus, houve a linhagem de Caim, onde as artes e a ciência nasceram e foram cultivadas.

A torre de Babel lançou sua sombra sobre as raças primitivas da humanidade. Contrastando com Sem, houve Cam; contrastando com Abraão, houve Quedorlaomer; contrastando com Jerusalém, temos Babilônia; contrastando com a Igreja, temos Roma; contrastando com



Babilônia, temos Babilônia, a grande; contrastando com a Esposa do Cordeiro está a mulher de escarlata e de púrpura montada numa besta.

Quando Deus edifica Seu reino, o diabo sempre apresenta uma imitação sua.

Jeremias confortou seu coração no meio das desolações que caíram rápida e pesadamente sobre sua amada pátria, antecipando a destruição inevitável do opressor.

E suas palavras, lidas entre os desterrados na Babilônia, enquanto estavam sentados junto aos rios, onde penduravam suas harpas sobre os salgueiros, pode ter inspirado aquela maravilhosa expressão de fé, de patriotismo e de ódio interminável. **“Filha da Babilônia, que hás de ser destruída; feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste. Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra”** (Salmo 137.8-9).

Da mesma maneira, por todas as perseguições do império romano, quando o paganismo fez espantosos esforços para acabar com o Cristianismo e depois quando, no meio dos horrores da Inquisição, a Igreja Católica Romana procurou extinguir a verdadeira luz do Evangelho, que nunca careceu de suas testemunhas, os afligidos filhos de Deus têm voltado a sua atenção para o livro do Apocalipse para lera condenação daquele poder anti-cristão que, sob a égide do paganismo ou do papismo, sempre se opõe a Deus e está instigado pelo ódio imperecível do diabo.

Sua sorte está descrita em palavras que muito nos lembram as de Jeremias. Ela também tinha um cálice de ouro e estava embriagada de sangue e reinava sobre os reis da terra. Ela também é destruída por uma aliança entre os que reconheceram seu domínio. Ouve-se uma voz mandando ao povo de Deus que saia dela, por medo de que sejam prejudicados com sua destruição. Recebe o pagamento do que tem feito a outros.

Da mesma maneira como Seraías lançou uma pedra no Eufrates, assim um anjo lança uma grande pedra de moinho ao mar, exclamando: **“Caiu, caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios”** (Apocalipse 18.2). Seu lugar se tornará em covil de demônios e guarida de todo tipo de espíritos imundos e jaula de toda ave imunda; a voz de harpistas e de músicos não se ouvirá mais nela; a luz de candeia não brilhará mais; e o som da pedra de moinho não mais se ouvirá (Apocalipse 18.21-23).

Os estudiosos das profecias sempre identificaram este grande poder perseguidor com Roma, a cidade das sete colinas e, se esta interpretação é correta, sem dúvida, na época do Milênio, seu lugar estará tão desolado como o tem sido Babilônia por mais de dois mil anos.

Ampliando o alcance da profecia, cremos que toda forma de poder anticristão, sejam sistemas de filosofia falsa, ou instituições de superstição antiga, ou males gigantescos como o tráfico de drogas e de bebidas embriagantes, todos morrerão diante do poder conquistador do Emanuel, que foi manifestado para destruir as obras do diabo.

Ele reinará até que todos os Seus inimigos estejam sob os Seus pés. Então será ouvida no céu a voz de uma grande multidão como se fosse o estrondo de muitas águas e de fortes trovões, dizendo: **“Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso”** (Apocalipse 19.6).

Confiemos cada vez mais no domínio do bem sobre o mal, da Igreja sobre o mundo, de Cristo sobre Satanás, enquanto consideramos o cumprimento exato das predições de Jeremias acerca da queda de Babilônia. **“Assim pereçam Teus inimigos, ó Senhor, mas os que Te chamam sejam como o sol quando sai em sua força”**.

### **III. NOSSA PRÓPRIA BABILÔNIA**

Cada coração tem sua forma especial de pecado a que está exposto e, cedendo a ele, será perpetuamente vencido. Como têm sido amargas suas lágrimas e as suas recriminações, não é verdade? Como você se tem irritado por estar sob o domínio deste tirano!

Como você tem lutado para fugir das garras que você não consegue quebrar, enquanto cada esforço seu o aprisiona ainda mais, não é?

Mas há um livramento para você, da mesma maneira que houve para aqueles fracos e desviados judeus. A história deles é a imagem da sua história. Eles eram filhos de Deus; você também o é, meu irmão.

Eles poderiam ter vivido numa atmosfera inexpugnável da proteção divina prometida no pacto; você também. Eles perderam isso por sua desobediência e incredulidade; você também.

Eles procuraram compensar a perda do poder de Deus para guardá-los tentando saídas, esforços heroicos e alianças com povos vizinhos; você também. Eles fracassaram completamente e foram esmagados como um verme nas mãos de uma criança; é o seu caso. Eles quase renunciaram à esperança; este também é o seu caso, pois você mal espera o livramento.

Mas, da mesma maneira como Deus os salvou com Sua forte destra, assim fará com você. E, assim como Babilônia foi completamente subjugada a ponto de deixar de ser preocupação, assim Deus pode livrar você tão completamente que não tornará a ter medo. Você verá os corpos de seus opressores caídos à beira do mar.

Aceite estas regras se quiser ter um bendito livramento:

**a) Tire de sua vida todo pecado conhecido.**

Há votos que nunca deveriam ter sido feitos? Revogue-os! Há ofensas do passado que podem ser perdoadas? Perdoe-as! Há hábitos e práticas secretos que acusam você secretamente? Esteja disposto a livrar-se deles e abertamente diga-o a Deus. No que diz respeito a você, tire os ídolos que provocaram os ciúmes de Deus.

**b) Confie sua alma ao Senhor para que Ele a guarde.**

Você não pode controlá-la, mas Ele pode. Ele criou você e tem poder para guardar você. Apenas um de Seus anjos tem poder suficiente para segurar e amarrar ao diabo; por isso, o Senhor de todos os anjos pode livrar você dos espíritos maus que perturbam você.

Se Cristo, em Sua fraqueza humana, purificou o Templo, também tem poder para retirar as coisas imundas de seu coração e, uma vez fora, será fácil para Ele fazer com que não tornem a entrar. Em Sua ascensão, foi elevado acima de todos os principados e poderes das trevas e você foi elevado junto com Ele. O Cristo vivo pode dominar o leão e o dragão debaixo de Seus pés. Você não pode fazê-lo, mas Ele pode.

Deixe seu caso seria, tranquila e deliberadamente em Suas mãos. Não diga: “Tentarei”; diga: “Sim, confiarei!”. Não olhe para a sua pequena fé; olhe para Jesus. Não diga: “Ajuda-me!”, porque isto dá a entender que você vai fazer uma parte e Ele outra e você, ao fazer a sua parte, inevitavelmente, estragará tudo. Diga: “Guarda-me!”, lançando assim toda a responsabilidade sobre Ele.

**c) Considere que o Salvador Todo-Poderoso aceita seu caso no preciso momento em que você o deixou em Suas mãos.**

No mesmo momento em que sua mão se retira de cena, chega a dEle. Esteja certo de que Ele vai tratar de seu caso. Não **procure sentir** que Ele fez; **convença-se** de que Ele o fez. Não repita diversas vezes o ato de entrega, para ver se o fez bem. Suplique-Lhe que Ele tome a responsabilidade que você Lhe transferiu, mesmo que o tenha feito imperfeitamente.

Não duvide de que Ele considere seu motivo e desejo, mesmo que você não o tenha feito como deveria; Ele vai aceitar seu fervoroso desejo como se fosse um ato perfeito seu. Resolva dizer cem vezes ao dia: “Jesus pode guardar o que Lhe encomendei; eu sou um verme, fraco, estúpido e sem mérito; mas o Filho de Deus está guardando-me. Ele me livrou, me livra e estou seguro de que me livrará”.

Pode ser que você não sinta alegria, que não saia de sua boca nenhum canto de vitória, que não tenha nenhum momento de êxtase.

Não importa. Permaneça quieto e confiante nEle. O leão pode rugir a seu redor, mas a ovelha fraca e cansada está dentro do redil absolutamente segura porque o Pastor está interposto com Seu poder entre ela e todo o mal que ela receia.

.oOo.

**17**

**EMBORA COMO UMA CANA,  
PERMANECEU  
COMO UMA COLUNA  
Jeremias capítulos 24, 34, 37**

**Para uma natureza sensitiva** é uma verdadeira agonia estar sozinho. Por instinto, semelhante alma pode descobrir o que se passa nos corações dos homens. E, quando sabe que a simpatia que anela secou como um riacho no vento; que o interesse se transformou em indiferença; que o calor da amizade virou a frieza do desprezo (seja em qualquer setor), sua energia se esgota e seu poder natural de influir congela na fonte.

Para muitos, sentir-se amado e estimado é tão importante quanto a própria vida. Menosprezam as lisonjas e a adulação; estão contentes em morar entre seu povo; mas necessitam de uma atmosfera de simpatia para fazerem pleno uso de seus poderes.

Muitas almas fortes e valorosas não têm experiência desta disposição terna e sensitiva. Até é bom que não a tenham. Nasceram para ser os descobridores, os exploradores, os soldados de raça; têm costelas de ferro e nervos de aço; seu valor eleva-se pela oposição e a má vontade. Nunca entenderão quanto custa fazer seu trabalho e dar seu testemunho aos que têm muito de feminino em sua alma, com sua faculdade de percepção, sua ardente emoção, sua fina sensibilidade ao louvor e ao ódio, seu anelo de simpatia, do sorriso de aprovação e da bondosa palavra de alento.

Jeremias pertencia a este tipo de pessoas: terno, isolado, sensitivo, com uma grande capacidade para a emoção, forte para odiar e, portanto, para amar, não feito para estar só. Entretanto, adoremos

aquela graça que favoreceu sua vida e que por quarenta anos fez dele uma cidade inexpugnável, uma coluna de ferro e um muro de bronze contra toda a terra – contra príncipes, sacerdotes e o povo.

Lutaram contra ele, mas não puderam prevalecer porque Deus era com ele. Sobreviveu a todos os seus inimigos e permaneceu firme até ao fim de sua vida. E estas maravilhosas paciência e firmeza de espírito nunca foram tão notáveis como nos últimos meses de independência de sua nação.

Devemos relatar uma parte desta história neste capítulo para que ninguém deixe de receber a inspiração proveitosa porque, se a presença de Deus pôde fazer tanto para ele, e por tanto tempo, também será suficiente para o mais fraco de Seus filhos que venha a ler estas palavras.

## **I. A ATITUDE DE JEREMIAS PARA COM O REI**

Conseguimos muitas informações acerca da situação de Jerusalém durante o reinado de Zedequias nas páginas de Ezequiel, o qual, ainda que residia na terra dos desterrados, refletiu fielmente e antecipou em visão profética o que acontecia na cidade amada, para onde seus pensamentos se dirigiam incessantemente. Suas profecias são mui valiosas e interessantes quando lidas neste sentido.

Zedequias, como já temos visto, ao subir ao trono, obrigou-se, sob juramento solene a ser leal à supremacia de Babilônia e cremos que nesta época tinha o propósito de ser realmente fiel, tanto mais que, por mandado de Nabucodonosor, prestou o juramento de lealdade, invocando o sagrado nome do Senhor.

Mas ele era fraco, jovem e estava completamente nas mãos do partido forte da corte que favorecia uma aliança com o Egito e o rompimento do jugo dos caldeus.

Dois anos antes que acontecesse a catástrofe, Ezequiel predisse claramente o que sucederia. Previu a embaixada enviada a Faraó pedindo cavalos e soldados e perguntou com indignação: **“Prosperará, escapará aquele que faz tais cousas? Violará a aliança e escapará?”**

E continuou dizendo: **“Tão certo como Eu vivo, o Meu juramento que desprezou e a Minha aliança que violou, isto farei recair sobre a sua cabeça. Estenderei sobre ele a Minha rede e ficará preso no Meu laço; levá-lo-ei à Babilônia e ali entrarei em juízo com ele por causa da rebeldia que praticou contra Mim”** (Ezequiel 17.11-21).

Como sabemos, Jeremias se esforçou para dissuadir tanto o rei quanto os príncipes a entrar na aliança que planejavam entre Judá e os reinos vizinhos e insistiu, enfrentando os falsos profetas, em que o restante dos vasos sagrados deixados por Nabucodonosor no Templo seriam certamente transportados para Babilônia, como já tinha acontecido com uma porção deles, se persistente em tão louco projeto (Jeremias 27). Apesar de todas estas admoestações, formou-se a tal confederação e num momento fatal Zedequias quebrou seus votos de fidelidade ao rei da Babilônia.

Aconteceu precisamente como Ezequiel tinha previsto. Extremamente irritado pela ingratidão dos judeus, Nabucodonosor reuniu um vasto exército, resolvido a dar uma lição para os povos ao redor pelo vingança rápida e desapiedada que lhes daria.

**“A espada, a espada está afiada e polida; afiada para matança, polida para reluzir como relâmpago... Grita e geme, ó filho do homem, porque ela será contra o Meu povo, contra todos os príncipes de Israel. Estes, juntamente com o Meu povo, estão entregues à espada; dá, pois, pancadas na tua coxa”** (Ezequiel 21.8-17).

O rei de Babilônia chega à encruzilhada das estradas: esta leva a Jerusalém e aquela a Raba, a cidade principal de Amom. Consulta seus adivinhos que o aconselham a ir para Jerusalém com aríetes e torres de assalto. Ao tomar o caminho para a cidade condenada, ouve-se a voz do Senhor mandando ao príncipe de Israel, cuja dia já tinha chegado, a tirar a coroa e o diadema, porque o Senhor resolveu transtornar tudo.

E então, como que para justificar a terrível sentença, enumeram-se os crimes por causa dos quais as ruas de Jerusalém vão ficar vermelhas de sangue e de impurezas. É uma descrição espantosa da situação nos últimos anos do reinado de Zedequias. Foi uma experiência amarga para Jeremias, cuja alma deve ter ficado aflita ao ouvir aquelas obras iníquas (Ezequiel 21.18-27; 22.1-16).

Finalmente, em dezembro do ano 591 antes de Cristo, começou o sítio à cidade. Ao aproximar-se Nabucodonosor, a confederação tinha-se dissolvido e Jerusalém ficou sozinha, uma ilhota no meio das ondas estrondosas do exército caldeu. Mas os cidadãos tinham armazenado muitas provisões e esperavam a qualquer momento a chegada de Faraó, com sua cavalaria, para levantar o sítio.

Nestas circunstâncias, Zedequias enviou dois homens bem conhecidos a Jeremias para indagar se o Senhor não agiria a favor de Seu povo, como tinha dito nos grandes dias do passado, como, por exemplo, quando destruiu as hostes de Senaqueribe numa noite só.

Deve ter sido uma prova dura para o profeta. Uma única palavra conciliadora mudaria o sentimento dos príncipes e do povo, dando-lhe

um brilho de popularidade, apagando as acusações de mesquinhez e de falta de patriotismo que continuamente recebia. Por que não era ele um Isaías deste novo sítio? Por que ele não tinha de despertar e animar seu povo para uma resistência indomável e uma fé heróica? Por que não misturar sua voz com a dos profetas que prediziam um certo livramento e, assim, adquirir uma certa influência sobre eles, que poderia até ser usada para um bem maior?

Não é impossível que tais pensamentos passassem por sua mente. Mas, se assim foi, eles foram repelidos. **“Jeremias lhes disse: Assim direis a Zedequias: Assim diz o Senhor, o Deus de Israel: Eis que farei retroceder as armas de guerra que estão nas vossas mãos, com que vós pelejais fora dos muros contra o rei da Babilônia e contra os caldeus, que vos oprimem; tais armas, Eu as ajuntarei no meio desta cidade. Pelejarei Eu mesmo contra vós outros com braço estendido e mão poderosa, com ira, com indignação e grande furor. Ferirei os habitantes desta cidade, tanto os homens como os animais; de grande pestilência morrerão. Depois disto, diz o Senhor, entregarei Zedequias, rei de Judá, e seus servos, e o povo, e quantos desta cidade restarem da pestilência, da espada e da fome na mão de Nabucodonosor, rei da Babilônia, na de seus inimigos e na dos que procuram tirar-lhes a vida; feri-los-á a fio de espada; não os poupará, não se compadecerá, nem terá misericórdia”** (21.3-7).

Após pronunciar estas terríveis palavras, continuou dizendo-lhes que o único caminho de segurança era sair junto com os caldeus que agora cercavam a cidade por todos os cantos. Todos os que permanecessem na cidade morreriam à espada, de peste ou de fome. Seriam cortados como figos que não se podem comer e têm que ser jogados fora por tão maus que são. E os que saíssem e se entregassem ao rei de Babilônia salvariam a sua vida (21; 22.1-9; 24).

Novamente, enquanto o cerco prosseguia e o ar estava cheio dos gritos dos combatentes, dos golpes pesados dos arietes contra os muros, dos gritos dos feridos levados para serem cuidados pelas mulheres, Jeremias, ousadamente, foi a Zedequias com a pesada mensagem de que nada evitaria o saque e o incêndio da cidade, pois que Deus a tinha dado às mãos do rei de Babilônia. Disse-lhe ainda que ele seria preso e que veria Nabucodonosor face a face. **“Ele te falará boca a boca e entrarás na Babilônia”** (34.1-7).

Ao mesmo tempo, além do deserto e soando como o toque de sinos pelos mortos, veio a terrível voz de Ezequiel: **“Ai da cidade sanguinária! ... Amontoa muita lenha, acende o fogo, cozinha a carne, engrossa o caldo, e ardam os ossos... Eu, o Senhor, o disse:**

**será assim e Eu o farei; não tornarei atrás, não pouparei, nem Me arrependerei”** (Ezequiel 24.1-14).

## **II. SUA ATITUDE PARA COM OS JUDEUS QUE TINHAM ESCRAVOS**

Não é impossível que as palavras de repreensão pronunciadas por Jeremias despertassem as consciências tão profundamente adormecidas do povo, de modo que resolveram, por sugestão de Zedequias, fazer alguma reparação por seus pecados e, ao mesmo tempo, reforçar sua guarnição, libertando seus escravos.

Isto foi feito em uma convocação solene celebrada especialmente no Templo e a resolução nacional foi ratificada perante Deus com os ritos mais solenes. Um bezerro foi cortado ao meio e os príncipes de Judá e os príncipes de Jerusalém, os eunucos e os sacerdotes e todo o povo principal passaram entre as partes do bezerro, como se dissessem **“que Deus nos parta em dois, como este bezerro, se deixarmos de cumprir este voto para emancipar nossos irmãos e nossas irmãs, hebreus e hebreias, que foram escravizados”**.

Grande alegria tomou conta do coração de centenas de pessoas e um grupo de robustos defensores ajudou na defesa da cidade sitiada. O melhor de tudo é que tinham agido bem aos olhos do Senhor.

Dois meses se passaram e, para a alegria sem limites dos cidadãos, os ataques de Nabucodonosor tornaram-se menos frequentes, as linhas de ataque do exército sitiador tornaram-se mais ralas e, em seguida, as tendas dos caldeus foram desmontadas e seu exército partiu.

Que alívio quando cessou a ação da catapulta e do aríete e a população da cidade encerrada ali por tanto tempo pôde sair livremente! Esta alegria foi motivada pela aproximação do exército de Faraó. Os judeus pensavam que nunca mais voltariam a ver seus inimigos e, certamente, riram-se desapiedadamente de Jeremias. Também revogaram a emancipação dos escravos a quem tinham concedido a liberdade e os escravizaram novamente.

Naquele tumulto de regozijo nacional, quando as palavras do profeta pareciam ter sido falsas e quando o temor que elas tinham inspirado fez mais intenso o ódio contra o homem que as tinha pronunciado; quando parecia que este tinha sido rejeitado pelo Senhor; eram necessários fé e valor fora do comum para que o profeta não fizesse um protesto ousado a Deus. Mas ele não se afastou nem um pouco do caminho do dever.

A arrogância do povo, sua traição a um juramento feito, a decepção e o sofrimento dos escravos e a honra do Senhor tão completamente



ridicularizada, tudo isto fez com que o profeta falasse. **“Farei aos homens que transgrediram a Minha aliança e não cumpriram as palavras da aliança que fizeram perante Mim como eles fizeram com o bezerro que dividiram em duas partes, passando eles pelo meio das duas porções;... Entregá-los-ei nas mãos dos seus inimigos e nas mãos dos que procuram a sua morte, e os cadáveres deles servirão de pasto às aves dos céus e aos animais da terra. A Zedequias, rei de Judá, e a seus príncipes, entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos e nas mãos dos que procuram a sua morte, nas mãos do exército do rei da Babilônia, que já se retiraram de vós. Eis que Eu darei ordem, diz o Senhor, e os farei tornar a esta cidade, e pelejarão contra ela, tomá-la-ão e a queimarão; e as cidades de Judá porei em assolação, de sorte que ninguém habite nelas”** (34.18-22).

Era necessário muito valor moral e reconhecimento da presença de Deus para arriscar-se a falar semelhantes palavras e, sem dúvida, trouxeram sobre a cabeça indefesa do profeta solitário fortes tempestades! Como seria fácil ridicularizá-lo quando parecia ser tão certo que os falsos profetas tinham razão e não ele!

### **III. SUA ATITUDE DURANTE A TRÉGUA**

A cidade estava delirante. Os caldeus tinham-se retirado e não voltariam, pois Faraó os venceria. A tempestade tinha terminado; não havia nada a temer. Mas Jeremias não mudou sua nota; parecia ser o graznido de um corvo no meio do trinado dos pássaros na primavera. Depressivo! Impopular! Dado a infundir suspeitas e medo!

Prazerosamente teria ele cedido à correnteza a seu redor, mas não se atrevia a fazê-lo e, quando o rei enviou outros representantes seus para indagar do Senhor por meio dele, deu esta terrível resposta: **“Não vos enganeis a vós mesmos, dizendo: Sem dúvida, se irão os caldeus de nós, pois, de fato, não se retirarão. Porque, ainda que derrotásseis a todo o exército dos caldeus, que pelejam contra vós outros, e ficassem deles apenas homens mortalmente feridos, cada um se levantaria na sua tenda e queimaria esta cidade”** (37.1-10).

Os profetas de Deus tinham uma visão muito clara do resultado da guerra entre a Caldeia e o Egito para poderem animar seu povo com esperanças de livramento. Jeremias já tinha previsto que a filha do Egito seria envergonhada e entregue na mão do povo do Norte. Chegou a pedir que a notícia da invasão fosse publicada nas cidades principais (46.13-28).

E Ezequiel falou não menos decididamente: **“Assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu estou contra Faraó, rei do Egito; quebrar-lhe-ei os**

**braços... Fortalecerei os braços do rei da Babilônia e lhe porei na mão a Minha espada; mas quebrarei os braços de Faraó, que, diante dele, gemerá como geme o traspassado”** (Ezequiel 30).

Pouco depois o profeta resolveu aproveitar a oportunidade oferecida pela retirada dos caldeus para visitar sua herança em Anatote, com o propósito de receber a sua porção ali, talvez um aluguel ou alguma divisão dos dízimos das famílias sacerdotais, das quais ele era membro.

Ao sair pela porta de Benjamim, foi reconhecido por um capitão cuja família já fazia tempo estava de mal com Jeremias e aproveitou a ocasião para demonstrar seu rancor e, com a acusação de **“tu foges para os caldeus”**, o prendeu. Foi uma acusação absurda porque os caldeus tinham ido embora e supunha-se que eles não voltariam mais.

O pretexto, no entanto, era suficiente para o propósito de Jerias e, embora negado com indignação por Jeremias, foi levado violentamente à presença dos príncipes, os quais se alegraram tanto por terem em seu poder a seu grande inimigo como se alegraram também os sacerdotes a quem Judas prometeu entregar seu Mestre.

Quando no reinado anterior Jeremias tinha estado em aflição semelhante, Aicão, o filho de Safã, o tinha livrado, mas agora este já estava morto ou desterrado. Zedequias era fraco demais para interceder a favor do profeta, livrando-o da fúria de seus acusadores. E Jeremias foi condenado a ser açoitado. Quarenta açoites menos um caíram do chicote sobre suas costas nuas. A seguir, foi encerrado em uma prisão escura, subterrânea e imunda, onde permaneceu muitos dias em perigo de vida.

Passado algum tempo, Zedequias, talvez levado pelo remorso ou alarmado pelas notícias que chegavam de seus limites, mandou chamar Jeremias, como Herodes costumava chamar João Batista de sua prisão para conversar com ele em seu palácio. **“Há alguma palavra do Senhor?”**, perguntou ansiosamente o rei.

Que oportunidade que Jeremias agora tinha para, adoçando as suas palavras, fazendo-as menos duras, tornar a verdade menos desagradável! Fazendo assim, poderia ganhar o favor do rei e assegurar para si uma melhoria quanto a seus sofrimentos.

Mas novamente não se comprometeu. E Jeremias respondeu: **“Há. Disse ainda: Nas mãos do rei da Babilônia serás entregue”**. Então pediu o favor real para que mitigassem a severidade de sua sentença, sendo atendido ao ponto de ser mantido preso no pátio do cárcere, vizinho ao palácio, e diariamente era alimentado com um pão da Rua dos Padeiros, até que se consumou todo o pão da cidade.

Entretanto, o exército dos caldeus, tendo vencido a Faraó, estava voltando e novamente firmaram fileiras ao redor da cidade, como uma

grade de ferro que cada vez apertava mais até que Jerusalém, como uma ave apanhada, caiu em suas garras.

É impossível recitar ou ler esta história sem admirar ao homem que se atreveu a estar só com Deus contra uma nação em armas.

Faz-nos pensar em Ziegenbalg, o primeiro missionário às Índias Orientais, estando sozinho ali contra toda a força das autoridades, resolvidas a destruir sua missão logo no princípio; de Judson, prosseguindo sua obra para a salvação da Birmânia no meio da traição e da hostilidade do rei; de Moffat, indo sozinho e sem armas ao território do interior da África; de João Hunt, no meio dos ferozes antropófagos das ilhas Fiji; de João G. Paton, que foi preservado no meio de cinquenta tentativas de tirar-lhe a vida.

Certamente, **“o Anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que O temem e os livra”** (Salmo 34.7). Nosso dever é cuidar em fazer o trabalho de Deus e de acordo com Sua vontade; envolver nossas almas em Sua presença; e manter nossos ouvidos atentos à Sua promessa: **“Não temas tu, servo Meu... porque Eu te livrarei”** (46.27).

Então veremos que, por nosso Deus, poderemos pular muros, passar seguros no meio de exércitos inimigos e continuar como colunas em Seu templo, que permanecerá.

.oOo.

18

## CAI NA TERRA E MORRE

### Jeremias capítulo 32

**Enquanto permanecia encerrado** no pátio do cárcere, talvez preso com uma cadeia que restringia sua liberdade, Jeremias recebeu uma palavra do Senhor segundo a qual seu tio viria pedindo-lhe que comprasse a propriedade da família em Anatote. Isto o surpreendeu muito porque tinha uma convicção clara da iminente destruição do reino e da conseqüente desolação da terra.

Tinha sido sua única e constante mensagem durante quarenta anos que a terra devia guardar seus sábados como um castigo pelos pecados do povo, e agora parecia ser contrário e inconseqüente ser-lhe ordenado que comprasse o campo em Anatote, como se ele fosse necessário para o cultivo.

A ordem divina o deixou completamente confuso e pode ser que, por um momento, o fizesse duvidar de que tivesse cometido algum erro ao transmitir a mensagem que tão constantemente tinha afirmado aos ouvidos do povo.

No entanto, não deu sinal exterior de suas perplexidades, mas, quando o filho de seu tio entrou no palácio com a proposta de compra da terra, o profeta imediatamente consentiu e comprou a propriedade por dezessete siclos de prata.

Um incidente semelhante é contado na história romana. Quando Roma estava sendo sitiada por Aníbal, o mesmo terreno em que este estava acampado foi oferecido e comprado, uma prova da tranquila confiança de que finalmente os romanos seriam os vencedores do conflito.

Além disto, Jeremias teve o cuidado de que a compra fosse registrada e testemunhada, com o mesmo cuidado que teria se ele imediatamente entrasse na posse da terra.

Nada se omitiu ou se fez descuidadamente e, no fim, as duas escrituras do contrato – uma com os detalhes minuciosos da compra e a outra com as assinaturas das testemunhas – foram entregues aos cuidados de Baruque, com a ordem de que as colocasse em vasilhas de barro e as guardasse.

Provavelmente não tenham sido abertas até a volta do cativo, mas podemos imaginar a emoção e confiança com que os homens daquele dia leram os tais documentos.

Mas Jeremias não presenciaria aquela alegre cena. Ele fez como Deus lhe mandou, embora a sombra de uma grande escuridão estivesse sobre sua alma, da qual só poderia achar alívio, como o Senhor na cruz, voltando-se para o Pai.

Neste período, Jeremias parecia uma vasilha escondida, que continha a carta de livramento da nação. Era, realmente uma vasilha de barro, mas continha um tesouro celestial. Caiu na terra para morrer como o fazia a semente, que tem em seu interior um princípio de vida que só pode ser expresso através da morte e que só pode ser uma bênção para os homens quando semeada adequadamente, no meio da depressão e podridão do outono.

## **I. HORAS DE OBSCURIDADE À MEIA-NOITE**

É só no trabalho que tudo chega à sua vida plena. Um pedacinho de ferro está condenado à solidão e inutilidade até ser parte de uma máquina. Um grão de trigo, escondido por três mil anos na tumba de

uma múmia, permanece só e não aprendeu o motivo e a glória da existência até que, por meio da morte, aprenda a extrair o alimento da terra e o orvalho do ar e os raios do sol e o próprio ar para fabricar o grão dourado.

Um homem que vive uma vida egoísta da qual a gratificação de sua própria ambição e desejos é o propósito supremo, nunca bebe a doçura da existência e nem chega a seu completo desenvolvimento. É só quando vivemos para Deus e, ao fazer isto, para o homem, que podemos apropriar-nos da mais rara bênção da qual nossa natureza é capaz e se desenvolve na proporção do pleno crescimento em Cristo.

Mas ninguém pode dar-se ao serviço de outros senão por um preço amargo e muito caro. Nas palavras de Cristo, o grão de trigo tem que cair ao solo e morrer se é que vai dar muito fruto (João 12.24-33). No caso do grão de trigo, é necessária a morte para romper a casca em que o princípio de vida está encerrado.

Alimenta-se da farinha preciosa, a flor de farinha, entesourada em sua casca e, tendo-a consumido inteiramente, precisa sair. E não há outro meio de emancipação senão pela morte, que derruba as paredes da cela que a aprisiona, e então lança para baixo a raiz e seu caule para cima, em busca do ar.

E em toda a vida real deve haver a morte aos atrativos e indulgências da vida egoísta para que a alma, descansando de si mesma, possa sair para buscar sua provisão em Deus e transformá-la em alimento nutritivo para as vidas dos que estão ao seu redor.

Isto explicará as privações e pesares a que Jeremias esteve sujeito. A morte operou nele para que a vida operasse em Israel e em todos os que leram e leem este livro de sua profecia.

**a) Morreu para os preciosos vínculos do amor humano.**

**“Não tomarás mulher, não terás filhos nem filhas neste lugar”**  
(16.2) logo lhe foi dito. Os homens de Anatote, da casa de seu pai, conspiraram contra ele. Aqueles a quem em doce confiança transmitia seus pensamentos íntimos, o traíram. O que ele tinha em seu coração pertencia à sua raça e não podia ser compartilhado no círculo mais estreito do lar, do dever sacerdotal do Templo ou da pequena vila de Anatote.

**b) Morreu para os seus semelhantes.**

Ninguém deve ser indiferente a isto. É fácil trabalhar e sofrer quando o barco da vida é levado por brisas favoráveis ou quando o ambiente estremece com expressões de amor e de adulação.

Nestas condições, um homem é animado a fazer o melhor que pode. E uma natureza tão sensitiva como a de Jeremias é peculiarmente susceptível a tais impressões.

Mas era morte para ele encontrar desde o princípio uma corrente incessante de vitupério e de desprezo. Não nos é dito que uma única voz se levantasse para agradecer-lhe ou animá-lo.

#### **c) Morreu para o orgulho do patriotismo nacional.**

Nenhum patriota se permite desesperar pela sua pátria. Por mais obscuras que sejam as nuvens da tempestade e forte a correnteza contrária, o patriota crê que o navio do Estado sairá da tempestade. Engole suas palavras de desespero e de depressão por medo que façam desmaiar seu coração.

Não permite que seu coração alimente pensamentos de desespero, que chegam e batem, querendo entrar; afugenta-os e os trata como traidores, culpados de alta traição.

Mas Jeremias não foi levado a seguir um curso oposto. Coração mais fiel que o dele jamais palpitou em peito humano. Um maior patriotismo nunca lutou até a última hora. Sua crença em Israel era parte de sua crença em Deus. Mas viu-se compelido a falar de tal modo que os príncipes resolveram, não sem razão aparente, matá-lo porque ele enfraquecia as mãos dos homens de guerra.

#### **d) Morreu para a doçura da liberdade pessoal.**

Grande parte de seu ministério foi exercido dentro de uma casa. Repetidas vezes lemos que foi encarcerado e que não podia sair. Seu amigo Baruque teve que agir continuamente como seu intermediário ou intérprete. Isto também deve tê-lo deixado amargurado.

Seus escritos abundam em referências à natureza e aos processos naturais; e os grilhões de ferro que restringiam seus movimentos devem ter machucado profundamente a carne tenra de seu coração sensível.

#### **e) Morreu também à significação que costumava dar às suas próprias profecias.**

Até o momento em que o Senhor lhe mandou comprar a propriedade de Hananeel, nunca tinha duvidado da iminente sorte de Jerusalém. Certa e inevitavelmente seria destruída pela espada, pela fome, pela pestilência e pelo fogo. Tudo o que ele tinha dito em particular ou em público era apenas a afirmação desta amarga sorte, com algum novo toque de pesar ou de reafirmação.

Mas agora a Palavra de Deus, demandando dele um ato de obediência, parecia indicar que a terra tinha que ficar sob o cuidado das famílias a quem pertencia.

## II. A CONDUTA DE JEREMIAS

A poucos homens tem sido concedido o privilégio de andar tão constantemente no caminho que o Redentor percorreu em Sua vida terrena. Foi-lhe tirado quase tudo o que os homens mais apreciam. Mas, no meio de todas as dificuldades de sua vida, encontrava prazer e consolo em três direções principais:

### a) Orava.

Considere-se este resumo de seu próprio diário: **“Orei ao Senhor, dizendo: Ah! Senhor Deus...”** (32.16-17), como aconteceu após ter dado a escritura nas mãos de Baruque. E foi animado neste santo exercício, pouco depois deste incidente, quando lhe foi dito que as casas dos reis de Judá estavam sendo demolidas para providenciarem materiais para a reconstrução do muro da cidade prejudicado pelos terríveis arietes, e quando seu coração estava mais do que nunca desanimado, que a palavra do Senhor veio a ele, dizendo-lhe: **“Invoca-Me e te responderei; anunciar-te-ei cousas grandes e ocultas, que não sabes”** (33.1-5).

Não existe ajuda para a alma atribulada como a que provém da oração. Pode ser que não tenhamos uma visão clara de Deus; pode ser que andemos apenas apalpando na direção onde Ele está encoberto de nosso olhar, devido às trevas espessas; pode ser que só recitemos coisas que nós e Deus sabemos bem, terminando nossa oração como fez Jeremias, com as palavras: **“Tu mesmo o vês”** (32.24).

Apesar disto, oremos. Oremos de joelhos. **“Sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e súplica, com ações de graça”** (Filipenses 4.6).

### b) Descansava na Palavra de Deus.

A alma do profeta foi nutrida e alimentada pela Palavra divina. **“Achadas as Tuas palavras, logo as comi; as Tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração”** (15.16). Pode parecer um conselho duro e frio aconselhar uma pessoa que passa por uma dificuldade que leia a sua Bíblia, mas seria impossível um conselho melhor. Porque por trás das palavras está a Palavra e neste jardim anda o Filho do homem, neste tabernáculo o Sol brilha e em seus raios há saúde e consolo.

Com que frequência o povo de Deus tem voltado à Bíblia, como fez o Salvador nas horas mais obscuras que passaram sobre Sua alma; então, em um Salmo ou em um versículo, achamos o bálsamo de Gileade, a árvore da vida cujas folhas são saúde!

**c) Continuou fielmente no caminho do dever.**

**“Comprei... o campo”** (32.9). Nem sempre nosso serviço para os homens será recebido com repulsas, rejeição e tratamento duro, mas, quando assim suceder, não devemos desviar-nos. O sol de Deus brilha tanto para o mau quanto para o bom e a Sua chuva desce sobre os campos do avarento ingrato como também para os de Seus próprios filhos.

O vento feroz e carregado de neve, que faz tremer, não é tão agradável como a brisa de verão carregada dos aromas campestres, mas, se você vê o caminho, deve segui-lo. Sair dele, quer para a direita quer para a esquerda, é extremamente perigoso.

E é com tanta frequência, quando a alma solitária só colheu detração e oposição, tendo sido levada até a cruz e crucificada como um malfeitor, que ela se tem consolado com as perspectivas de bênção que resultarão precisamente para os que rejeitam suas palavras, precisamente como o Pentecostes veio para os que tinham sido os assassinos de Cristo.

Assim é consolada a alma em seus tempos de angústia. Dobra-se perante o Senhor, clamando **“Pai, Aba, Pai”**; apoia-se na Palavra da promessa que lhe chega como um anjo; sai, entregando-se à morte, certa de que a vida a espera.

### **III. COMPENSAÇÕES**

Para todos os vales há montanhas; para todas as profundidades há alturas; para todas as horas noturnas há amanheceres; para o Getsêmani há o monte das Oliveiras. Nunca podemos sacrificar nada para Deus ou para o homem sem descobrir que precisamente no momento de entregá-lo Deus já começa a pagar.

É como Ele disse: **“Em lugar de bronze trarei ouro, e em lugar de ferro, trarei prata, e em lugar de madeira, bronze, e em lugar de pedras, ferro”**. Não fazemos sacrifícios com nenhum pensamento de receber, mas quando o fazemos com um único propósito, aprendemos que, quando Cristo requer o bote ou o tempo do marinheiro, o bote volta carregado de peixes.

Deus não reserva estas compensações unicamente para aquele mundo onde não há trevas. Teríamos que esperar muito para recebê-



las, se assim fosse. Mas aqui e agora aprendemos que há compensações. Pode parecer duro para um homem sair de sua cela, onde durante tanto tempo esteve prisioneiro, ao ponto de recear ver a luz, teme o olhar dos outros e até a necessidade de encará-los.

Mas, quando as dificuldades dos primeiros dias tenham passado, ele não será recompensado? Os primeiros movimentos para separar-nos da vida egoísta podem incomodar-nos, a indiferença de nossos semelhantes pode ser difícil de suportar, mas Deus tem coisas para revelar-nos e dar-nos que excedem a mais exaltada imaginação da alma egoísta.

Assim aconteceu com Jeremias. Chegaram suas compensações. Deus veio a ser seu Consolador e lhe enxugou as lágrimas, mostrando-lhe o futuro, em cujas amplas perspectivas viu seu povo plantado novamente em sua própria terra. Homens comprando campos por dinheiro, escrevendo as escrituras e selando-as, como ele tinha feito; ouviu a voz do gozo, a voz do noivo e da noiva, a voz dos que trazem os sacrifícios para a Casa do Senhor; foi-lhe assegurada a vinda do Renovo da raiz de Davi, que Se sentaria sobre o trono (capítulos 32 e 33).

Houve compensação também na confiança com que Nabucodonosor o tratou e na confiança evidente que seu povo dizimado sentia em suas intercessões, como veremos. E se ele pudesse saber dos milhares que têm sido consolados com a história do seu sofrimento e com as promessas de suas profecias sentiria que sua aflição foi leve e não digna de ser comparada com o peso de glória sobremaneira grande e eterna que lhe esperava.

Assim será com todos os que caem no mundo para morrer. Deus não os esquecerá nem os abandonará. O sepulcro pode ser obscuro e profundo, e o inverno longo, e a chuva severa e penetrante, mas chegará a primavera e a pedra será tirada e o caule áureo se agitará ao vento e ao sol carregado com seus grãos dourados e os homens se alimentarão com o pão de nossas experiências, o produto de nossas lágrimas, sofrimentos e orações.

.oOo.

## 19

# **A QUEDA DE JERUSALÉM**

## **Jeremias capítulos 38 e 39**

**Durante aqueles longos e tenebrosos meses** em que a cidade esteve sitiada, provavelmente a única alma em toda aquela cidade que estava em perfeita paz e livre seria a de Jeremias.

Apesar de estar amarrado com uma cadeia de ferro ao muro do pátio da guarda, ultrapassou os limites do pátio para o grande século que havia de vir quando Judá fosse salva e Jerusalém moraria com segurança, e seu Senhor seria conhecido por O SENHOR, JUSTIÇA NOSSA.

E no meio dos gritos de salteadores e defensores, não enfraquecido pelo estrondo dos aríetes, profunda como o céu azul que contemplava, ele sentia a paz de Deus que sobrepujava o entendimento dos que entravam e saíam, que passavam e tornavam a passar entre a cidade e o palácio real.

## **I. OS HORRORES DO SÍTIO**

Durou dezoito meses, com uma breve trégua causada pela aproximação do exército de Faraó e para nós é impossível estimar a angústia humana que naquela cidade havia. Uma ideia desta angústia podemos ter pelas palavras de Ezequiel (Ezequiel 4).

Como em um espelho ele vê os acontecimentos vindouros.

A panela cheia de carne escolhida está pendurada sobre o fogo forte até ser consumida; a visão da assadeira de ferro posta no muro é comparada com as legiões de ferro da Caldeia a rodearem a cidade sitiada.

A pequena quantidade de trigo e cevada, de favas e de lentilhas, dada como medida, dia após dia, apenas o suficiente para manter a vida do profeta; os pães de cevada misturados com o esterco de vaca, intragáveis ao paladar e, no entanto, devorados avidamente; o ajuntamento dos bens familiares para serem levados; e o sair secretamente de noite de casa por um buraco na parede, com o rosto coberto e a carga no ombro – todas estas coisas falavam de tal maneira que nenhuma palavra poderia expressar melhor os horrores daquele sítio.

Imagine-se por um momento a cidade cheia de gente, onde se tinham reunido pessoas vindas de todo o país, os camponeses que com suas coisas mais valiosas que tinham podido reunir e transportar tinham procurado refúgio dentro dos antigos muros de Sião da violência e dos ultrajes das tropas impiedosas.

Se as tribos errantes, como os filhos de Recabe, foram induzidas uma vez a violar as tradições de uma vida nômade para abrigar-se dentro dos muros da cidade, quanto mais não o considerariam certo os

habitantes espantados que viviam em casas modestas por todo o país! Esta massa de fugitivos tornaria a defesa da cidade muito mais difícil, além de consumir mais rapidamente as provisões que tinham sido armazenadas antecipadamente para o sítio, e amontoando-se nas ruas onde atrapalhavam os movimentos dos soldados.

O incidente a que fizemos referência em nosso último capítulo referente à demolição de uma parte do palácio real com o fim de conseguir materiais para aumentar a defesa interna da cidade é um exemplo de outros muitos episódios daquele intenso esforço de Zedequias e de seu povo para afastar a maré de ódio e a sede de sangue que se lançava dia após dia sobre o muro, assim como uma alta e forte onda do oceano se lança sobre o recife e eleva sua espuma no ar.

Aqui está um grupo que procura escalar o muro e que tem que ser jogado para trás com suas escadas; ali estão outros que procuram minar o muro e têm que ser interceptados; e agora chega a notícia de que uma parte do muro que por muito tempo recebeu as pancadas dos aríetes está apresentando sinais de rachaduras e que tem que ser consertada imediatamente; também têm que prevenir-se contra o fogo que é atirado ao interior da cidade e das nuvens de flechas e de pedras atiradas pelas catapultas.

Nem por um momento os defensores podiam descuidar da vigilância. Um grupo de príncipes deve estar continuamente reunido, estudando recursos, pronto para enfrentar os artificios e o valor do inimigo. E a cada dia que passa as provisões vão diminuindo e a água acabando, como no caso da cisterna de Malquias, agora só com lama.

Assim aconteceu nos primeiros dias do sítio, mas, com o passar dos dias, as sombras se intensificaram. Foi como se o próprio abismo do inferno acrescentasse em forma de paixão humana os últimos espantosos horrores à cena. Os preciosos filhos de Sião, comparados com o ouro fino, viram-se atirados aos montes dentro das casas arrebetadas, como se fossem vasos de barro, obra das mãos do oleiro.

As mulheres se tornaram cruéis e recusaram dar de seus seios a seus filhos recém nascidos o alimento de que estes precisavam. A língua das crianças de colo ressecou e se endureceu tanto que nem podiam mais chorar. Os meninos pediam pão, mas pediam em vão. Moças delicadas remexiam nos montes de lixo com a esperança de encontrar algo para satisfazer a fome. Os nobres perderam seu porte distinto e andavam pelas ruas como múmias animadas.

A espada do invasor fora dos muros fazia menos vítimas que a fome dentro e, para cúmulo, as mulheres matavam seus próprios filhos e os cozinhavam para preparar seu alimento.

Finalmente, a peste começou a fazer seus estragos e o horrível fedor dos cadáveres que os homens não tinham tempo de sepultar e que

caíam em grande número todos os dias pelas ruas da cidade, como caem as folhas das árvores no outono, causava a morte, que ceifava como uma foice a vida daqueles que tinham escapado do inimigo e da privação.

Ah, Jerusalém, que apedrejas os profetas e derramas o sangue dos justos, este foi o dia em que te sobreveio a ira e o furor do Senhor!

Nenhuma mão humana acendeu a chama, nenhum ódio meramente humano causou padecimentos tão complicados e terríveis. **“Vê, ó Senhor, e considera a quem fizeste assim! Hão de as mulheres comer o fruto de si mesmas, as crianças do seu carinho? Ou se matará no santuário do Senhor o sacerdote e o profeta? Jazem por terra pelas ruas o moço e o velho; as minhas virgens e os meus jovens vieram a cair à espada; Tu os mataste no dia da Tua ira, fizeste matança e não Te apiedaste”** (Lamentações 2. 20-21).

Jeremias, esperando dia após dia, não podendo fazer outra coisa senão escutar as tristes notícias que de todos os lados lhe chegavam era com o médico que, incapaz de cortar o lento progresso de alguma forma de paralisia em alguém a quem ama mais que a própria vida, tem que escutar as notícias do progresso do mal, sabendo que estas são apenas etapas no assalto que culminará na captura da cidadela da vida – um assalto que nada pode fazer para deter.

## **II. OS OUTROS PESARES QUE O PROFETA AINDA TINHA**

Além das dificuldades próprias de seu aprisionamento, Jeremias ainda foi submetido a dores mais graves e fortes. Parece que repetia a todos os que passavam pelo pátio onde estava aprisionado a mensagem que já tinha dado aos ouvidos do rei, isto é, que permanecendo na cidade incorreriam na morte pela espada, pela fome ou pela peste, mas, se saíssem e se entregassem aos caldeus, salvariam sua vida.

Não perdeu oportunidade de afirmar que Jerusalém seria certamente entregue nas mãos do rei da Babilônia e que este a tomaria.

Passando estas palavras de lábios em lábios, levaram o desalento a toda a cidade. Os homens as repetiam enquanto serviam sobre os muros ou se reuniam ao redor do fogo no acampamento interno ou discutiam os resultados prováveis do sítio. E o fato que Jeremias tinha falado tantas vezes como o profeta do Senhor deu força às suas palavras.

Era natural, pois, que os príncipes, que sabiam da necessidade de animar o povo, exigissem a morte de um que não somente enfraquecia as mãos do povo em geral, mas especialmente dos homens de guerra, da mesma maneira como o dorminhoco que não quer ser acordado

pelos latidos do cachorro pega seu revólver e o mata; ou a tripulação, querendo divertir-se, mata o vigia que os adverte de ondas brancas que quebram ao largo da orla marítima cheia de penhascos.

O jovem rei era fraco e mau e um brinquedo nas mãos dos príncipes de sua corte. Por isso aceitou a sua exigência: **“Eis que ele está nas vossas mãos; pois o rei nada pode contra vós outros”** (38.5).

Sem tardança, Jeremias foi jogado numa daquelas cisternas cortadas na rocha que abundam em Jerusalém e cujo fundo, tendo terminado a água devido ao rigor do sítio, agora só tinha lama, na qual ele afundou.

Não havia nem um minuto sequer a perder. A vida do fiel servo de Deus não acabaria naquelas trevas e na umidade daquele horrível sepulcro, onde nenhum grito podia ouvir-se do alto, e a ajuda foi enviada de maneira inesperada.

Um eunuco etíope – que provavelmente é anônimo, pois que o nome Ebede-Meleque significa simplesmente “o servo do rei” – com um amor à causa de Deus que certamente era uma profecia da maneira como os corações simples seriam abertos para recebê-la e servi-la em todas as partes do mundo, apressou-se a ir ao rei, que estava sentado para administrar a justiça em uma das portas da cidade, apresentou-lhe o caso e insistiu para que imediatamente tomasse as providências necessárias para salvar o profeta de uma morte iminente.

Influenciado sempre pelas últimas razões que lhe eram apresentadas, o rei cedeu facilmente àquele homem, que provavelmente era o guardião de seu harém, como o tinha feito com os príncipes, e mandou que pegasse o número necessário de homens para ter a certeza de conseguir o seu propósito e de tirar dali o profeta.

Houve muita dedicação na maneira como este etíope realizou seu propósito. Não se contentou simplesmente em retirá-lo dali, mas forrou as cordas com trapos e panos velhos, tirados apressadamente da casa do rei para que a carne do profeta não fosse prejudicada ao puxá-lo. Era um ato de ternura feminina, que o enaltece tanto quanto o derramar o vaso de perfume sobre a pessoa do Senhor.

Não é suficiente servir e ajudar aos que precisam de nós; podemos fazê-lo com doçura e a mansidão de Cristo. Não é somente o que fazemos, mas a maneira como o fazemos que indica mais claramente o que realmente somos. Muitos homens poderiam ter-se apressado indo à boca da cisterna com as cordas, mas somente um dos nobres de Deus tinha pensado em levar os trapos velhos.

É maravilhoso como tanto é contado em apenas alguns versículos da Palavra de Deus; aqui temos contado como o bondoso libertador agiu

tirando o profeta solitário. **“Puxaram a Jeremias com as cordas e o tiraram da cisterna; e Jeremias ficou no átrio da guarda”** (38.10-13).

Desde aquele momento até a cidade cair, o profeta permaneceu preso e, numa ocasião memorável, o rei procurou seu conselho, embora de maneira secreta. Uma vez mais, e pela última vez, estes dois homens se viam frente a frente, o rei e o profeta, a fraqueza e a força, representantes, uma das glórias da raça que ia se desvanecendo e o outro do resplendor imorredouro da verdade e da justiça.

Uma vez mais, Zedequias perguntou qual seria o resultado e, uma vez mais, recebeu as alternativas que pareciam tão sem sentido para a razão: a derrota e morte por ficar na cidade ou a liberdade e a vida por sair dela.

“Sair”, pensou Zedequias na hora, “nunca! Seria indigno para quem nas veias corria o sangue de reis. Entregando-me, me exporia ao ridículo de todos os que desertaram, indo para os caldeus, e os próprios caldeus me entregariam em suas mãos”. “Não te entregarão”, disse-lhe Jeremias e então lhe acrescentou: **“Ouve, te peço, a palavra do Senhor, segundo a qual eu te falo; e bem te irá, e será poupada a tua vida”**.

E, a seguir, pintou-lhe o destino seguro do rei se permanecesse na cidade até que ela caísse nas mãos do vencedor. Então, em vez da zombaria dos poucos judeus que tinham desertado, seria exposto à censura de suas mulheres e filhos, que seriam distribuídos entre seus vencedores, e que procurariam ganhar o favor de seus novos senhores, zombando do monarca caído, cujos sorrisos antes tinham procurado.

Este conselho de Jeremias lembra-nos das palavras repetidas por nosso Senhor em cinco ocasiões diferentes em que nos diz que, quem guarda sua vida, perde-a e os que perdem sua vida, a guardam.

Encontramos o caminho seguro e abençoado não em entesourar a nossa força, mas em usá-la; não em sepultar os nossos talentos, mas em administrá-los; não em amontoar nossa semente no celeiro, mas em espargi-la; não em seguir uma política humana e terrena, mas em entregar-nos à vontade de Deus.

O homem de fé não julga segundo seus olhos ou segundo os sentidos; ele encontra correntes invisíveis para o mundo e age segundo sugestões recebidas por comunicação direta de Deus, embora sempre por meio da Palavra de Deus e, portanto, de acordo com os ditames do bom sentido santificado.

A fraqueza, que era a ruína de Zedequias, se mostrou em sua súplica para que Jeremias não informasse aos príncipes o assunto tratado entre os dois. É difícil pronunciar-nos a respeito da maneira como o profeta ocultou este assunto a respeito de sua conversa com Zedequias quando indagado pelos príncipes. Em sua resposta, há uma

aparência de evasiva que parece ser um tanto inconsequente com o caráter do profeta do Senhor.

Ao mesmo tempo, os príncipes não tinham o direito de indagar-lhe e ele não estava obrigado a responder-lhes. Não estamos na obrigação de satisfazer uma curiosidade impertinente, mas devemos ter muito cuidado em ser transparentes em nossas palavras e em nossos atos e ser completamente verazes quando dizemos a verdade aos que têm o direito de conhecê-la.

No presente caso, o profeta protegeu o rei com uma devoção e lealdade nobres que eram, provavelmente, seu último ato de devoção àquela casa real e que, para salvá-la, tinha derramado seu coração em lágrimas, súplicas e sacrifícios por quase quarenta anos.

### III. A SORTE DA CIDADE

Finalmente foi aberta uma brecha nas antigas fortificações e as tropas inimigas começaram a entrar como um mar irritado que, após longos esforços, conseguiu penetrar pelo muro e se lançou com fúria turbulenta semeando a desolação por sua passagem.

Os reis da terra e todos os habitantes do mundo não poderiam crer que o inimigo conseguisse entrar pelas portas de Jerusalém; no entanto, assim aconteceu. Então, o povo assustado fugiu da cidade baixa para a cidade alta e, ao fazê-lo, suas casas se encheram com o terror desolador dos soldados desalmados.

Cem diferentes formas de angústia se reuniram naquela cidade derrotada, como urubus sobre o camelo morto no deserto. Coitados então dos homens que tinham lutado por sua própria vida! Coitadas das mulheres e das moças, dos jovens e das crianças! A guerra é sempre terrível, mas nenhum historiador ousa levantar o véu e dizer com palavras simples todos os horrores do saque de uma cidade por soldados como aqueles a quem Nabucodonosor e seus generais levaram à guerra. Os lobos dos bosques da Sibéria são mais misericordiosos do que eles. **“Então, entraram todos os príncipes do rei da Babilônia e se assentaram na Porta do Meio”**, de onde orientaram seu exército para a imediata dominação da população espantada que agora se amontoava na cidade alta, pronta para fazer sua última e desesperada resistência.

O Senhor fez o que tinha prometido fazer; cumpriu Sua palavra; derrubou e não teve compaixão; fez com que o inimigo se regozijasse. E Zedequias foi levado para Ribla, onde Nabucodonosor estava neste tempo, talvez não esperando que a cidade caísse tão depressa. Com uma crueldade bárbara, matou os filhos de Zedequias diante dos olhos do pai, para que a sua última visão fosse a agonia deles. Também foi

obrigado a presenciar a morte de todos os nobres. Depois, como o último golpe, e provavelmente com sua própria mão, Nabucodonosor cegou os olhos de Zedequias com uma lança.

Foi assim que Deus trouxe o rei dos caldeus sobre o Seu povo, o qual matou seus jovens à espada no Seu santuário e não teve compaixão nem do jovem nem do ancião, mas entregou-os a todos nas mãos do caldeu. E todos os vasos da Casa de Deus, grandes e pequenos, e os tesouros da Casa do Senhor e os tesouros do rei e de seus príncipes, tudo ele levou para Babilônia.

Queimaram a Casa de Deus e derrubaram o muro de Jerusalém, como também seus palácios. E os que escaparam da espada foram levados a Babilônia e ali foram seus servos e de seus filhos.

.oOo.

## 20

# UM POR DE SOL NEBULOSO

## Jeremias capítulos 40 a 44

**Se os últimos versículos do livro de Jeremias** foram escritos por ele mesmo, então deve ter vivido vinte anos mais depois da queda de Jerusalém, mas vemos neles a mesma tristeza que marcou os quarenta anos de seu ministério público.

No que diz respeito a sua vida exterior, o profeta Jeremias passou por uma tristeza contínua e maior que a que tem experimentado qualquer um, com exceção de nosso Senhor Jesus.

Isto era tão visível para os comentaristas judaicos das profecias de Isaías que chegaram a aplicar a ele as palavras do capítulo 53 de Isaías, capítulo que relata a história do Varão de Dores que era experimentado em trabalhos e que, como ovelha muda perante os Seus tosquiadores, não abriu a Sua boca.

É claro que, à luz do Calvário, vemos as diferenças profundas daquelas palavras que não podem ser aplicadas a nenhum outro ser; apesar disto, é significativo que pudessem ter sido aplicadas a Jeremias.

Seus sofrimentos podem ser classificados em três classes: aqueles relatados no livro de Lamentações e relacionados com a queda de



Jerusalém; aqueles relacionados com o assassinato de Gedalias e a fuga para o Egito; e os do desterro ali.

Mas, em meio a estas amargas experiências, brotava sempre um manancial de esperança e de paz. Acuado por todos os lados, mas não angustiado; perplexo, mas não desesperado; perseguido, mas não abandonado; derrubado, mas não destruído; sempre entregue à morte, contudo passando da morte para a verdadeira vida; certo de que o Senhor não desprezaria para sempre, mas que, embora ocasionasse a dor, teria compaixão, conforme a multidão das Suas misericórdias.

## **I. A CIDADE DESOLADA**

Recentemente tem sido levantada alguma dúvida sobre quem seria o escritor do livro de Lamentações. No texto não é mencionado o escritor e esta poesia consagrada ao luto e à tristeza chegou a nós anonimamente. Entretanto, uma tradição muito antiga a atribui a nosso profeta.

Na versão dos Setenta, feita no ano 280 antes de Cristo, consta a seguinte introdução: “Sucedeu, depois do cativeiro de Israel e de Jerusalém estar desolada, que Jeremias sentou-se chorando e fez esta lamentação sobre Jerusalém”. A estas palavras, a Vulgata acrescenta: “Em amargura de espírito, com o coração quebrantado e em pranto”.

A cova onde se diz que Jeremias escreveu as lamentações está no lado ocidental da cidade e cada sexta-feira os judeus ali se reúnem para recitar como suas estas patéticas palavras, lamentando por Jerusalém, ao redor das antigas pedras. Não há, pois, motivo palpável para deixar de atribuir o livro de Lamentações a Jeremias como seu escritor.

Sendo assim, quanta luz flui sobre as cenas desoladas quando Nebuzaradã terminava sua obra de destruição e as longas fileiras de cativos estavam em marcha rumo à Babilônia! Quantos foram para o cativeiro não temos condições de saber com certeza; provavelmente este número chegasse a vários milhares, principalmente de pessoas provenientes das classes ricas. Somente os pobres do povo foram deixados em sua terra para cultivá-la, a fim de não tornar-se em um deserto absoluto. Mas a população agora seria bem escassa: uns poucos camponeses esparramados nos campos onde antes havia multidões.

A cidade, outrora populosa, agora tinha pouca gente. Era como uma viúva. Noite e dia, chorava amargamente e suas lágrimas escorriam por suas faces. Assim era com os patriotas que a amavam. O fogo santo estava apagado nos altares. Nas festas anuais, não se viam mais peregrinos nas estradas que levavam a Sião. Seus portões estavam derrubados e suas casas sem piedade destruídas pelo fogo.

Quantas vezes Jeremias andaria por entre aquelas ruínas enegrecidas! Aqui tinha estado o altar; ali o Lugar Santíssimo. Acolá esteve o palácio de Davi; mais para lá o novo palácio que Jeoaquim tinha construído, com suas amplas janelas e seus luxuosos enfeites avermelhados. Além esteve o pátio da guarda, onde ele tinha sofrido durante meses como prisioneiro e, mais além, podia vislumbrar outro lugar onde tantas vezes ele ficara em pé para admoestar o povo quanto a seus pecados.

Ao redor, porém, a natureza conservava-se inalterada com a sua ordem, as colheitas e as estações, o dia e a noite. As antigas montanhas que tinham estado ao redor da cidade nos dias de Davi e de Ezequias refletiam a luz da manhã e desapareciam com as sombras crescentes da noite. O sol se levantava sobre o monte das Oliveiras e se punha no rumo do mar ocidental.

O panorama de montes e vales que se via ao seu redor, assim como as ondulações de um mar de rochas, se apresentava em sua costumeira força e formosura porque Sião tinha sido sempre de formosa perspectiva. Mas sobre o lugar da virgem filha de Sião tinha caído o silêncio da morte, interrompido somente pelo alarido do chacal e do cachorro de mato.

O que tudo isto significava para Jeremias, as palavras não podiam expressar. Nunca o peito de um patriota abrigou um coração mais leal. O que Fócio sentia por Atenas; o que Savonarola, por Florença; o que o padre Pitt, pela Inglaterra, no meio das catástrofes que obscureceram seus últimos dias, isso mesmo, em forma bem concentrada, deve ter sentido Jeremias, cujo amor pela sua pátria estava tão intimamente relacionado com sua vida religiosa.

Antecipando as palavras dAquele que, em dias posteriores, olharia do mesmo monte para o vale, bem poderia ter dito: **“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!”** (Mateus 23.37).

## II. O ASSASSINATO DE GEDALIAS

É evidente que Nabucodonosor e seus chefes tinham sido bem informados acerca dos partidos internos durante o cerco de Jerusalém e o rei deu instruções definidas a seus oficiais principais para que tomassem precauções especiais para a segurança de Jeremias. Quando a cidade alta caiu nas mãos do inimigo, o tiraram do pátio da guarda e foi levado em cadeias entre os outros cativos a Ramá, alguns quilômetros acima de Jerusalém.

Em um discurso notável que o capitão da guarda fez a Jeremias, reconheceu a justiça retributiva do Senhor – um dos muitos traços da verdadeira reverência que caracterizou a estes homens e pelos quais foram muito distinguidos entre os pagãos em geral. **“O Senhor, teu Deus, pronunciou este mal contra este lugar; o Senhor o trouxe e fez como tinha dito. Porque pecastes contra o Senhor e não obedecestes à Sua voz, tudo isto vos aconteceu”** (40.2-3).

Então as cadeias foram retiradas de suas mãos e deram-lhe liberdade ou para acompanhar o restante do povo para a Babilônia ou para permanecer na terra, onde ele quisesse. Finalmente, e como parece que Jeremias vacilasse em tomar a decisão, o general caldeu sugeriu-lhe que ficasse com Gedalias, para ajudá-lo com seus conselhos na tarefa difícil que tinha ao ser nomeado governador da terra. Assim, pois, Jeremias voltou do descanso e da comodidade para seguir a áspera vida do dever.

Gedalias, era neto de Safã, o secretário do rei Josias, e filho de Aicão, que tinha sido enviado para saber da profetisa Hulda acerca do Livro da Lei que tinha sido encontrado. Em ocasião anterior, Aicão tinha livrado Jeremias dos desígnios maus dos nobres.

Evidentemente, toda a família estava ligada pelos vínculos mais fortes e ternos ao servo de Deus, influenciada com o espírito e regida pela política que ele anunciava.

Estes princípios tinham sido seguidos por Gedalias e o apontaram, aos olhos de Nabucodonosor, como o mais idôneo para que lhe fosse confiada a responsabilidade do governo e para exercer autoridade sobre o restante do povo. A ele, pois, veio Jeremias com uma porção de víveres e outras demonstrações de estima que os conquistadores lhe concederam.

Por um curto intervalo de tempo, tudo correu bem. O novo governador estabeleceu-se em Mispa, uma antiga fortaleza que Asa tinha construído trezentos anos antes para evitar a invasão de Baasa. O povoado estava numa proeminência rochosa, mas o castelo era provido de água proveniente de um poço fundo. Soldados caldeus deram uma certa autoridade e estabilidade ao governo de Gedalias.

Os restantes dos judeus esparramados começou a olhar com uma certa esperança para Mispa. Os capitães das forças que estavam nos campos, resistindo como bandos errantes ao conquistador, apressaram-se a jurar lealdade ao representante do estado judaico e os judeus que tinham fugido para Moabe, Edom e outros povos ao redor para onde tinham sido afugentados voltaram e vieram à terra de Judá, a Gedalias, em Mispa.

Que prazer não deve ter sentido Jeremias ao ver este núcleo estendendo sua influência entre o caos e a confusão ao redor e quanto

deve ter usado de sua influência para firmar a autoridade de Gedalias! O belo sonho, no entanto, foi rudemente dissipado pelo assassinato traidor por parte de Ismael, filho de Netanias, de Gedalias, que parecia ser a pessoa ideal para aquele cargo.

No meio de um banquete oferecido pelo governador, que não suspeitava de nada, este foi morto à espada, juntamente com todos os judeus que estavam com ele e com a guarnição caldéia. No terceiro dia destes assassinatos sangrentos, ainda mataram a setenta peregrinos que estavam de caminho para Jerusalém, para chorar sobre suas ruínas e dar suas ofertas no lugar do altar destruído.

O profundo poço do pátio foi enchido de cadáveres e pouco depois Ismael levou as filhas do rei e todo o povo que se tinha ajuntado a Gedalias e pôs-se a caminho da corte de Baalis, o rei dos amonitas, que era seu cúmplice na conspiração.

Foi uma decepção amarga e para ninguém a dor seria mais aguda do que para Jeremias que, no fracasso deste último esforço para efetuar o restabelecimento pacífico de seu país, viu o antagonismo irreconciliável de seu povo contra o rei da Babilônia. Ele sabia que isto duraria pelo menos setenta anos.

Parece que o povo já estava desanimado porque, embora Joanã e outros capitães dos bandos errantes perseguissem a Ismael e libertassem todos os cativos que este estava levando, recobrando as mulheres e as crianças, no entanto, nenhum deles se atreveu a voltar para Mispa, antes, como ovelhas sem pastor, perseguidas por cães, ofegantes e assustadas, resolveram abandonar a terra e retirar-se para o sul, com o propósito de fugir para o Egito, com o qual, durante os últimos dias de sua história nacional, tinham mantido relacionamento amistoso.

E levaram consigo a Jeremias. Confiavam em suas orações e na sua veracidade, pois que suas predições tinham sido confirmadas tão frequentemente pelos resultados. Sabiam que Jeremias gozava do favor da corte de Babilônia. Criam que suas palavras prevaleciam com Deus.

E por isto o consideraram como um escudo e uma defesa, um nobre representante das mais elevadas esperanças e tradições de seu povo, alguém em quem o estadista, o sábio e o profeta se misturavam em proporções iguais.

Pararam em Gerute-Quimã, cujo nome nos faz lembrar a fuga de Davi de Jerusalém e seu regresso para ali, na divisa entre a Palestina e o Egito, e o povo se perguntou se deviam continuar ou voltar. Vieram a Jeremias e lhe suplicaram que buscasse em oração a direção do Senhor sobre o caminho por onde deviam andar e o que deviam fazer. Disseram estar dispostos a ser guiados pela voz de Deus, embora provavelmente não fossem sinceros nisso. Agiram enganosamente contra suas próprias

almas, fingindo desejar apenas os caminhos do Senhor, embora estivessem resolutos em ir para o Egito.

Dez dias depois, Jeremias deu-lhes a resposta de Deus. Veio-lhe a palavra do Senhor e chamou ao povo ao seu redor para lha declarar. Falando em nome do Altíssimo, disse: **“Se permanecerdes nesta terra, então, vos edificarei e não vos derribarei; plantar-vos-ei e não vos arrancarei... Não temais ao rei da Babilônia... porque Eu sou convosco, para vos salvar e vos livrar das suas mãos”** (42.10-11).

Se, por outro lado, persistissem em ir à terra do Egito, com a esperança de que não voltariam a ver guerra, nem ouvir o som de trombeta, nem sentir fome de pão, então lhes sobreviria ali a espada, a fome e a peste; seriam uma maldição e uma vergonha e nunca voltariam a ver sua terra natal.

Parece que, ao falar, estava sabendo com tristeza que durante os dez dias que tinha dedicado a interceder por eles, a inclinação a favor do Egito tinha crescido e que suas palavras não conseguiriam deter a forte tendência de irem para lá.

E assim aconteceu. Mal tinha terminado de dizer as palavras que o Senhor lhe havia dado, os chefes o acusaram de falar falsamente e de apresentar mal a vontade divina.

Não desejando acusá-lo abertamente de traição, sugeriram que Baruque, que ainda o acompanhava como fiel amigo, o tinha incitado a voltar para Canaã com o propósito de entregá-los nas mãos dos caldeus para a morte ou para o cativeiro. Por isto, o povo, aterrorizado, prosseguiu sua marcha para o Egito e se estabeleceu em Tafnes, que estava a uns sessenta quilômetros além da divisa.

Talvez tenha sido este o último ingrediente de amargura no cálice de Jeremias ao ver a obstinação de seu povo, que não queria ser refreado por sua palavra, que resistiu aos seus rogos e que sugeriu que seus conselhos eram uma traição a eles.

Que coisa terrível difamarem e criticarem ao homem que tinha passado quarenta anos de seu fiel ministério público esforçando-se para salvá-los dos conselhos maus e fazê-los voltar para uma fé simples e absoluta no Deus de seus pais!

### **III. O EGITO**

Suas dificuldades ainda não tinham terminado. Assim que o povo se estabeleceu em sua nova pátria foi-lhe mandado que pegasse grandes pedras e as enterrasse perante os judeus debaixo da argamassa do pavimento que estava sendo feito na entrada do palácio do Faraó em Tafnes.

Então ele disse: **“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eis que Eu mandarei vir a Nabucodonosor, rei da Babilônia, Meu servo, e porei o seu trono sobre estas pedras que encaixei; ele estenderá o seu baldaquino real sobre elas. Virá e ferirá a terra do Egito... Lançará fogo às casas dos deuses do Egito e as queimará; levará cativos os ídolos e despiolhará a terra do Egito, como o pastor despiolha a sua própria veste; e sairá dali em paz. Quebrará as colunas de Bete-Semes na terra do Egito e queimará as casas dos deuses do Egito”** (43.10-13).

Devem ter-se passado mais alguns anos, dos quais não temos notícias e durante os quais o grande rei esteve ocupado no sítio de Tiro e, portanto, não tinha condições de prosseguir com seus planos em relação a Faraó. Durante este tempo, os judeus se espalharam sobre uma grande parte do território, de maneira que formaram colônias no Alto Egito como também no Baixo Egito, todas as quais se contaminaram profundamente com a idolatria e com os costumes que prevaleciam ao seu redor.

Apesar de todas as experiências amargas por que tinham passado, queimavam incenso aos deuses do Egito e repetiram as abominações que tinham trazido tantos desastres e sofrimentos a sua nação.

Aproveitando uma convocação em alguma festa idolátrica, Jeremias os admoestou a respeito da sorte inevitável que lhes sobreviria no Egito, assim como lhes tinha sucedido em Jerusalém. **“Castigarei os que habitam na terra do Egito, como o fiz a Jerusalém, com a espada, a fome e a peste, de maneira que, dos restantes de Judá que vieram à terra do Egito para morar, não haverá quem escape e sobreviva para tornar à terra de Judá”** (44.13-14).

Surgiu então um debate acalorado. Os homens protestaram com indignação dizendo que continuariam a queimar incenso à Rainha do Céu, como tinham feito nas ruas de Jerusalém, e ainda atribuíram os males por que tinham passado a terem abandonado este costume. Jeremias, por outro lado, agora um ancião, com os cabelos brancos e o rosto desfigurado pelos sofrimentos, não vacilou em insistir, em nome de Deus, a Quem servia fielmente, que os sofrimentos do povo eram devidos não ao abandono da idolatria, mas à persistência em seus ritos iníquos: **“Queimastes incenso e pecastes contra o Senhor, não obedecestes à voz do Senhor e na Sua lei e nos Seus testemunhos não andastes; por isso, vos sobreveio este mal, como hoje se vê”** (44.23).

A seguir, predisse a invasão do Egito por Nabucodonosor, o que aconteceu no ano 568 antes de Cristo e que resultou, segundo Josefo, na deportação para Babilônia do restante dos judeus que, contra os

conselhos de Jeremias, tinham fugido para refugiar-se ali. E ficou provado qual era a palavra fiel, se a do profeta ou se a deles.

Com todas estas experiências duras e penosas, a alma de Jeremias sossegou como a criança desmamada. Embora tenha dito que sua força tinha desaparecido, sua esperança ainda dependia do Senhor. Quando sua alma se lembrava do amargor e do fel por que tinha passado, veio-lhe à mente o pacto divino, favorável e seguro; portanto, tinha esperança. O Senhor era a sua porção e esperava calado a salvação do Senhor. Sabia que Deus não desprezaria para sempre, mas que, embora castigasse, no fim teria compaixão, conforme a multidão de Suas piedades. Sabia que seu Redentor vivia, que se levantaria por sua causa e que recompensaria seus inimigos.

Olhou longe, além da neblina dos anos, e viu que a sentença do cativo estava para expirar, o regresso de seu povo, a reedificação da cidade, o estado santo e abençoado de seus moradores, o reinado glorioso do Rebeno, o Renovo da raiz de Davi, o Novo Pacto diante do qual o Velho se desvaneceria.

Provavelmente, pois, estes seus dias não fossem tão obscuros, mas radiantes com os primeiros raios do Sol da Justiça, que iluminavam seu espírito santo e leal. É preciso crer que o Consolador estava com ele. O Deus que consola aos humildes deve ter-lhe trazido palavras balsâmicas e pacíficas. Nunca na história do mundo Deus tem permitido que Seus servos se afundassem nas trevas completas e desesperadas. Para o reto sempre há uma luz no meio das trevas. As horas mais tristes que sobrevieram ao Filho do homem terminaram com o grito: **“Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito!”** (Lucas 23.46).

Nunca duvidemos do amor de Deus. Não suponhamos nem por um momento que Ele nos tenha esquecido ou abandonado. Nunca cedamos à sugestão do adversário de que a colheita que vamos receber poderia ter sido conseguida por um custo menor.

Quanto a Deus, Seu caminho é perfeito e faz com que o nosso caminho também seja perfeito.

A Escritura não diz nada acerca da morte de Jeremias. Se é verdade que aconteceu com o seu apedrejamento no Egito, como diz a tradição cristã, ou se deu seu último suspiro e entregou sua alma sob os cuidados fiéis de Baruque, em algum aposento, não podemos afirmar. A Bíblia comparativamente diz pouco sobre cenas de morte, para que ficasse mais evidente a narração prolongada da Morte, a única que aboliu a morte. O maior interesse de Deus está na vida e na obra de Seus servos. O que eles fizeram, disseram e sofreram significa para Ele mais do que a maneira pela qual deram a sua vida em seu ministério.

Realmente, saber como um homem viveu nos deixa bastante indiferentes com respeito às suas últimas horas. A coluna esculpida

levanta-se em perfeita simetria desde a terra ainda que talvez não possamos acompanhá-la com nosso olhar por causa da ramagem verde que a oculta à nossa vista. Mas sabemos que é formosa e em perfeita harmonia com o que vemos.

E com que prazer o profeta fecharia seus olhos diante do naufrágio que Deus tinha operado em Seu povo escolhido para abri-los na terra onde nem pecado, nem morte, nem o rumor de guerra interrompem o descanso perfeito! Que olhar de surpresa e de êxtase não haveria no rosto do ancião, a expressão da última visão gloriosa de sua alma ao passar do corpo de corrupção, gasto e cansado pela longa luta, para ouvir o **“bem está, servo bom e fiel”**, o bem-vindo de Deus!

Seu nome foi recordado com reverência excepcional. Ao povo restaurado parecia que seu terno espírito velava por seus interesses. As lutas de Judas Macabeu foram alentadas com o pensamento de que Jeremias tinha vindo para ajudá-lo. Cria-se que continuava no céu com as intercessões pelas quais tinha sido tão famoso na terra e nos dias que precederam o segundo sítio de Jerusalém supunha-se que tinha voltado na pessoa do Filho do homem.

**.oOo. .oOo.  
.oOo.**